

APOSTA
do
DESTINO

JÉSSICA DRIELY



APOSTA *do* DESTINO

Aposta do Destino ©Copyright 2019 — Jéssica Driely

Todos os direitos reservados

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorizações por escrito da autora.

Está é uma obra de ficção qualquer semelhança, com nome, pessoas, locais ou fatos será mera coincidência.

Revisão: Bia Carvalho

Capa: Lumie Studios

Sumário

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

Epílogo



Link: [Aposta do Destino](#)

Best of You – Foo Fighters
Sleeping Sun – Nightwish
Look What You Me Do – Taylor Swift
Yours – Ella Henderson
Can You Feel the Love Tonight – Elton John
Breaking Inside – Shinedown

You And Me – Lifehouse

In the Air Tonight – Tom Speight

Fix a Heart – Demi Lovato

Breathe Me – Sia

Through Glass – Stone Sour

Like I'm Gonna Lose You – Jasmine Thompson

Never Be the Same – Camila Cabello

*Por que me descobriste no abandono
Com que tortura me arrancaste um beijo
Por que me incendiaste de desejo
Quando eu estava bem, morta de sono*

*Com que mentira abriste meu segredo
De que romance antigo me roubaste
Com que raio de luz me iluminaste
Quando eu estava bem, morta de medo*

*Por que não me deixaste adormecida
E me indicaste o mar com que navio
E me deixaste só, com que saída*

*Por que desceste ao meu porão sombrio
Com que direito me ensinaste a vida
Quando eu estava bem, morta de frio.*

Chico Buarque

*Para Paula e Miriã que fizeram parte de cada linha
deste livro.*



A vida é engraçada, não é? Cresci em um orfanato sendo sempre criticada no colégio onde estudava por este fato. Sentia-me rejeitada, não conseguia fazer amigos de forma alguma. A única garota com quem tive contato durante toda a minha infância e adolescência foi Meredith, que hoje mora comigo em nossa casa/pub em Oxford. De conhecidas do orfanato nos tornamos melhores amigas e depois de alguns anos já nos consideramos irmãs, afinal, se todos te excluem da rodinha de amigos, você só pode se juntar com quem te aceita inteiramente como você é.

Saio dos meus devaneios e volto à minha realidade totalmente caótica. Acabei de atropelar um homem, e o choque tomou conta do meu corpo, não por estar errada, pois não é o caso, mas o atordoamento se deve a ele ter se enfiado na rua sem ao menos ter a permissão para atravessar. O cara usava o celular como um doido, sem olhar para o lado, então, quando percebi, minha caminhonete já se encontrava em cima dele. Sério, isso não é nada bom.

Todos me olham, julgando, e até dou um pouco de razão, já que o atropeli tem alguns minutos e não saí do carro para prestar socorro, porém, ninguém entende que estou em choque e o olhar reprovador que me

direcionam não ajuda nada em meu estado de extrema paralisação. Será que não percebem que o pânico dominou todo o meu corpo, fazendo-me ficar mais atordoada do que eles?

Por fim, depois que percebo que um homem que está ao lado do vidro do automóvel liga para emergência, volto à ativa e retiro o cinto de segurança, conseguindo, assim, sair de dentro do conforto da minha caminhonete para o dia frio de Londres.

Olho para a frente no asfalto, e o cara está lá, caído, gemendo de dor. Ele, com toda certeza, deve ter se machucado. Como pôde ter se enfiado no trânsito em movimento?

Escuto algumas pessoas me perguntando se estou bem e só consigo assentir. Agora que viram meu estado catatônico, perceberam que a normalidade não habita meu ser e pararam de me julgar. Ainda impactada, não percebo os minutos passarem até que, ao longe, escuto a sirene da ambulância, o que me tira da letargia e faz com que me aproxime cada vez mais do rapaz caído no chão. Quando chego perto o bastante para ver seu rosto, fico ainda mais desconcertada.

Não posso acreditar que atropelei ninguém menos que Thomas Williams.

Ops! Acho que agora, sim, estou bem ferrada! Já que um dos que excluía Meredith e eu da rodinha está no chão, encarando-me sem acreditar que depois de longos anos eu ainda possa ser real.



Parte 1

Amélia



É tudo muito simples: você é achada em frente à grande porta de madeira do casarão que é mais conhecido como “Lar de Santa Teresa”, ganha um nome e torna-se oficialmente uma órfã. Às vezes você é deixada por mães que não dão conta de criarem seus próprios filhos, ou que simplesmente os abandonam sem um motivo.

Mas viver no orfanato não é problema, o ruim mesmo é ter que ir para o colégio e todos te encararem como se você fosse de outro mundo.

Vejo Meredith, minha colega de quarto, aproximar-se, fazendo, assim, eu sair dos meus devaneios.

— O que faz aí, Amélia? Tá olhando para o nada, parecendo uma doida. — Amélia, foi esse o nome que as freiras me deram quando fui deixada em uma noite fria em frente ao orfanato, sem uma carta, sem um adeus, sem uma explicação de por que fui abandonada.

— Pensando que daqui a quinze minutos as irmãs vão nos mandar para o colégio e eu tô de saco cheio de todos nos olharem como se fôssemos monstros — murmuro. — A gente só tem sete anos, Meredith. deveriam perceber que somos crianças também. Até os professores tratam a gente com

pena.

— Deixa de ser doida, Amélia. Faz como eu, nem ligo. Vamos logo para o colégio, a gente já é chamada de burra, imagina se faltarmos à aula.

E assim partimos para mais um dia onde seremos julgadas, mesmo que ninguém nos conheça. Espero que depois que formos para o colegial as coisas mudem.



Pois é, não mudaram. Nada mudou. Dez anos depois e continuam a me olhar como se fosse um monstro sem coração. Falta um ano para Meredith e eu sermos convidadas a nos retirarmos do orfanato e seguirmos nossas vidas, com uma pequena quantia em dinheiro que o governo nos oferece. Quase todo mundo que “entrou” junto com a gente foi adotado, mas acho que nós duas não éramos o que os pais felizes e sorridentes queriam.

Afinal, quem iria querer uma magricela de cabelos pretos, com olhos mais escuros que o cabelo, e uma ruiva cheia de sardas que usava aparelho? No caso, a morena sou eu, e a ruiva, Meredith. Somos a dupla imperfeita.

Amarro meu rabo de cavalo e aguardo Meredith; ela aparece com o suéter surrado que usa sempre – claro que não é muito diferente do meu, afinal, todas as nossas roupas são graças às doações.

— Pegou a caixa com biscoitos? — pergunto assim que ela para ao meu lado.

— Claro, você acha que passaria horas assando biscoitos para levar a esse piquenique idiota da escola para depois esquecê-los?

— Você, como sempre, com seu humor ácido.

Dizendo isso, saímos para a rua gelada de Londres, porque o clima aqui tem que ser bem mórbido na maioria das vezes só para mostrar uma realidade vivida por quem já tem uma vida bastante sofrida.

Sempre caminhamos vinte minutos para chegarmos ao colégio com o qual o orfanato tem convênio. As crianças que nunca são adotadas têm que estudar lá, o que é uma pena, pois nesta escola só se encontram os alunos mais ricos da cidade. Por que não podia ser uma instituição pública? Sempre me irrita com isso!

Enfim, como hoje acontecerá um grande piquenique coletivo com

todas as turmas no Hyde Park, que fica no centro de Londres, temos que caminhar vinte minutos a mais para chegarmos na hora marcada. Odeio essas dinâmicas em grupo, pois já é difícil aturar os alunos dentro do colégio, mas quando estamos fora, eles fazem questão que outras pessoas vejam a humilhação que nos causam. E o pior é que muitos adultos sabem de tudo, mas não tomam uma iniciativa para interrompê-los.

Chegamos ao parque, e Meredith já fecha sua expressão logo que pisamos na grama. A professora pega a sua vasilha com biscoitos, agradece com um leve sorriso e a leva para a mesa com várias comidinhas que estão com uma cara ótima.

— E aí, vamos fazer o quê? — digo para tentar amenizar a tensão que se instalou.

— Que tal irmos ali naquele grupinho que está rindo da gente para quebrarmos a cara deles? — Meredith sugere.

— Acho que não é uma boa ideia. A Madre Superiora já disse que se sairmos da linha mais uma vez elas terão que nos tirar do colégio, e falta tão pouco para terminarmos o colegial. Só quatro meses, Meredith.

— Você como sempre sendo a boa moça, Amélia. Já que não podemos brigar, então vamos comer. Vi um bolo ali que está me chamando.

Assim que chegamos à mesa, vem ele, o queridinho do colégio, Thomas Williams, e meu apetite que tinha até dado o ar da graça se esvai.

— Então as duas desleixadas querem comer da nossa comida?

Vejo-o chegando cada vez mais perto com sua cadelinha de estimação, Veronica Smart. Eu os odeio com todas as forças. Sempre são os causadores de gozações comigo e com Meredith.

Às vezes os outros alunos até nos esquecem, mas os dois sempre fazem com que se lembrem da nossa existência. Eu queria muito que nos deixassem em paz, mas claro que nunca farão isso.

— Olha, até onde eu sei, a comida é para todos os alunos — desdenha Meredith, pronta para se enfiar em mais uma briga.

— Olha a orfãzinha colocando as asas para fora, querido — manifesta-se Veronica, com sua cara de cachorro. Coitados dos animaizinhos, estarei ofendendo-os se compará-los a essa garota insuportável.

— Saia de perto da mesa, pois eu ouvi bem o que a diretora disse da última vez em que causaram uma briga. Vocês seriam expulsas, e eu duvido que as freiras do orfanato darão conta de colocá-las em outro colégio. — Thomas sorri ao pronunciar.

— Meredith... — digo, segurando seu braço.

— Não começa, Amélia, não vou levar desaforo desses insuportáveis riquinhos.

Quando vou tentar falar algo, Oliver se aproxima. Não sei por que, mas sempre gostei desse garoto, mesmo que nunca tenha falado com ele – apesar de já tê-lo pegado diversas vezes me observando – e muito menos tenha ficado sabendo de algo que tenha feito de bom. Mas me lembro de uma vez em que Thomas e seus amigos não me deixaram atravessar o corredor da escola e foi só Oliver aparecer para que aquela turma me deixasse em paz.

— Thomas, algum problema? — sua voz de veludo é jogada para o vento fazendo com que caia perfeitamente no meu ouvido.

Vejo-o encarando Thomas no fundo dos olhos. Os dois deveriam ser mais parecidos, afinal, são irmãos, mas são completamente diferentes. Um loiro, o outro, moreno, no entanto, ambos têm olhos azuis encantadores. E é óbvio que Thomas se acha o galã do colégio, porém, este título deveria ser atribuído a Oliver, porque ele é perfeito, é a personificação de príncipe encantado e parece ser muito mais educado do que a peste do seu irmão.

— Essas garotas...

— Deixe-as em paz. — Oliver diz, cortando Thomas e fazendo com que suas bochechas fiquem rosadas.

Assim que Veronica, com os olhos arregalados, puxa o braço de Thomas, Oliver direciona seu olhar para Meredith e a mim. Nunca entendi o motivo de ele sempre me encarar daquela forma e não dizer nada.

— Valeu, cara, não sei como você faz parte dessa família sendo tão legal. — diz Meredith para quebrar o silêncio.

— Eu não fiz nada. Parem de atormentar o meu irmão — Oliver completa, nos deixando em choque, e se afasta.

— Ei, a gente não fez nada — Meredith tenta começar outra discussão, mas a interrompo.

— Meredith, agora chega. Eles já foram. Coma o bolo e depois veremos se podemos ir embora.

— Já perdi a fome, Amélia. Esse colégio me cansa.

Assim que recebo a permissão, tento ir embora o mais rápido possível do parque. Meredith me segue em silêncio, e assim vamos até chegarmos ao orfanato.

Só me resta o mesmo pensamento de que está acabando o colegial e que tudo pode melhorar depois dele.



Chegou ao fim. Com toda a certeza esses foram os quatro meses mais demorados da minha vida, mas hoje estamos nos formando. Sinto uma felicidade tremenda pela perspectiva de não ver mais ninguém desse colégio.

Olho ao meu redor e observo todos com a beca preta, muito iguais, com seus familiares, e somente Meredith e eu sozinhas, afinal, as freiras só querem que nosso aniversário de 18 anos chegue logo para nos mandarem embora do orfanato. Não é que elas sejam ruins, mas a gente ocupa espaço e atrapalha as outras crianças que vivem lá. Eu as entendo.

— Isso deveria acabar logo. Quero ir para casa — digo, bufando de raiva. Odeio como me olham. Posso parecer amargurada, por sentir tanta raiva dessas pessoas, mas ninguém se coloca em meu lugar para saber pelo que passo.

— Amélia, larga de ser insuportável, a gente está formando e mesmo que esse pessoal não goste da gente, nós precisamos ao menos participar da festa por cinco minutos. Lembra o que a Madre Superiora falou.

— Ela não precisa saber que não ficamos para a festa. A gente, com esse tempo livre, deveria era começar a procurar um lugar para morar. Sou mais velha do que você uma semana, vou ser expulsa antes. Onde vou ficar?

Meredith me olha, olha de novo, continua me olhando e, por fim, volta a prestar atenção no diretor do colégio que começa a chamar pelo nome. Como não tenho sobrenome sou a terceira a ser chamada.

Levanto-me e caminho até o local indicado, pego meu diploma, o fotógrafo tira uma foto minha e do diretor, e logo eles me despacham. Não sei por qual motivo, Veronica, que está sentada na primeira fileira de cadeiras, coloca o pé a minha frente, fazendo com que eu me estatele no chão.

Sinto meu rosto esquentar enquanto todos riem da minha cara. Não consigo ter reação alguma. Vejo Meredith levantar-se de sua cadeira, mas nego com a cabeça, pedindo que não se aproxime. Com meus olhos cheios de lágrimas, ergo-me, olho a meu redor e enxergo o quanto todo mundo está achando graça da minha cara. Em um canto onde estão os familiares, observo Oliver com o cenho franzido, e isso faz com que minha vergonha aumente.

Quando me concentro novamente no que estão comentando, tudo meio que escurece, mas tento me manter bem. Olho para o meu corpo e é quando vejo que rasguei o meu vestido – lindo, azul e de veludo – na altura do meu joelho. Ok, era só uma roupa de segunda mão, mas foi depois de muito pedir às freiras do orfanato por ele que elas me deram o dinheiro para comprar e, agora, está arruinado.

Sem olhar para Veronica, saio do ginásio onde está acontecendo a formatura. Claro que antes olho novamente para Meredith, para impedi-la de me seguir, porque minha amiga, ao menos, precisa pegar seu diploma com dignidade. Caminho pelo campo do colégio e me sento debaixo de uma árvore bem distante, onde só Meredith poderá me achar – afinal, todas as vezes em que nos escondíamos dos garotos do colégio, era para lá que íamos –, depois que acabar a colação.

Alguns minutos se passam, e a vontade de chorar me domina, mas tento continuar segurando para que não fique ainda pior. Já não basta ter rasgado o vestido, ficar com nariz de batata por me debulhar em lágrimas não me fará sentir melhor.

Mas só tentar não adianta, pois é muita humilhação; por isso, a primeira lágrima cai, a segunda vem com força total, e isso faz com que as outras transbordem por meu rosto.

O que fiz para merecer essa vida? Só posso ter cometido algo muito errado em outra encarnação, se é que esse tipo de coisa existe.

—Não chore por aqueles imbecis.

Olho assustada para o rumo de onde vem a voz. E que voz...

Antes de olhar, eu já sabia quem era, pois guardo esse timbre na minha mente desde sempre, mas só olhando para acreditar que Oliver está parado ao meu lado.

Limpo minhas lágrimas e não digo nada, apenas volto meu olhar para frente, evitando encará-lo. Porém não sei por que diabos ele se sujeita a sentar-se ao meu lado, sujando o seu terno caro com a terra que fica entre a grama.

— Eles não merecem atingir seus objetivos — ele continua falando.

Mesmo querendo responder, não tenho coragem. Ele é irmão do garoto mais mesquinho que já conheci.

— Vai me deixar falando sozinho? — por fim, ele diz.

— Só não entendo o que você faz aqui. Deveria estar vendo seu irmão se formar — digo da forma mais grosseira que consigo, só que não sou

Meredith para mandá-lo sumir de perto de mim.

— Você é mais interessante do que ele. Pode ter certeza disso.

Encaro-o sem acreditar no que acabei de ouvir. Olho embasbacada para seu rosto, tentando entender o que quis dizer. E aí meu mundo termina de virar pó assim que sorri para mim. Sim, ele sorri, mostrando todos os dentes brancos e perfeitos que tem naquela boca ainda mais linda em formato de coração.

— Isso é algum tipo de brincadeira? — pergunto, confusa.

— Vou ser verdadeiro com você. Meu irmão e os amigos fizeram uma aposta, afinal, segundo eles, eu sou apaixonado por você. — Agora sim arregalo ainda mais os meus olhos. — Mas pode ficar tranquila, não sou — ele diz rapidamente quando vê a minha reação.

Volto a olhar para frente, sentindo um pouco de decepção, mas espero para ver se ele vai falar mais alguma coisa. No entanto, só escuto os passarinhos cantando.

— E aí, que aposta é essa? — sussurro, curiosa.

— Que eu chame você para sair e depois te deixe plantada esperando no lugar marcado. Eles estarão lá e farão chacota de você. A quantia é bem significativa, pois sabem que não faço esse tipo de coisa.

Fico em choque com a revelação. Pessoas ricas e suas manias estranhas para gastarem seu dinheiro. Elas tinham demais, por esse motivo gastavam com futilidades.

— E aí você resolveu me contar para se sentir melhor? — cuspo, sentindo-me com um pouco de raiva.

— Calma, não fique brava comigo antes de eu lhe explicar direitinho o que pretendo fazer.

— Como não ficar brava com você? Olha bem o que está me falando! Acha que gosto de sofrer bullying por causa do seu irmão e da turminha ridícula dele? — no final da frase já estou gritando. E nem sei como, mas também fico de pé.

Oliver se levanta e segura meus braços delicadamente para me acalmar.

— Eu nunca pensaria em fazer algo para te magoar, Amélia.

Ele sabe o meu nome?

— Então por que está me falando dessa aposta ridícula?

— Porque quero te levar para sair, ganhar o dinheiro e te dar de presente, pois sei que quando sair do orfanato não terá muitos meios financeiros. É uma quantia boa. Claro que não vai te enriquecer, mas vai dar, ao menos,

para pagar uns três meses de aluguel em algum lugar bacana ou cinco meses em um lugar mais ou menos.

Agora, sim, estou em choque! Não consigo nem pronunciar nada, só encaro os olhos lindos de Oliver, claros, belos... Ele é todo maravilhoso, mas além de lindo ainda consegue ser alguém que dá vontade de guardar em um potinho, onde só pessoas dignas devem ser mantidas.

— Estou começando a ficar envergonhado com você me encarando assim.

Pisco os olhos e saio do meu momento. Ele sorri, eu sorrio, e quando vou falar que aceito a proposta, a minha melhor amiga boca grande pega Oliver despreparado o jogando no chão.

— O que esse cara fez com você? Vou arrebentar *ele* — falando isso, ela desfere um soco no rosto de Oliver que me faz soltar um grito.

— Meredith, pelo amor de Deus, solta ele. — Vou para cima da minha amiga e a retiro com muita dificuldade de cima de Oliver.

O coitado foi pego de surpresa – pois é enorme e nunca seria derrubado por alguém tão pequeno quanto Meredith –, tanto que nem sabe direito o que aconteceu. Sua bochecha com toda certeza ficará com um hematoma do tamanho do mundo.

— Mas o que você tem na cabeça, Meredith? — questiono, encarando-a.

— Quando vi que ele estava te segurando, só agi, Amélia. Não vou deixar esse pessoal te fazer de besta duas vezes no mesmo dia — ela diz, e eu a amo ainda mais por me defender. Sorrindo, tento explicar o que aconteceu.

— Mas, amiga, ele estava sendo gentil comigo, não era nada para se preocupar.

— É, mas não esperei para saber, eu só agi — repete.

— Te admiro por defender a sua amiga, mas acho que mereço um pedido de desculpas — Oliver diz.

— Meu querido, eu nunca peço desculpas, e você não deve merecer nada — minha amiga pronuncia em toda a sua arrogância.

Oliver me olha, e eu sinto pena dele, por isso, as desculpas saem da minha boca.

— Desculpe a Meredith, ela só estava tentando me defender. Seu irmão e os amigos dele a tiram do sério, e, querendo ou não, você faz parte da família.

— Tudo bem. — Suspirando, ele volta ao assunto anterior: — Mas se você puder me responder ou me passar seu telefone para eu te ligar...

— Você não vai ligar para ela — Meredith intervém novamente.

— Meredith, fica quieta — repreendo, ela me olha, chateada. Depois vou ter que me explicar. — Não tenho telefone, se puder ser o do orfanato, é só pedir para me chamar.

— Ótimo, pode ser.

Assim que passo o número, Oliver vai embora. Despede-se com um beijo no meu rosto e um aceno de cabeça para Meredith, afinal, ele tinha que voltar para comemorar a formatura do irmão.

— Que merda foi essa, Amélia? — questiona uma Meredith totalmente exasperada.

— Simplesmente uma aposta que fará a gente ter cinco meses de aluguéis pagos.

Meredith me olha com a boca escancarada. Eu retribuo o olhar, mas faço isso sorrindo. Acho que, desta vez, sofrer uma chacota vai ser legal.

Capítulo 2



Já se passaram cinco míseros dias, e nada de receber uma ligação. Será que ele também estava me enganando? Toda vez que o telefone do orfanato toca penso que pode ser Oliver, mas nunca sou chamada para atendê-lo, então, sempre me decepção um pouco mais.

Agora o único afazer que Meredith e eu temos é arrumar nossas camas e lavar nossos talheres. Estamos sem estudar e nem sabemos se queremos fazer faculdade. O medo de nos envolvermos novamente com alunos que se acham melhores que a gente porque têm pais não nos deixa pensar no que fazer.

Meredith entra no quarto e me encara, encara e encara – odeio essa mania que ela tem –, até dizer:

— Eu sabia que ele não era um idiota. — Um sorrisinho maquiavélico brota em seus lábios ao mesmo tempo em que as palavras terminam de sair. — Mas não ouse dizer isso a ele.

— Do que você está falando? — questiono sem saber do que se trata.

— Simples, minha querida, tem um garoto ali no portão do orfanato...

Na verdade, nesse momento ele está na sala de espera, e a irmã Doris pediu para te chamar, pois Oliver deseja falar com você. — Na última parte Meredith imita a freira, e não sei como ela consegue, mas fica igualzinha.

— Para de me enganar — digo, sem acreditar que Oliver possa estar aqui.

— Nunca faria isso, e você sabe. Anda logo, vai que ele cansa de esperar.

Sem acreditar no que ela diz, saio correndo do quarto e só paro no momento em que atravesso a porta da sala de espera, tentando recuperar o fôlego que perdi pelo caminho. Lá, observo Oliver, que não combina em nada com o ambiente do orfanato. Não quando ele está todo arrumado com sua roupa, de uma marca cara que pagaria dois meses do meu aluguel, sentado nas poltronas remendadas, que estão dispostas na sala de espera de uma sala fedida a mofo. Realmente, ele não combina nada com esse ambiente. Ao lado dele se encontra a irmã Doris, com sua expressão zangada de sempre.

Todo o ambiente humilde não se compara à beleza de Oliver.

Eu deveria parar de colocá-lo em um pedestal de perfeição, mas era meio impossível olhar para Oliver e não pensar que ele fora feito com um pincel raro.

— Oliver — digo, ainda bufando, sem ar.

— Já disse para você ter modos, Amélia. Converse com sua visita e em meia hora peça para ele se retirar — ao pronunciar isso, a irmã sai da sala.

— Uau, elas sempre são grossas assim? — Oliver pergunta, sorridente.

— Só quando tem alguma visita, que não são possíveis casais adotantes — sussurro, ainda sem recuperar o fôlego por completo.

— Credo, deve ser horrível morar aqui.

— Ao menos elas dão casa e comida pra gente — respondo chateada, sei que não é fácil como vivemos no orfanato, mas tenho um lar graças às irmãs e à madre superiora, então, não admito que falem mal dele.

— Desculpe-me, não queria ser grosso.

— Mas acabou sendo — pronuncio, assim que me sento na poltrona em frente a dele. Sinto-a se afundar, por estar com a espuma gasta demais. — Sei que minha vida é meio difícil, só que foi tudo o que tive em toda a minha existência. — completo em um tom gentil.

Olho para Oliver enquanto ele me observa de forma estranha

deixando-me um pouco sem graça com seu olhar cheio de significados, que grita: por algo que não consigo explicar.

— Sempre te deixo com raiva de mim em menos de cinco minutos de conversa — diz com o cenho franzido.

— Não estou com raiva, só me chateio se falar mal do orfanato — tento amenizar as coisas.

— Tudo bem, não vou me referir a ele novamente. Só que não vim aqui para falar do orfanato e, sim, do nosso plano. — Abre o sorriso lindo com marca registrada de Oliver.

— Esperei sua ligação, pensei que tinha desistido.

O olhar que ele me lança me deixa sem jeito.

— Nunca desistiria de te ajudar, meu irmão merece ser enganado pelo menos uma vez.

— Pode ser errado, mas concordo com isso. — Suspiro.

— Não sei como é sofrer como você sofre, infelizmente a vida nos privilegiou muito. Mas entendo seu sentimento, então sei bem o quanto o odeia e digamos que ele infernizou bastante a minha vida, nesse tempo em que estudou no mesmo período que eu — diz, por fim.

Oliver sempre esteve dois anos à nossa frente. Enquanto terminávamos o ensino médio, ele – não sei por qual motivo – fazia cursos que o colégio oferecia, mas já devia estar cursando alguma faculdade. Mesmo conhecendo-o há bastante tempo, não tenho a mínima ideia do que pretende cursar – já que não trocávamos nem meias palavras –, então, fico tentada a perguntar, mas deixo pra lá. Não quero ter mais do que o contato necessário com ele.

— Tá tudo bem? — ele pergunta, encarando-me.

— Sim, por quê?

— Você de repente me olhou com uma expressão de curiosidade. — Como ele pode perceber tantas coisas ao meu respeito?

— Não era nada, mas então como vai ser? — tento mudar de assunto, pois me sentir exposta para Oliver Williams nunca foi uma opção.

— Amélia. — Suspira, apoiando seus braços nos joelhos, voltando a me encarar de uma forma constrangedora, em seguida, falou algo que fez eu achá-lo um pouco fofo. — Eu sei que você precisa desse dinheiro, para “n” motivos, mas não sei se estou me sentindo bem com toda essa situação de ter que deixá-la participar de algo tão maldoso.

— Infelizmente não tenho escolha, Oliver. Eu aceitaria essa aposta de

qualquer jeito, penso no meu futuro e de Meredith fora do orfanato.

— Não quero ser dono das suas escolhas, Amélia. No entanto acho que o melhor a fazer é pensarmos em outra coisa. — A vontade que senti foi de abraçá-lo por pensar tanto no meu bem estar, porém me contive.

— Agradeço por sua preocupação, só que eu realmente preciso desse dinheiro, então sofrer algum tipo de bullying não será problema. Por favor, me diz como acontecerá? — Pedi em um sussurro.

— Ok! — respondeu derrotado. — Eles querem marcar para sexta, o restaurante é caro e provavelmente estará lotado. Pretendem te constranger, não sei como, pois não entraram em detalhes comigo. — Ao finalizar Oliver nega com a cabeça, solta um longo suspiro e prossegue. — Vou te esperar na esquina do restaurante, assim que você sair de lá poderá entrar no meu carro que te deixo em segurança, aqui no orfanato. No outro dia, farei questão de trazer o seu dinheiro.

Assinto, pensando se esse plano vai dar certo. Neste momento pareço a Meredith falando.

— Tem certeza de que posso confiar? Você não vai me fazer passar vergonha à toa, né?

— Eu nunca farei isso, Amélia. Confia em mim.

— Confiança é algo que precisa ser conquistado. Se realmente acontecer como estamos planejando, talvez, sim, a gente possa se tornar amigos. — Comento.

— Bem que eu queria.

— Talvez você possa querer ainda.

Do nada ele me declara algo que eu não estava esperando ouvir.

— Minha família não permite.

— Como? — pergunto, sem entender.

— Minha família não permite que eu me aproxime de vocês, por isso nunca tentei chegar mais perto. Só quando era necessário para te livrar do meu irmão.

Escancaro minha boca, sem conseguir expressar uma reação. Meu Deus! Como seria viver com pessoas tão preconceituosas?

— É meio chocante mesmo — sussurra ao ver minha expressão.

— Eu já imaginava que sua família fosse complicada, mas isso é demais para qualquer pessoa. — Parei por um momento, mas logo resolvi liberar o que estava em meu coração. — Só nunca entendi o porquê de você não ser assim.

— Porque sou realista, sei muito bem que a vida não gira em torno do meu umbigo. Sempre odiei essa vida mesquinha que nós levamos.

As palavras de Oliver mexem comigo. Como ele pode ser tão legal? Droga! Não posso ter simpatia por ele, pois somos de mundos muito diferentes. O que ele acabou de dizer prova isso. Mas, surpreendentemente, sinto vontade de confortá-lo por ser a exceção em uma família de pessoas sem coração. Tirando-me dos meus devaneios, o celular dele toca. Enquanto está visualizando o visor, posso observá-lo como sempre faço, só para ter mais certeza de que é maravilhosamente lindo. Sua barba por fazer me deixa com vontade de tocá-la para ver se é macia ou áspera; sua boca perfeitamente delineada dá vontade de prová-la. Nunca fui beijada e tenho certeza de que receber um beijo de Oliver poderia fazer meu mundo ir à ruína, como também poderia me levar aos céus. Seus cabelos lisos, jogados para trás, fazem com que a vontade de passar meus dedos pelos fios aumente ainda mais.

— Você está de novo me olhando daquela forma assustadoramente curiosa.

Observar nunca foi tão constrangedor, afinal de contas, ser pega no flagra não era algo que eu quisesse que acontecesse. Fico calada olhando-o, conforme abre um sorriso que eu assisto como se o mundo estivesse em câmera lenta. Tento desviar os meus olhos para não demonstrar o quanto ele mexe comigo. E quando percebe que não irei me manifestar, continua:

— Bom, tenho que ir. Almoço em família e essas coisas entediantes.

Assim que Oliver se levanta, percebe que deu outra mancada e tenta se desculpar. Pela sua expressão vejo que está completamente arrependido do que disse.

— Oliver, calma. Eu não tenho família, mas posso imaginar como são esses almoços. Devem ser como os dias da adoção que temos aqui. Quando uma criança deseja muito ser adotada e vêm as famílias buscarem o novo membro e não é você o escolhido, tudo se torna cinza e triste. E os almoços costumam ser um tédio, ninguém conversa.

— Não. — Oliver se aproxima de mim. Estou na porta, esperando-o sair, e ele toca o meu rosto com o nó dos seus dedos, fazendo com que minha pele se arrepie. Então, diz com a voz doce que tem: — O meu almoço não é assim, e eu fui um imbecil ao dizer isso. O seu almoço é triste, mas o meu... estou reclamando de barriga cheia. Me desculpe.

Assim que termina de falar, nem dando tempo de eu assimilar sua

mão em meu rosto, que ele beija, e se despede.

— Te pego aqui na sexta, às sete da noite. — Olho meio petrificada para ele, depois do que fez, mas respondo meio débil.

— Te espero, então.

Assim que vejo seu carro sair pela rua, volto para dentro do pátio do orfanato, e minha fiel escudeira já está à minha espera.

— E aí, o beijo no rosto foi gratificante? — Meredith pergunta com sua pior voz de gozação.

— Fica na sua. — Sorrio sem graça.

— Claro que vou ficar, mas isso só até sexta, quando você estiver pirando para encontrar uma roupa pra sair com o bonitão.

— Você estava ouvindo a minha conversa? — questiono, indignada.

— Claro, afinal eu não iria deixar você sozinha com aquele cara caso ele tentasse algo. — Antes que eu possa falar algo, ela continua. — Mas, só pra deixar claro, eu gosto desse sujeito. Então, apoio caso você queira algo com ele.

Não digo nada, só fico observando minha amiga seguir para a cozinha. Claro que não quero nada com ele. Na verdade, quero o dinheiro e só isso.

Bom, espero que seja só isso. Não estou a fim de me meter em mais enrascadas por causa de um desejo insano que começou a surgir dentro do meu peito. E esse desejo só grita por uma pessoa: Oliver Williams.



Mas Oliver não esperou a sexta chegar, no dia seguinte estava de novo na recepção do orfanato me esperando com aquele sorriso totalmente encantador que faria qualquer pessoa achá-lo uma graça.

Assim que uma das freiras se retirou da recepção, questionei:

— O que faz aqui?

— Então... — Oliver direciona o seu olhar para os seus pés e continua: — Estou com vergonha, mas não consegui esperar até sexta.

— Como assim? — Meu coração está meio disparado, pois não tenho a mínima ideia do que ele está querendo, no entanto sinto que pode abalar as minhas estruturas.

— Amélia, queria te conhecer melhor. Por isso, vim aqui te convidar para almoçar — dizendo isso, ele simplesmente levantou a cabeça, lançando-me aquele olhar de um azul tão profundo que me faria lhe dizer sim imediatamente se não tivesse certo receio do convite.

— Mas por que isso agora? — Respiro fundo prosseguindo. — A gente estudou na mesma escola por anos e mesmo assim você me evitou na

maioria do tempo.

— Eu sei, mas já disse que minha família não aceitaria a nossa aproximação. — Vejo o pesar em seus olhos, só que não sei se posso cair tão fácil em sua lábia.

— Oliver, você tem que se pôr no meu lugar. Não acharia estranho que do nada uma pessoa se aproximasse de você? Ainda mais sabendo de toda uma aposta que está rolando por trás dessa nossa súbita amizade? — Queria ser menos neurótica, mas a vida não me deu a oportunidade de me sentir em paz por nada.

— Entendo. Foi uma ideia ruim, só queria mostrar que não sou como eles. — Levantando-se com toda aquela pose de galã de cinema, aproximou-se de mim. — Desculpa por tudo que o meu irmão fez com você e Meredith. Eu nunca vou me cansar de me desculpar por isso. E, sim, entendo o seu ponto de vista, mas se puder me dar a oportunidade de provar que não sou um monstro. Que posso ser uma pessoa legal. Amélia, prometo a você que nunca irá se arrepender de me dar uma chance para que você me conheça melhor. Por favor?

E foi assim que tudo começara a ruir. Acredito no que diz, porque seus olhos inocentes parecem me provar que é tudo verdade o que fala. Por isso, assinto, concordando com o almoço.

Fomos a um lugar chique em Londres, onde todos me olham de forma estranha, por não estar usando uma roupa tão apropriada quanto as deles, mas não me importo. A única coisa que importa é ver Oliver me contando várias histórias da sua infância e me provando, mais uma vez, que ele é o único que salvava no meio de sua família. Mas o ápice do dia, foi quando começamos a falar dos livros que amamos e percebemos o quanto o nosso gosto é parecido.

— Amo livros de distopia, são meu fascínio. — Comentou de forma despretensiosa.

— Não posso acreditar que temos gostos literários idênticos. — Sorri ao respondê-lo.

— Eu que não acredito que demorei anos para me aproximar de uma pessoa tão legal quanto você, Amélia. — Sua fala meio que mexeu com todos os meus sentidos, o que me deixa um pouco desnorteada. Mas nem foi só pela forma que falou, Oliver tem a incrível mania de me olhar como se fosse desvendar todos os segredos do mundo e isso deixa-me totalmente sem reação, somente vislumbrada com aquele olhar magnífico.

— Você também foi a maior surpresa que apareceu em minha vida

nesses últimos tempos. — Não aguento mais ficar com meu olhar colado ao seu, por isso, olho ao redor para aquele ambiente confortável e deslumbrante que esta totalmente fora da minha rotina.

— Conta mais sobre você. — Pelo visto Oliver não está a fim de dar nossa conversa por encerrada, por isso puxa mais um assunto que me mantém falando por mais alguns minutos.

— Não tenho muito o que contar. — Volto meus olhos para os seus, afinal, é meio impossível não olhar Oliver. Com aqueles olhos que eu nunca cansaria de elogiar, aquele rosto quadrado, o queixo com um furinho sexy no meio, os cabelos loiros perfeitos e a boca... Ah! A boca de Oliver deveria ser proibida em qualquer ser humano, pois seu formato coração destrói o órgão que existe no meu corpo e possui o mesmo nome. É muito difícil não ficar encantada por Oliver Willians.

— Tenho certeza que eu vou querer saber até o pouco que você tem a contar, acho que estou meio interessado em tudo que vem de você, Amélia.

E se eu já era encantada por ele desde sempre, agora meu fascínio triplicou. Tenho quase certeza que ele sabe falar as palavras certas para os momentos certos e nesse exato instante ele acabou de abalar minhas estruturas mais uma vez.

Começo a contar um pouco mais sobre minha vida, como tinha sido encontrada na porta do orfanato e da minha amizade inseparável com Meredith. Falei também de como nós duas quando pequenas morríamos de medo de sermos adotadas por pais diferentes e de nunca mais mantermos contato.

E como esse mesmo medo havia acabado quando atingimos a adolescência e ninguém se interessava por nós mais. Ao fim do meu relato espero um pouco de pena, mas Oliver abre um leve sorriso. Segura minha mão por cima da mesa e diz.

— Essas famílias não sabem o que perderam, você é encantadora, muito inteligente, vejo como é estudiosa no colégio e a Meredith mesmo que seja um poço de rebeldia ainda é uma pessoa legal. Então, já que não foi para terem uma família, vocês duas se tornaram família e é isso que importa. Contem comigo para o que precisarem.

Assinto sem responder nada, só abro um leve sorriso sentindo um carinho imenso por ele. Oliver foi uma das poucas pessoas que entendeu de primeira o meu pensamento e de Meredith. Realmente, ele é alguém para se admirar.

Assim que saímos do restaurante esbarramos em um vendedor de flores na calçada. E suas rosas estavam magníficas.

— Que lindo — sussurrei ao vê-las.

— Aqui. — Mal percebo o que Oliver faz, porém, logo depois, ele pega um dos botões e o entrega a mim, fazendo o vendedor abrir um sorriso de agradecimento pela compra. — Pra você. — Estende a rosa em minha direção.

— Obrigada! — agradeço cheirando a rosa por um momento, deliciando-me com seu aroma doce e floral, uma mistura única que sempre amei. Nunca recebi uma rosa tão linda, por isso fico extremamente emocionada.

— Por nada! — Responde sorrindo e quando vai dizer algo, seu celular toca para nos atrapalhar. Vi sua expressão se fechar ao olhar para tela, e já podia imaginar que fosse alguém de sua família. Quando encerra a ligação, solta um suspiro, e tenho certeza de que nosso passeio tinha acabado, pois em sua expressão estava visível o desagrado.

— Tudo bem, eu já sei, você tem outro compromisso. — Tento sorrir para que minha decepção não seja tão visível.

— Mas eu não queria ir. Queria te levar no Holland Park para passarmos uma tarde agradável.

— Outro dia a gente vai, não quero que você se meta em encrencas por minha causa. — Novamente arrancando um suspiro de surpresa da minha boca, ele passa os nós de seus dedos por meu rosto.

— Você não é uma encrenca, minha família é.

— Não tem problema, outro dia... — Dou de ombros sem completar a frase.

Assentindo ele toma outra atitude inesperada, mas que faz um frio de ansiedade subir por todo meu corpo. Oliver segura minha mão e começa a caminhar comigo em direção ao seu carro.

— Eu prometo que te levarei pra passar uma tarde legal comigo em outro momento.

Ainda segurando minha mão, ele abre a porta do carona para que eu entre. Antes que ela se feche, tomo coragem e respondo:

— Eu irei cobrar.

∞∞∞∞

O tão esperado dia chegou. Não sei por que estou completamente nervosa, parece que nem sei o que vai acontecer. Eles irão fazer piadinhas comigo, passarei vexame, mas logo tudo estará acabado e eu terei o meu dinheiro para começar a viver a minha vida fora do orfanato. Ok, não tão imediatamente, mas já é uma ajuda para isso acontecer.

Tento me lembrar do almoço maravilhoso que tive com Oliver no começo da semana, pois os momentos que passamos juntos não saíram da minha cabeça desde então. Só que Meredith resolveu me atrapalhar bem no meu momento de paz.

— Já decidiu o que vai vestir? — Entra no quarto toda afrontosa.

— Não, Meredith. Não tenho a mínima ideia do que usar em um restaurante chique — respondo, demonstrando o meu nervosismo.

— Não sei por que está nervosa.

— Eu também não, mas, mesmo assim, quero roer as minhas unhas.

— Pelo amor de Deus! Não faça isso, você parou com esse vício há anos.

— Pra você ver a que nível está o meu nervosismo.

— Você quer que eu vá? Já disse que estou pronta pra ir e ficar em um cantinho obscuro até você sair. — Sorri diabolicamente.

— Claro que não, do jeito que eu te conheço, é capaz de querer sair aos socos com todo mundo. — respondo com sarcasmo olhando para ela.

— Pois é, esse é o jeito Meredith de ser, meu amor. — responde antes de sair do quarto, deixando-me confusa com seu rompante. No entanto, logo volta com uma sacola na mão, estendendo-a para mim.

— O que é isso?

— Digamos que a irmã Clara e eu fomos atrás de uma roupinha pra você. Sabemos que não temos condições para comprar nada, mas a irmã Clara se dispôs a gastar um pouco das economias dela por esse vestido.

Meus olhos se enchem de lágrimas, não sei o que falar, muito menos como expressar a minha emoção. As pessoas não entendem, mas não ter família é difícil, e ver essa forma de carinho que Meredith e algumas irmãs do orfanato têm por mim chega a dar um aperto no peito de felicidade. Aquele quentinho que deixa a gente repleta de alegrias por não estarmos sozinha no mundo. O pior da vida é estar sozinho, sem ter ninguém para te apoiar e segurar a sua mão.

Olho para a minha amiga com os olhos marejados. Meredith sempre foi meu apoio, minha irmã, minha força.

— Se você chorar, juro que te dou um murro. — E esta é Meredith sendo delicada como um coice de cavalo.

— Eu te amo, você é a pessoa que vai estar sempre na minha vida — com a voz embargada tento demonstrar o meu sentimento.

— Eu te amo mais, mas não me peça para ficar fazendo essas declarações, você sabe que não sou assim. Agora se arruma.

Antes de sair do quarto ela me abraça rapidamente e logo me deixa sozinha. Abro a sacola e vejo o lindo vestido azul royal de mangas longas e renda, tão lindo e meigo. Visto-o e me acho bonita, algo que raramente acontecera antes.

Não parecer com o que a sociedade deseja não ajuda em sua autoestima, ainda mais ser bem magra, com cabelos sem cortes e um olho que não demonstra nada no meio da escuridão de sentimentos que gritam dentro dele. Mas hoje me sinto linda. Pego as poucas maquiagens que tenho e faço algo leve no rosto.

Depois de algumas horas me arrumando, consigo sair do quarto. E Meredith abre um sorriso ao me ver.

— Com toda certeza aqueles idiotas vão pensar duas vezes antes de zombarem de você.

— Estou meio nervosa, mas pronta para o que tiver que acontecer.

— Então ande logo, o príncipe encantado está te esperando — diz, revirando os olhos.

Ao chegar à recepção, Oliver me encara de uma forma constrangedora. Sua boca fica levemente aberta e seus olhos passeiam por todo o meu corpo. Realmente, estou começando a me arrepender de tudo o que estou prestes a fazer.

Ele também não está nada mal, com sua calça jeans preta, uma camisa branca e um casaco de couro. Realmente a visão do paraíso foi atualizada, e ela se chama: Oliver.

— Você está linda. — Acho que ele não queria falar isso, pois quando percebe o sorrisinho de Meredith, ele cora. Ver um homem enrubescer é muito gratificante.

— Obrigada! — Tento soar normal, mas saber que ele gosta do que vê deixa meu coração novamente descompassado.

— Vamos?

— Sim!

Oliver novamente pega a minha mão e partimos em direção ao seu

carro.

O caminho é regado de puro nervosismo, Oliver colocou uma música leve, mas mesmo assim não consegui controlar minhas pernas que estavam inquietas e assim que chegamos próximo ao restaurante que eu deveria estar comecei a hiperventilar.

— Amélia, calma. — Oliver disse assim que percebeu meu estado, não conseguia olhar para ele, muito menos ouvir o que ele dizia, pareciam palavras de conforto, mas com o nervosismo nada ajudava.

Senti que Oliver segurou minhas mãos, mas eu só pensava por tudo que teria que passar, por toda a humilhação, o medo de acontecer algo pior. Meu Deus! O que eu estava fazendo?

Percebendo que suas palavras não adiantavam de nada Oliver segurou meu queixo e fez meus olhos serem direcionados para os seus.

— Amélia, acalme-se, não irei deixar fazerem isso com você. Não vou deixar você ir enfrentar aqueles abutres neste estado. Eu te ajudarei com o que precisar, mas não posso permitir que você faça isso. Olha como você está.

Com a mão que não estava em meu queixo, ele afagou meu rosto, fazendo com que meus olhos fechassem e minha respiração começasse a se acalmar. Sua voz gentil ainda ressoava pelo ambiente fechado do carro. A música que eu amava cantar antes de dormir – Wicked Game – tocava no som do carro e tudo aquilo foi ficando íntimo demais.

Abri meus olhos e percebi a respiração de Oliver meio alterada, ele me encarava tão profundamente que fui obrigada a engolir em seco. E quando seus olhos desceram em direção da minha boca, todos os meus músculos se contraíram pela ansiedade.

Tudo aconteceu de forma lenta, seus olhos voltaram aos meus, seus lábios se separaram e eu ouvi a pergunta.

— Posso? — Sem saber o que fazer, assenti somente.

Oliver se aproximou lentamente dos meus lábios – e eu não podia acreditar que iria ser beijada por Oliver Williams, nem nos meus melhores sonhos eu pensei que isso poderia ser real –, mas quando sua boca tocou na minha tudo parou.

A terra parou de girar, as batidas do meu coração pararam, os sons dos carros lá fora pararam, as conversas paralelas, meu mundo se tornou o beijo de Oliver. Seus lábios estavam conectados nos meus, mas ele avançou mais. Sua língua pediu passagem para tocar na minha e o momento foi

extremamente único. Nossa dança de lábios e línguas começou de forma calma e no decorrer de alguns instantes tudo ganhou proporções diferentes. Oliver não beijava somente, ele fazia algo que deveria ser considerado uma das belezas do mundo. Ele levava a nossa mente para outra dimensão.

Seu braço enlaçou minha cintura fazendo com que eu me aproximasse mais dele e eu joguei os meus em volta de seu pescoço. O nosso contato ficou ainda melhor e realmente eu nunca havia sido beijada, mas para um primeiro beijo eu já estaria perdida para o resto do mundo, pois nada se comparava ao beijo de Oliver.

Assim que nos afastamos toda a barulheira ao nosso redor voltou, na verdade elas não haviam parado, porém o encanto fez eu esquecê-las, o poder do homem que me olhava ainda tentando controlar sua respiração, deixava tudo insignificante quando colava sua boca na minha.

— Acalmou-se mais? — Ele questionou ainda meio ofegante, abrindo um sorrisinho leve.

— Nem me lembro de estar nervosa. — Tentei brincar, mas com a respiração muito parecida com a sua.

Oliver se aproximou do meu corpo em um rompante e roubou mais um beijo dos meus lábios.

— Eu não estava preparado pra sentir isso tudo que senti ao te beijar. — Pronunciou assim que se afastou.

— Muito menos eu. — Sussurrei, com pouco menos vergonha da intimidade que tínhamos dividido naquele momento.

— Acho melhor irmos embora.

— Não. — Respondi. — Eu decidi que vou entrar, tenho que fazer Oliver, não quero usar seu dinheiro, agradeço por ter me oferecido, no entanto eu mesma vou consegui-lo.

— Mas, Amélia...

— Nem mais nem menos, estou indo.

Saí do carro e foi a pior decisão que eu tomei em toda minha vida. Assim que pisei no asfalto, fui puxada por alguém que tampou minha boca. Como estávamos em um lugar meio escuro ninguém conseguia ver o que estava acontecendo.

Escutei Oliver sair do carro rapidamente e vir em minha direção.

— Larga ela. — Desvencilhou-me dos braços do cara estranho, mas nada nos preparou para o que aconteceria a seguir. Logo à frente tinha um beco escuro e de lá saíram mais dois homens que tinham o rosto tampado

com um capuz escuro.

Eles seguraram Oliver e como aconteceu comigo tamparam a boca dele. Oliver começou a se debater enquanto o outro homem encapuzado empurrava-me para o beco e começava a me atingir com socos e chutes, logo perdi as forças e caí no chão. Ao longe via Oliver se debatendo com os dois homens que eram muito maiores que ele, mas devido ao espancamento que eu estava sofrendo fui começando perder a consciência, não antes de ver Oliver conseguir escapar e começar a socar um dos caras.

Depois disso tudo escureceu...



Meredith

Fico preocupada com a Amélia, ela é sempre muito amorosa, sempre defende quem não merece ser defendido e às vezes tenho vontade de espancá-la de tão sonsa que parece ser, mas ver o brilho em seus olhos quando direciona o olhar para Oliver me faz sentir completa. Minha amiga merece sorrir ao menos uma vez na vida.

Ela sai toda deslumbrante com o vestido azul royal e entra no carro de Oliver. Sei que não deveria deixá-la fazer isso sozinha, afinal, o dinheiro será de usufruto nosso, para a nossa casa, pois faltam poucos dias para sermos expulsas da nossa atual residência.

Por isso, não perco tempo. Assim que o carro parte em direção ao destino que levará minha amiga para passar algum vexame, corro para o aparador onde está o meu casaco e saio às pressas, avisando a uma das irmãs que estão por perto que irei caminhar, mas que volto logo. Meu coração pede,

grita e implora que eu esteja perto da minha amiga neste momento, por isso, corro o mais rápido que posso.

Depois de algum tempo, aproximo-me do restaurante onde Amélia deveria estar sofrendo algum tipo de bullying, mas não a encontro. Olho para todo o lugar e não a vejo. Tento entrar, mas logo sou barrada. O segurança não me fala o motivo, porém, a forma como encara minhas roupas me faz perceber que o vestuário é o que manda no recinto.

Não faço escândalo, pois Amélia me mataria se soubesse que cometi algo contra um segurança de restaurante. Por isso, só deixo passar e olho pela rua para ver se encontro um jeito de achá-la. É quando vejo o carro de Oliver, perto de um beco. Sei que o combinado era ele ficar esperando por ela enquanto ela passava a vergonha sozinha.

Por isso, decidida e querendo escutar meu coração que está saltando pela minha boca, caminho até o carro; só que esse não é o problema, o real motivo de o meu corpo começar a tremer é ver Oliver se debatendo com dois caras no início do beco, quando o vejo dar um soco em um e pegar um pedaço de madeira que estava no chão acertando o outro que tentava impedi-lo, sei que algo muito errado está acontecendo.

Olho para todos os lados e não vejo Amélia e é quando começo a gritar correndo em direção aos caras que eles param de tentar acertar Oliver que revidava com o pedaço de madeira.

Vejo no final do beco um corpo no chão – enquanto os três homens que estavam no beco fogem pelo outro lado escuro – e meu coração que estava disparado, de repente perde algumas batidas.

Oliver não espera que eu o questione, sai correndo em direção ao corpo que sei ser de minha amiga. Vejo a forma lenta que ele toca nela, com medo tanto quanto eu que algo pior pudesse ter acontecido com ela.

Deixo meus pés tomarem conta do meu corpo e caminho para perto deles.

— Amélia, fala alguma coisa. — Oliver sussurra, mas não obtém respostas.

— Precisamos levá-la a um hospital. — Tiro as palavras do fundo da minha garganta.

— Irei fazer isso agora, abre a porta traseira do carro, Meredith. Vou colocá-la lá. Está aberto, saí o mais rápido que pude para tentar defendê-la. — Oliver começou a dizer meio desorientado, pegou Amélia em seus braços e assim que me olhou tomei coragem e comecei a fazer o que ele pediu.

Sentei-me no banco traseiro e ele colocou Amélia – que ainda estava desacordada com a cabeça apoiada em meu colo. Logo deu a partida no carro.

— O que aconteceu? — Questionei querendo saber. — Não sei, estávamos bem, ela foi sair do carro e... — Oliver não terminou de falar socando o volante. — Eu devia ter impendido de fazerem isso com ela, fui fraco.

Vê-lo se culpando fez com que eu sentisse um pouco de pena, mas não respondi nada, pois nesse momento eu só tinha pensamentos para Amélia que estava ferida em meu colo, com o rosto sangrando e eu nem queria olhar as partes que o vestido tampava.

Assim que chegamos ao hospital, Oliver mais que rapidamente retirou Amélia com todo cuidado do mundo dos meus braços, para não a machucar ainda mais. Chegou pedindo por ajuda no hospital e o pessoal prontamente se colocou a ajudar.

Logo afastaram-se levando Amélia em uma maca e Oliver e eu ficamos desolados na sala de espera. Ele passou suas mãos por seus cabelos e vi seus olhos marejados, enquanto eu sentia um medo angustiante tomar minha alma. Não podia perder minha amiga.

Olhei ao redor percebendo que aquele não era um hospital público e tudo piorou um pouco mais. Oliver sentou-se em uma das poltronas da sala de espera e eu sentei-me ao seu lado sussurrando.

— Oliver, entendo você se preocupar tanto com minha amiga, mas não temos condições de pagar por seus cuidados neste hospital.

— Não se preocupe com isso, tudo isso é minha responsabilidade. — Eu não sabia até aquele momento o que Amélia tinha visto em Oliver, mas ao ouvir suas palavras soube exatamente o que aconteceu. Ele era um cara bom, um no meio de muitos ruins.

O clima não era para comentários sarcásticos, por isso, não o fiz, mas acho que Oliver e Amélia estavam se apaixonando e só eles não percebiam isso.

— Tudo culpa minha...

— Não se culpe, vocês não poderiam saber que ia acontecer isso.

Nem direcionou os olhos em minha direção, só encostou suas costas na poltrona e eu para dar o apoio que ele parecia necessitar segurei sua mão. Percebi que seus dedos assim como os meus estavam sujos de sangue.

Um sangue de uma pessoa que não merecia passar pelo que estava passando, o ser mais doce e gentil que já pude conhecer em toda minha vida.

Amélia era minha irmã e saber que ela corria riscos me deixava muito mal.

Olhando para um ponto não exato, igual a Oliver, começo a pedir muito a Deus para que Amélia fique bem. Sabia que a nossa espera seria longa, e o que restava era esperar o médico nos informar o estado da minha amiga.

E mesmo não sendo adepta a demonstrar sentimentos, deixo a primeira lágrima cair, pois desabar é a única coisa que me resta ao esperar alguma resposta sobre minha irmã.

Eu não posso perder a minha amiga, não posso...

∞∞∞∞

Amélia

Tudo dói, alguns relances passam por minha mente enquanto tento me lembrar de tudo que aconteceu. Não sei o motivo de Oliver e eu sermos atacados, mas mal havia descido de seu carro e fui capturada por alguém, enquanto Oliver lutava contra outros dois que haviam aparecido no beco. Por isso, repito a história pela segunda vez, para o oficial que está sentado na cadeira ao lado do meu leito no hospital.

— Eu descii do carro, e fui presa por um homem grande sem entender muito bem, Oliver tentou me defender, mas foi em vão. Eram três contra um.

O policial me olha e torna a perguntar.

— Como você sabia que eram homens?

— Porque eles falavam enquanto me batiam, e as vozes eram masculinas, tenho certeza que Oliver já disse isso para o senhor também. — murmuro ficando um pouco nervosa. Ainda bem que nada muito pior aconteceu comigo ou com Oliver, mas o fato de ter sido espancada e

quebrado meu braço e uma costela ainda me apavora.

Meredith se aproxima do meu leito, assim que percebe como estou abalada emocionalmente. Então, segura minha mão e questiona o policial.

— O senhor já terminou? Está fazendo minha amiga ter essas recordações horrorosas.

— Sim, já tenho tudo relatado. Se surgir mais alguma dúvida voltarei para mais perguntas.

Assim que o oficial deixa meu quarto fechando a porta consigo relaxar um pouco, tentando não respirar muito forte para não sentir muita dor em meu corpo.

— Ainda bem, não o aguentava mais. — Minha amiga reclama, assim que volta a sentar em sua poltrona.

Já estava há uma semana no hospital que parecia mais uma mansão, algumas freiras – que eram legais – do orfanato vieram me visitar, mas desde então as únicas pessoas que apareciam eram Meredith e Oliver.

Esse que segundo Meredith ficou transtornado com meu estado, que estava pagando minha estadia que não deveria ser barata neste hospital e o homem que lutou com dois caras para me defender. Claro, que sei que minha amiga também ajudou com seus gritos frenéticos.

— Queria receber alta logo. — Cuspo com um humor péssimo.

— Logo você sairá, Amélia. E desfaz essa carranca, pois agorinha seu príncipe estará aqui.

Sorrio mesmo sem querer. Meredith começou com a mania irritante de chamar Oliver de meu príncipe e não há ninguém que consiga tirar isso da sua mente.

E foi só falar nele, que a porta do quarto se abriu, após duas batidinhas. E ele entrou, todo lindo, todo arrumado, cheiroso... Todo Oliver.

— Como vão, senhoritas? — Disse segurando um urso de pelúcia enorme.

— Tô bem e vou cair fora, pois não sou obrigada a ver tanta breguice. — Meredith quase gritou ao sair rapidamente do quarto.

Quase gargalhei ao ver a cena que ela fez, mas lembrei a tempo de que não podia fazer isso, pois se não morreria de dor.

— Como está, meu amor? — Desde o dia que aconteceu o acidente, Oliver não parou mais de me chamar de meu amor.

— Estou bem, na medida do possível — respondi.

— Trouxe para você. — Diz colocando o urso enorme ao lado da

minha cama.

— Achei meio exagerado — respondi sorrindo.

— Acho que você merece.

Olhei dentro dos seus olhos e vi quando ele se aproximou lentamente de mim, nesses dias no hospital nosso envolvimento tinha avançado de forma absurda, parecia até irreal do quanto de intimidade que tínhamos um com o outro.

Quando seus lábios tocaram os meus de forma doce e gentil, senti minha pulsação aumentar. Cada beijo de Oliver, cada roçar de lábios, cada demonstração de sentimento era diferente. E a cada dia eu sentia uma conexão inexplicável com ele.

Ao se afastar ainda afagou um pouco do meu rosto com os nós de seus dedos, fazendo com que eu fechasse o olho para seu carinho tão bom.

— Estou gostando de você, Amélia. — Soltou de uma vez sem nem me preparar para suas palavras. — Sei que ainda é recente, mas preciso que saiba que não consigo parar de pensar em você. Simplesmente, te acho a melhor pessoa que surgiu no meu caminho em toda minha vida. Você é especial.

— Você também é especial, Oliver, há muito tempo estou tentando esconder, porém você é muito importante para mim.

Não tive medo de declarar o que estava sentindo, afinal ele estava sendo bem sincero comigo, então resolvi que ser clara com ele era importante.

— Falei com o doutor antes de vir para cá e ele disse que logo você receberá sua alta. E aí eu poderei te mostrar o lugar legal que encontrei para você e Meredith morarem. Não é nada muito grande, mas foi exigência sua. — Oliver despejou sobre mim.

— Não precisa ser grande mesmo, pois não teríamos dinheiro para pagar.

Depois de muita insistência de Oliver, nós aceitamos que ele nos ajudasse com nossos primeiros aluguéis, afinal, a grana da aposta nunca recebemos e ainda tivemos sérios problemas comigo no hospital.

— Agora é só esperar para saber o que o futuro nos reserva — comentei, enquanto Oliver segurava minha mão e acarinhava.

E era exatamente isso, era só aguardar para descobrir o que aconteceria com a minha vida, da minha amiga e com a de Oliver. Esperava que o destino não resolvesse brincar ainda mais comigo.



Pode até parecer estranho, mas com o nosso fatídico dia, que jurei ser um dos piores da minha vida, Oliver e eu acabamos nos aproximando mais. E agora, quatro meses depois, temos outro empecilho a resolver. Penso com ironia.

— A televisão nesse lugar fica horrível, todo o reflexo da janela está pegando nela — murmuro, só para implicar com a Meredith.

— Então, coloca em um melhor — diz e sai batendo o pé.

— Não briguem, eu vou colocá-la em um local bom. — Oliver, como sempre prestativo, pega a TV e a posiciona no espaço onde eu disse que ficaria melhor.

Desde que recebi alta, estamos juntos. Claro que mantemos nosso relacionamento escondido da sua família, mas, no momento, só tê-lo ao meu lado já basta. Ele faz com que meus dias sejam melhores, com que eu tenha esperança, sonhos e até vontades que nunca pensei que seria possível sentir.

O carinho que estou recebendo dele nesses quatro meses é a maior demonstração de afeto que um homem pode ter por uma mulher. E eu estou

completamente apaixonada.

Com a ajuda de Oliver e a grana que Meredith e eu tínhamos, conseguimos pagar esses quatro meses que estamos em nosso apartamento.

Ainda tentamos descobrir quem havia feito tamanha atrocidade comigo, mas nunca conseguimos. Oliver questionou Thomas, no entanto ele disse que ficou me esperando, mas, como não apareci, foi embora. Porém, Meredith achou essa história muito mal contada, só que preferi deixar quieto, afinal, Oliver estava bem, eu estava praticamente recuperada – sentia de vez em quando uma pequena dor, mas nada alarmante – e era isso o que importava.

Porém estávamos levando, pois conseguimos um emprego de meio período cada uma, em uma padaria da região, e com isso o nosso aluguel, contas e alimentação, mesmo que nada exorbitante, estavam garantidos.

Assim que Oliver posiciona a televisão em um lugar melhor, ele se vira para mim.

— Agora posso ter um momento com o meu amor? — diz, enlaçando minha cintura.

— Vou verificar na minha agenda se você tem horário marcado, senhor Williams! — Sorrio.

— Sou tão insuportável que preciso ter horário na agenda? — questiona, fazendo um drama que é mais típico de Meredith do que dele.

— Nunca, você é a perfeição da minha vida imperfeita. — Mal fecho minha boca, e ele avança sobre meus lábios.

Aquele beijo quente, do qual nunca me canso. Nunca havia beijado outra boca, mas sinto no fundo do meu ser que a de Oliver é a mais perfeita, a que beija do jeito certo, os lábios que deveriam ficar sobre os meus pela eternidade. Não que com a minha idade eu pudesse afirmar algo, mas todos sentem quando é para sempre. E Oliver era o meu para sempre.

Suas mãos entrelaçadas em minha cintura se comprimem ainda mais, juntando meu corpo ao seu e aprofundando o contato de forma faminta. Passa a mão por minhas costas, descendo até o início da bunda, assim que o beijo fica mais quente, a minha querida irmã chega para atrapalhar.

— Eu não sou obrigada a ficar vendo essa demonstração de sexo quase explícito.

— Larga de ser estressada — murmuro meio ofegante, assim que consigo me desvencilhar dos lábios de Oliver, que mantém seus braços em minha cintura.

— Desse jeito eu vou ser obrigado a tapar meus olhos quando você arrumar um namorado, Meredith — Oliver implica.

— Ainda bem, riquinho, não quero você me perseguindo. — Sentando-se no sofá-cama que temos na sala, liga a TV que está instalada com sucesso e nem se importa com a nossa presença. Realmente uma estraga prazeres.

O celular de Oliver, que está ao lado de Meredith, como sempre toca. Ela olha e fecha a cara; com isso já sei que o meu momento de paz com meu namorado terá fim.

Era estranho pensar na palavra “namorado”. Nunca afirmamos nada, não demos rótulos ao nosso relacionamento, mas eu sabia que era assim que poderíamos denominar nosso relacionamento.

— Oi, mãe. — Acontece uma pequena pausa, Oliver suspira e continua. — Ok, estou indo.

Assim que ele desliga, seus olhos cheios de culpa se direcionam a mim. Saio do meu pequeno apartamento, caminhando para a escada, sem nem falar nada com ele, afinal, já sei que está indo embora, então, a melhor coisa a se fazer é descer para me despedir. Mas nada muda meu pensamento de que sou jogada para escanteio por causa da sua família.

Ok! Não tenho família, por isso não sei o que é colocar entes queridos em primeiro lugar na vida, no entanto, acho que eu mereço mais um pouco de consideração.

— Não me odeie — sussurra assim que enlaça a minha cintura quando paro perto do seu carro de costas para ele, sem conseguir encarar seus olhos até pelo reflexo dos nossos corpos nos vidros do automóvel.

— Eu não odeio você, odeio a situação toda de termos que ficar escondidos, parecendo fugitivos. — Solto um suspiro de desânimo. — Sinto que você me deixaria a qualquer momento se sua mãe pedisse, Oliver. Não queria sentir essa insegurança, mas sinto, sou humana... Já fui abandonada antes...

— Não diga isso. — ele me vira em sua direção e encara meus olhos. — Amélia, você é muito importante para mim, o problema é que minha mãe sabe ser bem persuasiva quando quer.

Uma de suas mãos que estava em minha cintura sobe para a minha nuca, e, puxando minha cabeça, ele encosta seus lábios nos meus e quando sua língua avança à procura da minha, perco-me nas sensações. Realmente beijar Oliver é um delírio. Morde meu lábio inferior, logo voltando para um

beijo mais voraz. Solto um pequeno gemido, o que faz com que ele se afaste e encare meus olhos. Vejo tudo: fogo, desejo, vontade de quero mais, só que estamos em uma área pública. No entanto, logo ele me surpreende.

— Eu juro que vou compensar. No sábado quero te levar em um lugar incrível. Tudo bem? — pergunta assim que finaliza o beijo.

— Tudo bem, vou aguardar ansiosamente.

— Então já deixa uma pequena mala pronta, pois bem cedo estarei passando aqui. Pode colocar roupa de banho, vai ser especial.

— Com você tudo é especial. — Sorrio meio constrangida.

Dando um beijo em minha testa e depois um leve selinho nos meus lábios, caminha para o seu carro. Assim que ele parte, meu coração que já está disparado triplica o batimento, com o pensamento do que pode acontecer no sábado. Subo as escadas correndo para contar a Meredith.

Depois de debulhar todos os meus pensamentos fervilhantes para ela, sinto-me mais calma.

— Então temos que colocar aquele conjunto de lingerie na sua mala. Você nunca usou, e ele é lindo, meigo, igualzinho a você, Amélia — minha amiga quase grita, empolgada.

Na frente de Oliver ela sempre se mostra uma pessoa revoltada, mas Meredith é a melhor, sempre me ajuda nos assuntos de relacionamentos, mesmo não tendo tido nenhum até hoje.

— Você está feliz mesmo com ele? — sua pergunta, depois de minutos, assusta-me.

— Claro que estou. — Olho para sua fisionomia que não representa nenhum tipo de julgamento, somente curiosidade. — Eu o amo, Meredith.

— Tenho tanto medo desse cara te fazer sofrer, mesmo eu sabendo que ele é legal. Você está entrando de cabeça nesse relacionamento, e isso me assusta. Não sei o que poderia cometer caso ele destroçasse seu coração.

— Larga de ser protetora, ele não vai me fazer mal. Oliver me ama, Meredith. Por favor, para de pensar besteiras. Se não você me deixa com receios.

Ela sorri e me abraça. Sim, ela é a melhor amiga e irmã que alguém poderia ter, sempre me colocando em um pedestal, algo que não me agrada, porque se eu levar um tombo, vou me machucar demais de tanto que ela tenta me proteger.

— Vai dar tudo certo, e você vai ser amada por um Williams — Meredith murmura, levantando-se para preparar nosso almoço.



Ainda não são nem cinco horas da manhã, mas já estou de pé. Não consigo me deitar mais, estou ansiosa para o passeio que o Oliver ousou em manter segredo. Ele me deu um celular para nos comunicarmos melhor e desde ontem, quando me desejou boa noite, pois hoje teríamos um dia agitado, não preguei meus olhos.

Pego minha pequena e gasta mala, e me encaminho para a sala. Espero ansiosamente que Oliver entre em contato comigo, mas passa uma hora e meia, e ainda nada de ele me enviar uma mensagem.

— O que você está fazendo de pé tão cedo? — Meredith questiona ao se levantar para ir ao banheiro.

— Não consegui dormir e como Oliver disse que viria cedo, aproveitei para esperá-lo já de pé — balbucio meio chateada por ele ainda não ter chegado.

— Amélia, ele disse cedo e não de madrugada. São só sete horas, daqui a pouco o príncipe encantado bate aí — fala assim que sai do banheiro.

E como se ela fosse uma adivinha, ouço dois toques na porta.

— Viu?! — cospe, levantando sua sobancelha e se encaminhando para o quarto. Antes de entrar, fala: — Boa viagem, qualquer coisa me liga que eu vou te buscar.

Olho para ela antes de abrir a porta, mas Oliver vai ter que esperar um pouco, não posso ir sem me despedir direito da minha amiga. Por isso, corro em sua direção e lhe dou um abraço bem apertado, fazendo que resmungue, como sempre acontece nos instantes fofinhos que temos. Como ela mesma diz, “eu não sou obrigada a aguentar esses momentos cor-de-rosa”.

— Eu te amo, Mer... — sussurro o apelido que odeia, mas amo implicar com ela.

— Juro que se você pronunciar esse apelido novamente, vou te dar um murro. Agora vai logo, antes que esse homem viaje sozinho. —Beijo sua bochecha, ouvindo mais batidas na porta e Oliver chamando meu nome.

Assim que coloco a mão na maçaneta da porta, paro ao ouvir Meredith me chamando.

— Ei... — Olho por cima do ombro, e ela diz, sorrindo. — Eu

também te amo, sua chata.

Adoro quando a casca de durona dela cai por terra, deixando-a toda amorosa. Desde o meu pequeno espancamento, Meredith deixou seu lado mais “rosa” ficar em evidência por mais tempo e agora eu não consigo vê-la somente como a pessoa que sai dando murros por aí, mas também a que chora quando alguém importante está em perigo. Só quero que encontre alguém tão especial como eu encontrei Oliver; ela merece ser amada.

Abro a porta assim que Meredith volta para o quarto e o Oliver que vejo faz todo aquele vendaval de emoções acontecerem em meu coração.

Aquela sensação de plenitude, de vivacidade, de amor, profundo amor.

— Bom dia, minha morena linda. — Sorri com aquela boca em formato de coração, e eu não consigo ficar imune a isso, mas seus olhos são os que sempre me fascinam.

— Bom dia, meu loiro lindo.

O beijo que recebo de bom dia é o melhor. Na verdade, todos os que recebo são os melhores, inéditos, inebriantes. Oliver faz com que cada um seja inesquecível, parece que o destino sabe que um futuro turbulento nos aguarda, por isso, todos eles parecem ser de despedida.

— Vamos para o melhor final de semana da sua vida? — indaga, ainda sorrindo.

— Só se for agora.

Se eu soubesse que esse final de semana seria o último no qual veria Oliver, eu teria aproveitado mais, teria ficado enroscada mais tempo nele e não teria dado atenção a nada além de nós dois. Infelizmente ninguém sabe o futuro, somente Deus, mas eu não estava preparada para o turbilhão de emoções que aconteceriam comigo depois dessa viagem.

E eu jurava que era amor...



Broadstairs é simplesmente incrível. Oliver, alugou um chalé lindo e aconchegante para passarmos o nosso final de semana romântico, que já teve direito a um almoço simplesmente delicioso com vista para o mar da praia de Viking Bay. Eu nunca tinha visto o oceano, então, para mim, foi algo surreal.

Nossa tarde foi regada a vários passeios pela areia, além de termos feito uma trilha pelo morro próximo à praia para apreciá-la da parte de cima. Oliver tirou várias fotos, pois, como ele disse, momentos como esses são para recordar futuramente.

A cada foto tirada comigo ao seu lado é uma batida a mais que ganho em meu coração. Estou muito ferrada e completamente apaixonada. Em tão pouco tempo, ele pegou esse meu órgão que usamos para expressar o amor e desde então não me devolveu mais.

— O que foi, não está gostando do passeio? — indaga quando paro de andar ao seu lado e fico somente focalizando seu rosto.

Eu e minhas manias de pensar demais e parar no tempo!

— Claro que estou amando, só refletindo sobre tudo. Está

acontecendo tão rápido que parece até não ser real — revelo o que aflige meu peito.

— Ei, você acha que eu também não estou assustado? — Oliver para por um momento, mas logo continua, não me dando o direito de resposta. — Eu ficava te observando de longe no colégio, vendo aquela garota toda acanhada que me encantava. Porra, Amélia, não sei como aconteceu, só sei que depois do nosso encontro na formatura, tudo passou a ser melhor ao seu lado. — Segura meu rosto entre suas mãos e continua a revelar os seus sentimentos. — E só de imaginar que estou tão apaixonado por você me dá um medo do caramba. Ainda mais que a minha família me proíbe até de olhar na sua direção. Tenho medo de te perder, medo de alguém atrapalhar nossa vida, medo de você desistir de mim por eu ter tantos problemas pessoais. Não sei como me envolvi tão rápido com você, e ao mesmo tempo eu me pergunto, por que não aconteceu antes?! Amélia, você é tudo que eu precisava em minha vida.

— Oliver... — começo com a voz embargada, mas ele impede que eu prossiga.

— Nunca duvide do meu amor. Já estou organizando tudo para revelar meu namoro com você, minha linda. Sei que sou novo, mas também é concreto que sem você minha não tem sentido, seria como se eu fosse um peixe vivendo fora da água. Por você eu prefiro ser deserdado a ter que ficar aguardando a aceitação da minha família. Eu te amo, Amélia.

Como sempre falo, com Oliver tudo é meio rápido demais, mas essa velocidade é impossível de não aceitar. Em quatro meses me apaixonei perdidamente por ele. As pessoas não acreditam que amores rápidos assim possam acontecer, mas é porque essas mesmas pessoas nunca amaram intensamente alguém, nunca encontraram seu amor no primeiro beijo ou até no primeiro olhar. Oliver pode ser a pessoa com quem eu viveria para sempre. Não sei o que o futuro me reserva, só sei que ele estará presente.

E mesmo que ele tenha sofrido ameaças de ser retirado do testamento dos pais, não desistiu de mim. A mãe dele achou o cúmulo do absurdo nós estarmos juntos na noite do espancamento; Oliver tentou amenizar, falando que não tínhamos nada, mas sei que ela não é tão burra quanto pensamos. Por isso deixou bem claro que tinha suas preferências para nora. Afinal, para ela, Malorie Smart, irmã de Veronica, é muito melhor do que uma garota que nunca fora adotada, abandonada pelos pais na infância e sem o pedigree que tanto quer na sua linhagem.

Deixo meus pensamentos assustadores para trás e digo:

— Eu te amo! — permito que as palavras saiam sem medo. Mesmo que ele já saiba e que eu fale sempre, prefiro lembrá-lo, pois nunca é demais ouvir da pessoa que amamos o quanto ela nos ama também.

— Eu sei, minha princesa.

Voltamos para o chalé e só nesse momento percebo que realmente vamos dormir juntos. Quando chegamos não ficamos muito tempo aqui e logo saímos, então, só agora percebo que há apenas uma cama grande de casal.

Só o pensamento faz o meu coração descompassar. Mas este devaneio logo puxa outro: *ainda bem que a Meredith colocou a única lingerie decente que tenho dentro da mala.*

Oliver é um bom leitor de expressões, pois assim que percebe para onde estou olhando, ele se aproxima de mim.

— Você sabe que eu posso dormir no chão, não sabe? — diz, todo cuidadoso.

— Eu sei, mas quero você do meu lado a noite toda e não no chão — deixo a vergonha de lado, preciso começar a ser mais madura.

Seu sorriso repleto de dentes brancos se abre pra mim. Ele se aproxima, enroscando suas mãos em meus cabelos longos e me beija de forma faminta. Fico na ponta dos pés para alcançar seu pescoço e grudar minha mão em sua nuca, puxando-o ainda mais para mim.

As mãos de Oliver descem por minhas costas e chegam em minha bunda; neste momento o que importa é somente o beijo voraz do qual estávamos necessitados há dias.

Erguendo-me do chão, Oliver faz com que eu entrelace minhas pernas em sua cintura. Nossas bocas não desgrudam, e todos os sentimentos novos e desejos surpreendentes que não consigo nomear inundam meu corpo.

Assim que me sinto sendo deitada sobre o colchão macio, paro abruptamente o beijo. Olhando de forma assustada para Oliver, penso que fomos rápido demais para outro nível.

Passando os nós de seus dedos por meu rosto, sorri carinhoso, dando o espaço de que preciso.

— Irei tomar banho, para depois você poder se arrumar com calma e aí, sim, pensamos no que queremos fazer sobre esta cama. — Seu olhar penetrante me observa, e eu só consigo ver: verdade, amor, carinho e desejo.

Ele se afasta do meu corpo, indo em direção ao banheiro, levando as

roupas que irá vestir junto com ele.

Meio arrependida, mas ao mesmo tempo admirando-o por ter respeitado o meu momento, levanto-me da cama, e vou em direção à geladeira que fica disposta em um dos cantos do chalé, pego o suco de laranja que compramos mais cedo e encho um copo até a borda tomando de uma vez para tentar acalmar meu corpo.

Alguns minutos depois Oliver sai do banheiro e sorri para mim. É a minha deixa, caminho para o banheiro e tranco a porta para ver se assim meu coração não sai correndo de dentro do meu peito e vai parar nos braços de Oliver. Acho que não é somente o coração que quer sair e correr para ele, mas prefiro não pensar nessa hipótese.

Após tomar o banho e pôr um vestido de mangas curtas, estou pronta para sair do banheiro. A roupa não revela muito do meu corpo, mas sei que assim que ele for tirado, mais tarde, Oliver conhecerá cada parte que espera por ele.

Assim que saio do banheiro, ele me olha encantado, como se eu fosse algo precioso demais.

— Você está linda. Sei que sou repetitivo, mas a cada vez que te vejo sinto uma enorme vontade de te dizer isso.

Depois de um leve selinho seguimos o caminho para o restaurante.



Estou comendo minha deliciosa sobremesa quando vem à minha mente algo que eu queria ter perguntado a Oliver desde que saímos de Londres.

— O que você disse para a sua família que iria fazer neste final de semana, para que sua mãe não te perturbe a cada cinco minutos?

— Bom, digamos que tive uma leve briga com ela por não contar aonde eu ia, só disse que sairia com o amor da minha vida — responde, sorrindo como se fosse a coisa mais normal do universo.

— Oliver, ela deve estar querendo te matar. — Sorrio, sentindo-me meio boba.

Anna Williams é um osso duro de roer, além de ser uma controladora nata. Tenho absoluta certeza de que neste momento, por não saber onde

Oliver se encontra, ela deve estar planejando arrancar a cabeça de metade da sociedade britânica.

Nem parece que o garoto tem vinte anos; ela o trata como se fosse uma criança. Com Thomas não é diferente, ainda mais por ele ser mais novo do que o meu namorado. No entanto, o caçula da família não se parece nada com Oliver, afinal, a única dose de amor que vinha dos Williams recaía sobre os ombros desse homem incrível que está sentado à minha frente. Ainda bem!

— Posso pedir a conta? — Oliver me tira dos meus devaneios.

— Claro, estou satisfeita. — Oliver assente, chama o garçom e pede a conta em seguida, acrescentando um pedido de mais uma porção da sobremesa que experimentamos para viagem.

Sou apaixonada por doce, então meio que abro um sorriso enorme por ele ter pedido mais um pouco.

— Vamos? — questiona, assim que o garçom traz o recibo de pagamento e a sobremesa para levarmos.

— Sim.

Caminhamos de mãos dadas pela noite, sentindo um frio suportável até chegarmos ao chalé. Assim que entramos me deparo com uma cama cheia de rosas vermelhas e um caminho feito por velas aromatizadas. Quando saímos não estava assim.

Olho para Oliver – que deixa a sobremesa sobre a mesinha no canto do chalé –, e assim que se aproxima de mim com olhos repletos de ternura, percebe meu questionamento silencioso.

— Eu só quero tentar algo com você se você quiser — diz, encarando meus olhos para constatar se estão apavorados ou se estão aceitando a situação.

E eu tenho certeza de que minha expressão é de puro deleite, pois o que sinto é a vontade imensa de pertencer a ele. Não preciso dizer nada, Oliver me conhece o suficiente, quase sempre conseguia ler os meus pensamentos só de olhar nos meus olhos.

Oliver toma minha boca, com seus lábios carnudos, chupa os meus de forma faminta. Suas mãos seguram meu rosto, enquanto as minhas entram por dentro da sua camisa. Corro minhas unhas por suas costas, arranhando-as, pois preciso desse contato mais brusco.

Suas mãos descem para minhas costas indo diretamente para o fecho do vestido. Com toda calma do mundo ele começa a tirar a peça do meu

corpo, deixando-me de lingerie em sua frente.

Assim que seu olhar cai sobre mim, sinto-me muito exposta, mas ele me acalma até que sinto a necessidade de ser tocada novamente.

Nesta noite, quero me entregar por inteiro a Oliver William.

Suas mãos avançam lentamente por minha pele, deixando-me arrepiada. Enquanto ele tira o restante das peças que cobrem a minha nudez, sinto cada vez mais desejo. Seu olhar de veneração me deixa encantada, fascinada, enche-me de expectativa. E assim que começo a ajudá-lo a tirar suas roupas, sinto meus olhos também a venerá-lo, contemplando aquele corpo ainda mais perfeito do que imaginei.

Com um impulso, e depois de me arrancar um pequeno gritinho de surpresa, Oliver me pega no colo, eu coloco minhas pernas em volta de sua cintura e o contato dos nossos corpos nus me deixa ainda mais ansiosa por tudo o que acontecerá.

Ele me leva para cama em seus braços e assim que me deposita no colchão macio, pairando sobre mim, sinto do fundo do meu ser que sempre ansiei pelo momento em que ficaríamos assim, juntos.

Uma das mãos de Oliver passa por meu rosto, enquanto ele aproxima seus lábios dos meus. Mais um beijo começa devorando todo o meu raciocínio. Sua outra mão desce para meu seio esquerdo, apertando em seguida meu mamilo, fazendo com que o desejo aumente ainda mais.

Sem conseguir me conter solto um gemido agudo, ainda com os lábios grudados nos de Oliver. Ele se afasta e sorri ao olhar em meus olhos. Logo começa a beijar meu pescoço, descendo sua boca por meu corpo, onde para seus lábios em um mamilo e o suga. Eu nunca imaginaria que poderia sentir tanto prazer com um simples toque.

Oliver continua sugando meu mamilo, enquanto sua outra mão desce por meu corpo chegando no local que parecia ser o que mais ansiava. Seu dedo faz carícias inimagináveis comigo e logo penetra-me fazendo com que eu sinta um pouco de ardência, mas mesmo assim o prazer é maior.

Sua boca abandona meu seio e desce por minha barriga, beijos são espalhados por todo o meu corpo, mas quando sua língua toca minha intimidade tudo perde o sentido. Oliver continua a trabalhar com seus dedos dentro do meu núcleo, enquanto sua boca suga meu clítoris.

E essa é a primeira vez que eu vejo estrelas na noite e realmente essa é a melhor sensação que eu poderia sentir em toda a minha vida. Não consigo conter meus gemidos enquanto liberto meu prazer na boca de Oliver.

Ele liberta-me da sensação assim que sobe seu rosto e encara meus olhos.

— É extremamente prazeroso ouvir seus gemidos, meu amor. — Suas mãos acariciam meu corpo e Oliver sussurra. — Agora preciso te fazer minha, serei carinhoso, tudo bem?

Sem conseguir pronunciar nada, assinto, desejando aquela posse tanto quanto ele.

Nessa noite nos tornamos um só e provamos que amamos um ao outro da mesma forma e tivemos a certeza de que deveríamos ficar para sempre assim. Suas mãos me mostraram o quanto eu precisava delas nos lugares exatos onde ele toca. Sua boca, seu membro...

— Eu te amo tanto, Amélia — Oliver fala, por entre um gemido gutural que escapa de sua garganta, assim que me possui pela primeira vez na noite. — Nunca se esqueça, você é o amor da minha vida.

Ele é tão carinhoso, cuida de mim, para que a dor não estrague nosso prazer, e me faz chegar às estrelas de uma forma como nunca imaginei ser possível.

Só que meu corpo necessita de mais, grita desesperadamente por algo mais forte, é um sentimento que eu desconheço, mas que me domina e faz com que eu peça.

— Oliver eu preciso mais forte...

E ele faz o que eu peço estocando mais forte. Arranho suas costas com minhas unhas grito descontroladamente quando mais uma vez o prazer me atinge.

E fomos assim, amando-nos até que Oliver se liberou dentro de mim, com um urro que dominou todo o ambiente. Ele finalizou nosso momento esplêndido com mais um beijo voraz. Alguns minutos se passaram até que ele se retirou de dentro de mim e me puxou para o seu peito, fazendo eu me deitar sob ele.

— Eu nunca vou esquecer que você me ama perdidamente, tanto quanto eu te amo — murmuro respondendo sua declaração de algum tempo atrás observando a luz da lua entrar pela janela e banhar nossos corpos.

— Que bom, meu amor — sua voz está tão sonolenta quanto a minha.

Antes de cair em um sono profundo, após a noite cheia de prazer, penso em uma parte de uma música que amo, pois ela reflete tudo o que estou sentindo... Sussurrando a letra, deixo me levar pela tranquilidade do

momento e adormeço.

*“Eu desejo que esta noite
Dure por uma vida”...*

Sleeping Sun - Nightwish



Mal sabia o futuro de merda que me estava reservado após aquela noite. Um mês se passou desde aquele dia magnífico, quando pensei que a felicidade não poderia ser outra coisa a não ser tudo o que estava sentindo e vivenciando.

Uma pena que tudo tenha desmoronado na segunda-feira, depois de um final de semana maravilhoso.

Ele me deixou em casa, deu vários beijos em minha boca e prometeu que entraria em contato avisando de sua chegada, como era seu costume fazer. Fizemos planos para o dia seguinte, onde ele me levaria ao parque que tanto amávamos no final da tarde, para curtirmos o pôr do sol, aproveitarmos os dias de bom tempo em Londres, só que nada disso aconteceu.

Oliver ficou noivo.

Noivo, noivo, noivo!

Esta palavra não saía da minha cabeça. Não deixava meus pensamentos.

Como ele podia ficar noivo, sendo que um dia antes estava me

prometendo amor eterno? Não havia explicação para tamanha falta de consideração comigo.

A cada pensamento que me acomete, depois da reportagem que passou na TV, minhas lágrimas voltam a aparecer.

Família Williams e Smart vão se unir!

Quando vi aquilo pensei que não existisse dor maior. Fiquei destróçada.

— Eu juro que se vir você chorando por causa daquele... — Meredith para de falar, aproxima-se de mim e continua: — Amélia, Oliver não merece as suas lágrimas, ele...

— Pare de dizer as mesmas coisas sempre! Sei que fui burra de confiar, mas até você sabia que ele era a única pessoa que se salvava naquela família — digo, cortando-a, pois não aguento mais sermões. Fui idiota, como muitas garotas são, mas que culpa eu tenho se ele parecia ser o príncipe que todas procuram?

Liguei para ele, tentei saber o motivo de ter feito aquilo, no entanto, o número já dava como inexistente. Oliver me tirou da sua vida de uma forma estranhamente fria, nada parecida com o homem que eu amava. Sabia que não era possível se conhecer uma pessoa com meses de convivência, porém, o pouco que eu sabia dele, desde quando entrei no colégio, já fez com que eu lhe atribuisse o estereótipo de homem perfeito. E novamente errei em um julgamento.

Meredith foi até a sua casa, e ele colocou seus seguranças para expulsá-la. Não sei como pôde me enganar e jurar me amar mais do que tudo e depois fazer isso. Oliver destruiu todos os meus sonhos, de uma forma que não acredito em mais nada. Meredith falava que eu não podia deixar que um amor não correspondido acabasse com a minha vida daquela forma, mas... porra! Coloquei aquele cara em um patamar de devoção e fui enganada completamente.

Sabia que não devia ter deixado esse amor tomar todo o meu coração, mente e corpo, só que eu jurava que era um sentimento incondicional. Nunca havia amado ninguém além de Meredith, e eu sabia que ela não me abandonaria, por isso, confiei plenamente em Oliver. Fui imatura de uma forma ridícula.

Nesse um mês que se passou, eu caí em um poço sem fundo, e a cada dia me enfiava mais e mais nele. Esperava não perder a minha esperança de uma vida feliz, pois tenho certeza de que se isso morrer dentro de mim, nunca

mais conseguirei sonhar e eu queria poder voltar a sonhar com um futuro melhor.

— Que tal se formos embora de Londres? — Meredith diz, sem mais nem menos.

— Como assim? Não temos nem um emprego decente, onde arrumaremos dinheiro para nos mudarmos? — Não nego sua proposta, pois o que mais quero é sumir dessa cidade que só me trouxe tristeza. Posso um dia voltar para cá, mas quero ir embora. Preciso de uma solução, e se Meredith não a tiver, não saberei o que fazer.

— Vamos para Oxford. Não precisamos de muito para ir embora, não temos muita coisa e tenho certeza de que com mais uma semana de trabalho conseguiremos juntar a grana para alugar algum lugar bacana lá — ela diz, mais ansiosa vendo que posso aceitar.

— É tão perto daqui. O que mudaria se fôssemos para uma cidade tão próxima? — sussurro, voltando a olhar para a janela.

— Mudaria, pois não seria aqui. Pode ser perto, mas é uma vida nova. Vamos, Amélia.

Eu nem precisava assentir. Já que ela tinha estabelecido uma regra, só concordei por concordar mesmo. Talvez estando tão perto e ao mesmo tempo longe faria com que esquecesse que um dia fui enganada por um garoto que demonstrava ser um amor de pessoa. No entanto, toda aparência engana, e Oliver me iludiu de uma forma horrível.

Talvez tudo acabasse melhorando, mas não conseguia acreditar nisso de verdade.

∞∞∞∞

Meredith

Eu juro que a vontade que deu foi de matá-lo, a sangue frio. Amélia sofreu, e não foi pouco, por aquele idiota.

No domingo que ela retornou ao nosso antigo apartamento, jurei que ele era o cara que eu ia agradecer sempre por ter proporcionado felicidade à

minha amiga. Ela sorria como uma boba, encantada. E eu admirava aquilo, pois era lindo de ver um casal tão jovem, se amando perdidamente. Mas na segunda tudo já havia mudado.

Eu tentei entender como ele ficou noivo da noite para o dia, mas o pilantra me colocou para fora de sua casa, ou melhor, fez com que seus seguranças me expulsassem até da calçada.

Ele nunca demonstrou ser um monstro, mas infelizmente enganou a nós duas, e isso me machuca tanto quanto machuca a Amélia. Só de vê-la sofrer, morro por dentro um pouco a cada hora. Ela não come, chora, mal dorme e não está conseguindo se manter muito tempo em pé de tanta fraqueza.

Oxford foi a opção que tínhamos, pois o dinheiro era pouco e precisávamos de novos ares, então ela foi a opção abrupta que passou por minha mente. Antes pensei em ir para Cambridge, mas aqueles idiotas estão fazendo faculdade lá, então, não seria nada legal encontrar com eles por uma obra do destino.

Nosso apartamento aqui não é muito maior que o outro. Na verdade, tenho quase certeza de que é do mesmo tamanho, mas agora temos dois quartos e não um, uma sala que faz junção com a cozinha e estamos aparentemente bem, de fato, Amélia está péssima, mas eu dou meu jeito.

Estou trabalhando em um bar como garçoneiro, enquanto Amélia não para de passar mal há uma semana. Não sei o que deu nela, mas desde que chegamos aqui vem sentindo tonturas e nada para em seu estômago.

— Vou trabalhar, você está melhor? — pergunto, entrando em seu quarto.

— Um pouco. Consegui tomar aquela sopa que você fez. — Sorri levemente para mim.

Franzo o cenho. Odeio vê-la assim, mas todas as vezes que falo em ir a um hospital, ela arruma forças de onde não tem para me impedir de fazê-la ir. No entanto, se ela não melhorar até o próximo final de semana, não esperarei mais, vou levá-la para ver o que está acontecendo.

— Qualquer coisa me liga — digo ao sair e escuto seu sussurro.

— Tá bom e desculpa por deixar você tratar da casa sozinha por essas semanas.

— Não se preocupa com isso — grito, assim que saio do apartamento.

Amélia não sabe – até porque se soubesse me mataria –, mas para

manter a casa por esses dias em que ela está doente e não conseguiu arrumar nenhum emprego, estou tendo que fazer algumas horas extras na sala do meu chefe. O salário de garçonne dá para comprar comida para gente e pagar a conta de luz, mas precisamos de muito mais. Então, não vi saída a não ser aceitar a proposta infame que me foi feita.

E é exatamente por isso que há duas semanas estou indo mais cedo para o bar. Ao abrir a porta vejo que não tem ninguém e já sei para onde devo ir. Esse tipo de coisa é algo que nunca quis me prestar a fazer, mas não posso deixar Amélia na mão no momento em que ela mais precisa de mim.

Entro no escritório nojento do dono do bar, e Marlon está me esperando com aquela barriga proeminente e seu bafo asqueroso.

— Deita na mesa, abre as pernas e espero que esteja sem calcinha.

Ainda bem que desde os meus quatorze anos tomo anticoncepcional, já que sofria horrores com cólicas monstruosas, pois senão já teria arrumado um filho, uma vez que o ser repugnante faz questão de transar sem camisinha.

Sabia que o problema não era só a camisinha, só que eu tinha que fazer algo para ter grana, e essa foi minha saída. Podem me julgar, não me importo!

— Hoje trouxe os exames que pedi para eu fazer, aqui está a prova, vadiazinha, que não tenho nenhuma doença. Então, vou poder aproveitar do seu corpo por completo.

Engoli em seco e me arrependi amargamente de ter prometido tudo a ele caso me provasse que não tinha nada para prejudicar a minha saúde. Claro que ele já tinha aproveitado algumas ocasiões e foi quem tirou minha virgindade, só que ele queria mais, então, como eu não tinha condições no momento para pagar um exame com algum ginecologista, achei a oportunidade para ele fazer.

Sem esperar que ordenasse novamente, deitei meu corpo de frente para a mesa e levantei a minha saia. No momento em que o filho da puta entra em mim, com sua força bruta, fazendo meus olhos se encherem de lágrimas, descubro qual é a doença de Amélia e agora eu tenho certeza de que estamos muito mais ferradas do que já estávamos minutos atrás.

∞∞∞∞

— Não é possível que eu tenha tanto azar, Meredith — Amélia grita.

— É possível quando se transa sem camisinha e sem tomar as precauções necessárias. E o destino gosta de sacanear a gente, Amélia! — grito de volta, perdendo o fio de paciência que vinha tentando demonstrar nos últimos dias.

— Droga!

É a única palavra que Amélia pronuncia assim que o resultado do teste de gravidez aparece em sua mão. Quando vejo a primeira lágrima escorrer por seu rosto, sinto meu corpo perder as forças que restavam.

Sim, estamos ferradas. Muito ferradas!

Capítulo 8



Capítulo 8

Amélia

Observo meu pequeno brincando com seus super-heróis sobre a grama verde do parque da cidade. Ele é o ser mais lindo desse mundo. Tão parecido com o monstro do meu passado, mas ao mesmo tempo tão similar a mim. Seus olhos são claros como os do pai, mas os cabelos escuros puxaram aos meus. Passei por maus bocados durante os seus primeiros anos de vida, mas agora está

tudo melhor. Meredith e eu acreditamos que não conseguiríamos, achamos mesmo que Jack passaria as piores necessidades ao nosso lado. Só que para nos surpreender, demos conta de sobreviver a tudo. E a cada dia meu filho se mostra ainda mais um garoto encantador.

Hoje, oito anos depois, paro para pensar que nunca passou por minha cabeça fazer com ele o que minha família fez comigo. Sei o quanto pode ser ruim crescer sem uma, por isso, enfrentamos dificuldades, mas fizemos isso juntos. Infelizmente não pude oferecer a ele um pai, só que, ao mesmo tempo, nossa família é regada de muito amor. Ele tem uma mãe e uma tia que o amam tanto, e mesmo que a sociedade seja julgadora, provamos que duas mulheres conseguem cuidar, sim, de uma criança e ensiná-la a ter princípios.

Ele é o mais precioso acontecimento da minha vida, simplesmente o meu complemento. Nunca mais me relacionei com alguém, e assim é melhor, pois o amor machuca, corrói-nos por dentro, acaba com nossa vida e nem conseguimos nos defender deste sentimento. No entanto, o mesmo amor que não quero sentir por mais ninguém vem com força total para com o meu filho. Já que sei que ele nunca me abandonará, sempre irá segurar em minha mão. Algum dia encontrará alguém e será feliz, algo que só o futuro poderá nos dizer, mas nunca mentirá sobre seus sentimentos em relação a mim. Amor de mãe e filho é algo inexplicável, que nem as palavras conseguem demonstrar o quanto é verdadeiro.

— Vamos, eu tenho que abrir o pub. — Jack sorri para mim e assente.

Ele é muito retraído; quando está em lugares públicos evita pronunciar qualquer palavra, e eu nunca entendi o motivo. Levei-o até uma psicóloga que disse que estava tudo perfeito com ele, que seria uma fase.

Mas essa fase já dura anos. Quando ele está em casa, conversa abertamente comigo, Meredith e Charles – um rolo da minha amiga –, só que se tiver uma pessoa diferente perto da gente ele não fala nada, só nega e confirma com a cabeça.

Meredith e eu conseguimos comprar o bar há quatro anos – onde ela trabalhava quando nos mudamos para cá, afinal, ele foi vendido por uma quantia ridícula. Ninguém queria aquela espelunca. Depois que o dono infartou e não vingou, tornamo-nos donas, logo o reformamos com muito esforço, tornando o humilde estabelecimento em um pub mais aconchegante, que recebe pessoas de classe alta e não as de antigamente. Por hoje ser sexta-feira é dia do Karaokê, então, eu já deveria estar lá. É dia de lotar.

A noite toma o céu por completo assim que chego em nossa casa – do passeio no parque –, que fica em cima do bar, literalmente, deixo Jack e antes de sair, aviso.

— Qualquer coisa chama a mamãe!

— Pode deixar. — Ele me abraça, indo em direção ao sofá para ver TV.

Olho para ele uma última vez e me deparo com a cena que sempre se repete. Jack coloca a mão por dentro da camiseta e fica batendo seu dedinho indicador no umbigo. Balanço a cabeça sorrindo com suas manias.

Vou em direção à cozinha, que contém uma porta que leva ao pub. Desço as escadas, olhando para as nossas paredes que têm um tom retrô de tijolos pintados em marrom avermelhado, além de uma jukebox. Perto do palco fica o aparelho de Karaokê, e, do seu lado, há uma parede de quadro negro, para que os clientes possam usufruir da criatividade para desenharem.

Ao chegar no lugar onde todos estão reunidos, encontro Meredith, que parece estar extremamente maluca – mais do que já é –, e os seis garçons e garçonetes, que trabalham com a gente no Pub London Bohemian (Boemia Londrina), – nome que demos exatamente em nossa homenagem, pois trouxemos o que há de melhor em Londres para Oxford –, apresentam a mesma expressão de espanto que eu devo estar demonstrando.

— O que tá acontecendo aqui? — questiono, extremamente perdida. Hoje é sexta-feira e já era para o Pub estar começando a ter movimento, mas, olhando para a porta fechada reparo que as únicas pessoas aqui dentro são os funcionários, percebo que algo está muito errado.

— Simplesmente o nosso fornecedor de cerveja de Londres não deu conta de entregar nossas remessas e simplesmente não poderemos abrir hoje. Temos somente quatro engradados que não dão nem para mim — Meredith diz entredentes.

Meu coração dispara. Eu sabia desde o início que ter exclusividade com um único fornecedor que fazia várias qualidades de cerveja artesanal – que eram as mais amadas da região – não seria uma boa opção, mas para nos diferenciar de todos tivemos que optar por isso e agora estávamos pelo visto encrencadas. Porém, sou sempre centrada e quase nunca me desespero.

— Você já fez o anúncio para nossos clientes, avisando que não vamos abrir? — pergunto, tentando não pirlar por ter que perder uma bela de uma grana.

— Em todas as redes sociais há mais ou menos duas horas, quando

eles nos ligaram para avisar, além de ter colocado um anúncio na porta por via das dúvidas. — Bufando, ela continua. — E eu tentei te ligar, mas seu celular estava desligado.

Olho para ela, séria. Meredith sabe muito bem que quando estou em passeio com o Jack não ligo o celular.

— Meredith, eu não tenho culpa do nosso fornecedor se atrasar, infelizmente vamos perder um dia de renda, mas se acalma.

— Amélia, é isso que você não está entendendo, ele não poderá vir hoje e nem amanhã, pois aconteceu um acidente com o caminhão da nossa rota, perderam todas as bebidas que vinham para Oxford e o coitado do motorista se machucou.

— Mas é muito grave o estado dele? — questiono preocupada.

— Parece que não, ainda bem, só que agora tudo complica. Já falei com Amadeo, que irei lá amanhã nem que seja para buscar uma quantidade que dê para o final de semana, no entanto eu juro que irei esfregar o nosso contrato na cara dele. — Olho assustada para minha amiga, com a ameaça que ela faz mesmo que sem querer para o nosso fornecedor.

— Eu entendo que ele deveria lidar melhor com a situação, só que você não pode perder a cabeça, amiga.

— Tá bom, dona certinha.

Nosso assunto é cortado quando seu celular toca

Posso ver que é Charles, seu *não* namorado, como ela gosta de falar. Eles se conheceram há dois anos, mas Meredith nunca quis assumir algo sério com ele, só tem seu sexo sem compromisso.

— Fala, chatinho... — Afasta-se, deixando-me sozinha para falar com os funcionários.

— Bom, pessoal, como não vamos abrir hoje, vocês estão dispensados. Vou resolver esse problema, não se preocupem, nem que eu tenha que ir a Londres, apesar que Meredith vai, buscar nossas bebidas, mas funcionaremos normalmente amanhã. — Sorrio e vejo todos tirarem a névoa de preocupação dos seus olhos e se arrumarem para irem embora.

Vejo-os indo embora e fico remoendo os pensamentos do que aconteceu anos atrás naquela cidade maldita. Nunca mais voltei àquela cidade. Há alguns anos vi em um canal de fofoca um pouco do casamento do ser do qual evito pronunciar o nome – quase um Voldemort em minha vida. Malorie estava linda, tão bela, que fez meu coração sangrar um pouco, mas foi a última vez que senti algo por ele. Nunca mais queria sequer olhá-lo.

Não sei nem em quê ele se formou na Universidade de Cambridge, nunca mais tive contato com Londres. Meredith ficou encarregada de todos os problemas que tivemos que resolver naquela cidade. Eu não gostava de deixar tudo em suas costas, ainda mais sabendo por tudo que ela passou na época que eu não estava conseguindo trabalhar...

Lembro-me como se fosse hoje quando ela chegou na espelunca que morávamos, chorando, mas tentou evitar que eu percebesse. Naquele dia eu havia vomitado toda a comida que havia ingerido, a gravidez de Jack foi muito difícil.

— O que foi, Meredith? — questiono, assim que ela saiu do banheiro.

— Nada. — Tentou desviar sua atenção para outra coisa, indo até a cozinha e não respondendo minha pergunta. Não era a primeira vez que via como ela chegava triste e cabisbaixa do seu emprego.

Levantei-me do sofá e fui atrás dela na cozinha.

— Eu sei que posso estar parecendo um peso morto para você, mas ainda sou sua amiga, então faça-me o favor de falar o que anda acontecendo com você. Meredith o brilho que sempre esteve em você está sendo apagado e eu sinto que a culpa é minha por você estar se matando de trabalhar, para que eu fique em casa. — Comecei a chorar, pois os hormônios da gravidez eram uma merda. — Estar grávida não me torna uma inválida, prefiro procurar um emprego passando mal do que ver você se acabando por minha culpa.

— Não é por sua culpa, eu faço tudo que faço para nos deixar bem.

— E como corta meu coração ver a pessoa que eu considero mais forte no mundo chorar, pois foi isso que vi Meredith fazer e se não fosse por menos ela deixou que seu corpo escorregasse para o chão e se sentou encostando as costas na geladeira. Meredith chorava tanto que seu corpo todo se convulsionava em desespero.

Senti-me arrasada por vê-la naquele estado, aproximando-me lentamente dela, sentei-me no chão ao seu lado, puxando-a para apoiar sua cabeça em meu colo. Comecei a acariciar seus cabelos ruivos, tão lindos e aquela garota que se tornou madura tão rápido estava dilacerada por dentro e eu não sabia por que, porém tinha plena convicção que Meredith estava me escondendo algo muito sério, principalmente devido ao seu rompante.

— O que aconteceu, irmã? — Continuei a mexer em seus cabelos enquanto falava. — Você sabe que pode confiar em mim.

— Amélia, quero muito te contar tudo que estou fazendo, mas tenho

tanto medo de você se culpar e não quero isso, porque não é sua culpa.

— Amiga, por favor, se abre comigo. Estou sentindo o seu corpo gritar por algum amparo, vamos fale. Não sei por que eu me culparia, mas a gente tenta resolver juntas. Tudo bem?

Meredith ainda ficou calada por uns momentos, mas logo trocou de posição e encarou meus olhos. Os seus estavam vermelhos pelas lágrimas e eu acarinhei seu rosto observando-a, até que ela jogou a pior notícia sobre mim.

— Amélia, minhas horas extras não são bem como garçoneiro. — Franço meu cenho pronta para questioná-la, mas ela me corta. — Deixa eu falar e depois você pode se manifestar. — Assenti com sua repreensão e ela continuou. — Há dois meses eu venho vendendo meu corpo para o meu patrão para garantir um dinheiro extra para conseguirmos nos manter aqui em Oxford, eu sei que não é certo, mas eu não vi saída, Amélia. E eu não quero que se culpe, pois foi uma escolha minha. Só que essa escolha está me matando e eu não quero mais transar com aquele nojento, e hoje quando tentei negar ele me forçou. Eu não quero mais.

Ela desaba novamente e eu vou junto com ela, abraçando-a, pois eu não podia acreditar no que estava ouvindo. Minha amiga se prestou a algo só para nos manter bem. Meu coração se culpava de uma forma totalmente horrível, Meredith podia dizer que a culpa não era minha, no entanto eu sentia que se não tivesse engravidado e ficado sem arrumar emprego ela não teria passado por essas provações.

Depois disso não deixei que Meredith voltasse para seu serviço, ela conseguiu outro emprego como atendente de farmácia e eu por um milagre divino consegui arrumar um emprego no balcão de uma doceria mesmo grávida e foi um longo tempo trabalhando lá. Até que descobrimos que o bar que Meredith trabalhava tinha fechado, o dono havia morrido, e estava sendo vendido por um valor ridículo. Assim, como já havíamos guardando uma pequena quantia para o meu parto, pegamos um pouco das economias e montamos o pub. Foi o melhor investimento que fizemos.

— O chatinho vai vir aqui para sairmos, vou aproveitar que o pub está fechado para dar uma relaxada. — Meus pensamentos são cortados por Meredith.

— Tudo bem, amiga. Irei ficar com Jack.

Assim ela sobe para se arrumar e eu para ficar com meu pequeno pedaço de paraíso.



Sou acordada no meio da noite com uma batida na porta do meu quarto, levanto-me ainda meio grogue pelo sono e abro a porta, encontrando Meredith que não parece nada bem.

— Que foi, amiga? — questiono.

— Acho que comi algo estragado ontem com o chatinho. Não consigo ficar muito tempo longe do banheiro, então não vai dar para ir em Londres — comentou com uma expressão horrível.

Meu coração disparou no mesmo momento, pois eu sabia que era necessário abrimos o pub. E ainda estava muito preocupada com ela.

— Já tomou remédio?

— Sim, acabei de tomar.

— Desculpa te deixar na mão, amiga. — Ela comenta e eu fico extremamente chateada por ela pensar que tudo é responsabilidade dela.

— Você não me deixou na mão, isso também é responsabilidade minha, por isso, já sei o que faremos, mas você vai ter que olhar o Jack, pois vou sair... — Paro para olhar o relógio em meu quarto e digo. — Daqui a pouco.

Ela franze o cenho e pergunta, sussurrando como se fosse um segredo.

— O que faremos?

— Irei a Londres buscar nossas bebidas e voltarei o mais rápido que puder para colocá-las no freezer.

É muito cômico ver a expressão no rosto de Meredith. Não dei conta de segurar o meu riso no momento em que seus olhos quase saltam para fora de seu rosto. Ela até me pareceu melhorar rapidamente, mas logo voltou a fazer uma careta de dor.

— Você vai a Londres? — repete para ter a certeza de que ouviu bem.
— *A Londres?*

— Vou, é meu trabalho também, então, sim, eu vou a Londres e não se preocupe comigo. — Sorrio para ela, mostrando que estava tudo bem em ir a Londres e vejo um peso perceptível sair dos seus ombros.

— O mundo está mudado mesmo. Só vou agradecer e falar que meu

sobrinho vai comer todas as besteiras que quiser enquanto estiver fora, só que ele vai ter que esperar eu melhorar. — Tenta abrir um sorriso, mas falhando miseravelmente por seu estado de saúde não estar muito legal.

— Juro que se você empanturrar o meu filho de besteiras eu te mato. Ele é super saudável por eu controlar sua alimentação.

— Você é uma chata, isso sim! — Volta para o quarto, mas antes de bater à porta eu digo.

— Se cuida e se não melhorar vá ao médico.

— Controladora.

Sorrio e volto para meu quarto para me arrumar. Não estava preparada para voltar a Londres, no entanto o dever me chama. E eu não precisava me preocupar

Londres é enorme, nunca encontraria Oliver nem alguém daquela família. Seria impossível.

Não seria?

Capítulo 9



Capítulo 9

Observo Jack enquanto ele dorme, solto um suspiro e fecho meus olhos buscando o resquício de coragem que me falta. Acabei de me arrumar para ir à cidade que tanto temo, mas pretendo voltar o quanto antes a Oxford. Beijo sua testa e saio do quarto sem fazer muito barulho. Não quero que ele desperte.

Deixo um recado para Meredith, em nosso mural que fica ao lado da porta de entrada, avisando que já fui e que daqui a algumas horas estarei de volta.

Antes de sair de casa pego algumas barrinhas de cereais e duas garrafas de água para me acompanharem. Nunca gostei de café e não consigo entender como as pessoas gostam desse negócio amargo. Chás são meus amores incontrolláveis, mas hoje evitarei tomá-los, já que pegarei estrada e relaxar o corpo não é nada legal.

Entro em minha caminhonete, – comprada especialmente para fazermos serviços para o pub, respiro fundo e dou a partida, saindo em direção a Londres. Preciso ser rápida, se não quando der sete da noite as bebidas ainda estarão quentes. Quando o sol aparece no céu, cruzo a divisa entre Oxford e Londres. O objetivo era não retornar, mas eu sou uma empreendedora e preciso manter o meu sustento e o do meu filho, sem contar o dos funcionários funcionando em perfeita sincronia.

O pior é que o fornecedor não abre aos finais de semana, mas depois de verem que pisaram na bola comigo e Meredith, fizeram uma exceção e me esperarão até as dez da manhã.

Após duas horas consigo colocar todo o meu pedido para o final de semana na carroceria da minha caminhonete. Ficou tudo resolvido entre o fornecedor e eu, e na segunda eles mandariam mais uma rota para nos abastecer.

Pois até lá o caminhão da minha rota estará em pleno estado de funcionamento. Dou partida no carro ao mesmo tempo em que meu estômago protesta. Acho que as barras de cereais não surtiram muito efeito para o meu apetite. Por isso, decidi ir até Russel Street para tomar um café reforçado e voltar o quanto antes para Oxford.

Alguns minutos no trânsito entediante me deixam nervosa. Sinto que não deveria ter ido sozinha a Londres; sei que não estou bem, pois só consigo me lembrar da vida que levei aqui, e ela não é nada boa.

Assim que o sinal abre, avanço com a caminhonete, e, não sei de onde, surge um homem de terno. Ele atravessa na frente do meu carro com o sinal favorável a mim, então, sinto o impacto em meu automóvel e o para-brisa faz um barulho estranho ao ser amassado. Vejo seu corpo ser arremessado para alguns metros de distância ao mesmo tempo em que piso no freio, fazendo os pneus cantarem.

Essa cidade só me traz coisas ruins. Entro em pânico, não consigo sair do carro, todos me olham incrédulos por eu ainda não ter ido socorrer a minha vítima, mas eles não entendem que sou tão vítima quanto ele?

Minutos se passam até que uma pessoa que está parada ao lado do

meu vidro liga para a emergência. Só neste momento eu consigo sair do meu transe. Salto do carro ainda em choque, com medo de ter matado o homem que aparentava estar em uma reunião de negócios ou só é chique demais para andar com uma roupa tão formal na rua. Mas seu gemido me mostra que continua vivo.

As pessoas percebem que estou em choque, por isso tentam me acalmar. Não falo nada ao me aproximar do ser que está jogado ao chão, e assim que seu rosto entra na frente dos meus olhos, meu coração para. Tenho certeza que ele parou por mais ou menos uns três minutos.

Thomas Williams está no chão, gemendo, mal conseguindo abrir os olhos de dor. Só pode ser uma praga que eu tenho em minha vida para reencontrar alguém dessa família nojenta. Como as irmãs do orfanato diziam, “eu devo ter jogado pedra na cruz”. Só posso ter jogado. Meu Deus! Como, em uma cidade deste tamanho, atropelo logo alguém que eu queria evitar?

Destino, precisamos conversar, você só pode estar de brincadeira com a minha cara.

Mais alguns minutos se passam até que escuto a sirene da ambulância, e meu coração dispara. Os paramédicos se aproximam, pedindo que eu me afaste, mas assim que dou um passo para trás, Thomas foca seu olhar no meu. O reconhecimento passa por seus olhos, fecho ainda mais minha expressão. Neste momento não tenho mais medo de tê-lo atropelado, tenho ódio de ter chegado perto dessa família novamente.

— Amélia. — Ouço meu nome em meio aos gemidos de dor que ele dá. A confusão toma seu semblante, mas ele não consegue pronunciar mais nada.

Os paramédicos o colocam na maca e o levam para a ambulância. Quando seu olhar não consegue focar mais em mim, sinto paz. Antes que partam, eu pergunto para qual hospital o estão levando.

Percebo que não é muito longe daqui, então, cogito aparecer lá para ver como está, pois não quero matar ninguém. *Para, Amélia, você não vai matar ninguém!* Mesmo assim queria ir ao hospital, mas se eu aparecer lá, posso ver quem odeio. Sei que posso estar sendo dramática, no entanto, atropelei-o, e eu nunca na minha existência tinha atropelado nada, então estou meio paranoica.

Depois de explicar ao policial o que aconteceu, sou liberada. Olho para o capô da caminhonete que amassou com o impacto de Thomas, mil vezes droga. Só que, antes, a pulga que não me deixa em paz faz com que eu direcione meu carro para o hospital. Como odeio meu lado certinha, poderia

simplesmente lembrar de todo o bullying que aquele idiota me fez no passado e deixá-lo definhar sem eu ao menos saber se está bem ou não. Provavelmente não deve ser nada grave, mas eu sempre elevo o perigo a um estado improvável.

Assim que chego à recepção do hospital, caminho rapidamente para perguntar às atendedoras o estado de Thomas, e assim que elas perguntam se sou da família, sinto meu coração doer mais uma vez. Será que em um passado distante e perfeito eu poderia responder que sim?

Será que o ser monstruoso que se apossou da minha vida naquela época me tornaria sua esposa, se todos da família Williams não fossem seres sem coração?

Sei que às vezes é ruim ficar remoendo algo que eu já tinha afundado dentro do meu peito para nunca mais lembrar, mas são perguntas para as quais sempre quis as respostas. Infelizmente nunca as terei, pois somente uma pessoa poderá respondê-las a mim e não estou nem um pouco a fim de perguntar.

— Você pode me dizer, mesmo eu não sendo da família? — Faço uma pausa, olho em seu crachá e a identifico como Morgana. Logo sussurro. — Morgana, eu só preciso saber para ir embora.

Ela me olha de um jeito totalmente estranho. Continua a me encarar, mas não diz nada, sua atenção se volta para a porta automática da entrada quando esta se abre novamente. Não sei o porquê, mas sinto a atmosfera do ambiente mudar, algo pesado cair sobre meu corpo. Sinto uma tristeza predominar minha alma.

De repente a respiração fica presa em minha garganta, deixando-me imediatamente com falta de ar. Tudo fica meio escuro e cinza; cores que tiram a felicidade do nosso ser transformando tudo em pó. Penso que esse meu estado só pode ser a ficha caindo do que acabou de acontecer – eu atrolei uma pessoa. Não importa se é alguém horrível, o que importa é que eu a feri.

Acho que meu estado de choque não me fez perceber quem estava parado ao meu lado, mas o meu olfato reconheceu de longe aquele perfume caro que somente uma pessoa inesquecível usava. E foi exatamente isso que me trouxe de volta à realidade e lembrou-me de que eu deveria ter ido embora para evitar este momento.

Quando escuto sua voz, ao meu lado, sinto como se o iceberg do Titanic tivesse batido em mim, afinal, eu me afundei igualzinho ao navio, só

que foi no meu poço de tristeza do qual eu não abria a porta há muito tempo, então, o gelo tomou conta de todos os meus nervos.

— Bom dia, me ligaram e falaram que meu irmão deu entrada neste hospital. — *É ele!* Não me movo. Se eu fizer qualquer movimento, ele poderá se virar e me reconhecer. A tentação faz eu querer olhar em seus olhos, só para ver os do meu filho refletidos, o nariz do meu pequeno, até a boca, pois se tem uma pessoa que parece com o pai é Jack, só seus cabelos saíram iguais aos meus, mas tento ser forte e não encará-lo.

Ok! Eu não sou a garota magrela de anos atrás, tenho curvas onde devem existir curvas, mas meu rosto não mudou nada, meus olhos negros continuam aqui e sei exatamente que *ele* reconheceria. Qualquer movimento que eu fizer em sua direção fará com que me reconheça, a não ser que eu tenha sido mesmo muito insignificante em sua vida.

Pensando bem, talvez *ele* não me reconheça. Eu fui insignificante, sim.

É esse pensamento que me faz encará-lo, Oliver está de lado e não me viu. Continua lindo, a perfeição criada por Deus, só que agora seus cabelos têm um corte social, sua barba cerrada é bem-feita. Antigamente ele tinha seus cabelos jogados ao vento, seu rosto era liso como a pele de um bebê. Está ainda mais perfeito, mas ninguém conhece o lobo só de vista, olhando assim, ele é como um cordeiro inocente, só que eu sei que por trás da cara de anjo se esconde um demônio cruel e manipulador.

— Moça, você pode esperar com os familiares que acabaram de chegar — a atendente diz, generosa, fazendo Oliver voltar sua atenção em minha direção e me ver.

Sim, literalmente me ver. Oliver me olha como se estivesse decifrando minha alma, nossos olhos estão conectados um ao outro. Não consigo desviar minha atenção nem se eu quisesse, pois ele me aprisionou com seu olhar e só me libertará quando ele quiser. Infelizmente o meu alicerce está sendo desfeito e me vejo sendo jogada ainda mais fundo no buraco que ele causou dentro de mim.

Pelo visto não fui tão insignificante como imaginava. Tenho certeza de que Oliver me reconheceu, senão, não estaria me encarando tão fortemente, não estaria lendo a minha alma, e nem dando atenção a uma estranha ao invés de focar na atendente que havia acabado de finalizar a ligação para a enfermaria – afinal o sobrenome deles meio que mandava na cidade, então ela fez algo especial para Oliver – e iria informá-lo do estado do seu irmão.

— Meu amor, viu? Tenho certeza de que Thomas está bem! — Não reconheço essa voz, mas posso imaginar de quem seja. E a sua voz faz com que nossa conexão seja quebrada. Olho na direção de Malorie e a observo.

Ela é linda, com seus cabelos amendoados e ondulados. Seus olhos cor de âmbar fascinam qualquer pessoa. Há uma razão para eu ter sido trocada por Malorie.

Quando ela vê que, Oliver não se vira para lhe dar atenção, direciona seu olhar a mim. Franze seu cenho, o que a fez continuar encarando-me.

— Oliver? — ela tenta mais uma vez e só aí sua ficha cai.

O suspiro que ele dá depois de minutos é o que eu faria se visse um fantasma do passado. Encaro-o uma última vez e vejo em seus olhos o quanto de dor transmitem, o quanto um pedido de desculpas parece estar refletido neles, mas mesmo se fosse isso, eu não o perdoaria. Ele teve muito tempo para se explicar e nunca o fez.

Dou as costas, mesmo que isso me doa muito, e saio por onde entrei, querendo esquecer tudo o que presenciei há menos de cinco minutos. Felizmente não tenho nenhuma lágrima nos olhos, pois seria a medalha que lhe faltava. Assim que chego à porta do meu carro, escuto a voz que perturba a minha vida.

— Amélia? — sinto um tom de sofrimento, parecido com a expressão que vi em seu olhar, mas eu não espero para saber, afinal, a dor foi minha companhia esse tempo todo. Ele só teve felicidades, não passou por todos os obstáculos que tive que enfrentar.

Entro na caminhonete sem olhar para trás. Oliver nunca mereceu meu amor e não é agora que merecerá mais um olhar. Jurei que estava calejada, travada para nunca mais sentir o peito esfaqueado como neste momento, no entanto, enganei-me. Oliver ainda me faz sentir muita dor; uma que machuca todos os meus órgãos.

Dou partida e saio com meu para-brisa amassado em direção à minha casa, à minha vida, ao meu destino.

∞∞∞∞

— Meredith! — grito assim que entro em casa.

Minha amiga surge na sala, suja de farinha de trigo e sorrindo como

uma criança de cinco anos.

Meu Deus, eu não posso deixar esses dois sozinhos por algumas horas que eles quase destroem a casa.

— Mamãe, tia Mer e eu estamos fazendo cupcakes que aprendemos a receita na internet.

A vontade é grande de falar o que aconteceu, mas a felicidade que irradia de Jack me faz desistir de contar meu pequeno acidente. Quase solto um sorriso ao ver a careta de Meredith para ele, ao ouvir o apelido que ela odeia.

— Então, eu vou querer um quando estiver pronto, tá bom, meu amor? — digo a Jack, beijando sua bochecha no único lugar que não tem farinha. Sinto meu peito contrair, há muito de Oliver no meu filho, e eu já tive um dia muito repleto de... Oliver.

— Vou te dar o primeiro que assar. — Ele corre de volta para a cozinha.

Depois que ele sai, Meredith me avalia com seu olhar feroz.

— Aconteceu alguma coisa?

— Primeiramente, você melhorou? — questiono fuzilando-a com o olhar.

— Sim, estou ótima. — Sorri e volta a perguntar. — Aconteceu alguma coisa?

— Não, por quê? Deveria ter acontecido? — pergunto, tentando desviar o assunto.

— Você me gritou e não parecia um grito de “querida, cheguei”.

É uma merda ela me conhecer mais do que eu mesma.

— Não aconteceu nada, eu te gritei para você me ajudar com as bebidas, mas quando vi seu estado, decidi que estou sozinha nesta empreitada. — Minha garganta trava, não conseguirei mentir por mais tempo.

— Espero que seja isso mesmo, Amélia — comenta, séria, e continua: — Viu alguém que não esperava?

Não adianta esconder, quando ela vir o capô da caminhonete, saberá que tem algo errado, por isso permito que as lágrimas caiam e que o poço me afogue de vez. Deixo a dor voltar, caminho lentamente para o sofá, sentando em seguida e choro como eu não chorava há anos.

Por que ele tinha que aparecer logo agora que eu estou bem?

Meredith se aproxima de mim e me abraça, enchendo-me de farinha,

mas eu nem reclamo, só quero o seu aconchego de irmã. Só ela sabe como eu fiquei machucada e como estou me deteriorando por dentro com esse choro.

— Atropelei alguém que eu não esperava e ainda o vi.

— O quê? — E, desta vez, o grito sai pelos lábios dela.

Eu sei, sou péssima para dar notícias, ela deve estar pensando que matei alguém. Explico para ela, chorando, aproveitando o entretenimento de Jack com seus cupcakes. Desabafo e continuo chorando. Assim que termino de contar, ela me abraça mais forte e diz:

— A gente passa por essa mais uma vez, e eu nunca mais deixarei que volte a Londres. Você tem muito azar, fui lá várias vezes e nunca vi esse pessoal, você vai uma vez e vê a família toda. — Sorrio um pouco com o seu comentário e me afasto do seu abraço. Eu tenho certeza de que, sem Meredith, eu não daria conta de viver, ainda bem que ela é meu porto seguro.

— Obrigada! — assim que digo isso, Jack, volta para a sala e me abraça, percebendo que eu estava chorando. Não preciso de mais nada. Minha família está aqui me apoiando, e eles são a minha razão de viver.

Capítulo 10



Capítulo 10

Foram oito anos pensando que estava curada de toda a dor que me foi proporcionada, mas eu estava enganada, bastou um olhar – penetrante, muito significativo – para que eu desabasse.

— Um chopp, por favor. — Olho para Charles e depois pego seu chopp.

— Você é um folgado, deveria estar ajudando. Nem o meu pessoal está dando conta de atender todo mundo — digo para o "sexo sem compromisso" de Meredith.

— Estou cansado, Amélia, trabalhei muito hoje. Só quero tomar meu chopp e esperar a gata ruiva desocupar para relaxarmos juntos. — Encaro-o fazendo cara de nojo.

— Não sou obrigada a saber de certas coisas.

Sua piscadinha cara de pau para mim me faz rir. Charles é um cara legal, muito legal mesmo, mas nem um pouco valorizado por Meredith. No entanto, eu costumo errar no meu julgamento em relação às pessoas, então, acho até que minha amiga está certa em não o colocar em um pedestal.

— Bom, gata, aqui está o meu pagamento. Vou subir para fazer companhia para o pequeno Kakarotto. — Como ele me irrita.

— Charles, eu já disse que não precisa pagar pelo seu pequeno consumo em nosso pub e para de chamar meu filho com seus apelidos relacionados a animes.

— Amélia, eu sou cliente, não é porque às vezes estou debaixo ou por cima da sua amiga que isso vai mudar. — Fecho a cara para seu comentário infeliz. — Ok, fui um escroto, mas eu pago e sempre vou pagar. E sobre meus apelidos, mais respeito que Dragon Ball merece ser adorado, e o seu filho ama.

— Suma da minha frente. — Aponto em direção à escada que leva para a minha casa.

Ele joga um beijinho para mim e caminha para a entrada que fica nos fundos do Pub, mas logo volta. É um imbecil mesmo.

— Esqueci a chave. — Sorri sem graça.

— Sonso! — Pego a chave que fica embaixo do balcão e entrego para ele. — Não deixe a porta destrancada, não gosto que Jack desça aqui quando estamos tão lotados. Alguém poderia pegá-lo sem eu ver.

— Sem neura. — Agora, sim, ele sobe. Vejo quando entra e fecha a porta.

O pub não é muito grande, mas tem um tamanho razoável e quando está cheio não dá para ver um espaço sequer vazio.

— Sério, eu já estou morta e acabamos de abrir — Meredith diz, pulando o balcão. Lembro-me da vez em que tentei fazer isso e caí estatelada no chão. Ainda bem que o pub estava vazio.

— O seu "pequeno caso não assumido" está lá em cima com o Jack — digo, pois ela nem o viu chegar.

— Que bom, porque o que mais quero depois que terminar meu expediente é transar. — Encaro-a, tentando achar o filtro que deveria ter, mas

essa é Meredith; filtro é uma palavra inexistente em seu vocabulário.

— Você e ele combinam demais, parecem dois depravados. — Minha amiga se aproxima do meu ouvido e sussurra.

— Você deveria transar também. Tem um cliente novo aqui que não tira o olho de você.

Sinto minhas bochechas corarem, mas tento encontrar o tal homem com o olhar, bem disfarçadamente. Quando vejo dois olhos negros penetrantes me encarando, sinto ainda mais vergonha.

— A única vez que transei aconteceu uma coisa muito séria. Acho que nunca mais vou fazer isso. Amo meu filho, mas não estou preparada para cuidar de outro bebê — digo, encarando-a.

— Sério? — Meredith pergunta, sarcástica. — Não é toda vez que transamos que engravidamos.

— Do jeito que o azar me adora, se transar novamente eu engravidado de gêmeos. — Mal termino de fechar minha boca, e Meredith solta sua gargalhada estrondosa.

— Amélia, vem cantar pra gente — uma das clientes mais antigas do pub me grita, e eu sorrio para ela. Se tem uma coisa que amo fazer depois que descobri como é bom é cantar.

— Vai lá colocar essa voz afinada que Deus te deu para retumbar nesse bar — Meredith diz, assumindo meu lugar no caixa. — Aproveita e encanta o cara que não deixa de te olhar.

— Fica na sua — sussurro, indo em direção ao Karaokê.

Subo no pequeno palco que fica localizado ao lado direito do pub, e escolho uma música muito conivente com os meus sentimentos desses últimos dias. Faz duas semanas que o vi; duas semanas que não consigo dormir tranquilamente. Duas semanas que fico remoendo tudo em minha mente. Então a escolha perfeita em homenagem a este sentimento, mesmo que Oliver nunca vá me ouvir cantar, é *Look What You Made Me Do*, da Taylor Swift.

Deixo cada palavra sair do fundo da minha garganta e me sinto livre. O pessoal do pub se anima e começa a dançar. Eles adoram quando canto, nem que seja uma música, e isso me faz sentir especial. Desde pequena nunca soube o que estava destinada a fazer, porém, com a música e Jack, eu me encontrei no mundo. Sou alguém tão importante quanto os riquinhos que se deliciam com a música cantada.

Talvez se eles soubessem que Meredith e eu viemos de um orfanato

nos julgassem, igual nos julgavam no passado, ou talvez, não. A sociedade precisa tirar da mente o preconceito arraigado e até mesmo eu, afinal, para mim todas as pessoas que têm dinheiro querem ser melhores que qualquer outra. Isso, querendo ou não, faz com que eu julgue todos, por causa de uma única família.

Desço do palco, assim que termino a música, e vejo o pessoal sorrir em minha direção, pedindo mais uma, mas eu nego. Olho na direção em que o novo cliente desconhecido estava, mas não o vejo mais.

— Ele foi embora, assim que você terminou a música — Meredith diz quando chego ao caixa.

— Não me importo.

— Deveria, ele te avaliou muito, fiquei até tentada em ir perguntar o que ele queria. — Meredith encara a porta, como se estivesse louca para perseguir o homem e enchê-lo de perguntas.

— Pode tirar esses pensamentos da sua mente. Deixe o cara em paz, ele deve ser novo na cidade, por isso nunca o vimos.

— Talvez — fala, pensativa, mas logo sacode a cabeça e volta em direção ao balcão do bar para ajudar os garotos a servirem as bebidas.



São três da madrugada e só agora conseguimos fechar o bar. Exausta, caminho para o banheiro, pois preciso urgentemente de um banho. Assim que piso dentro do meu quarto, vejo Jack deitado em minha cama.

Aproximo-me lentamente para não o acordar; ele nunca gosta de dormir comigo, não sei o motivo de estar aqui. Resolvo não o despertar e vou para o banho. Depois posso ver o que aconteceu.

Deixo a água cair lentamente em meus músculos para relaxá-los e depois de uns quinze minutos tranquilos embaixo da água quente, enrolo-me em meu roupão, partindo para a cama.

Deito-me perto de Jack e o abraço. Esse pequeno toque o faz abrir os olhos avaliadores, iguais aos do pai, e direcioná-los a mim.

— Mamãe, eu nunca vou ter um pai? — sua pergunta feita em um rompante me assusta, até parece que ele escuta meus pensamentos.

— Você já tem sua tia e eu, até mesmo o Charles, não precisa de um

pai — digo, baixinho, acariciando seu cabelo, querendo chorar.

— Mas eu queria ser normal, igual a todas as crianças. Elas têm pais.
— Meu coração perde mais um pedaço.

Sabia que esse momento chegaria, no entanto, preferia que demorasse mais, pois não estou preparada para abrir meu coração ao meu filho. Só que pelo seu olhar, sei que ele não desistirá dos questionamentos.

— Vou te contar uma história. — Decido, por fim, porém pauso por um momento, tentando evitar a minha voz embargada, com as lágrimas que chegam mais perto de transbordar pelo meu rosto. — Eu queria ter essa conversa com você quando você estivesse maior e entendesse melhor.

— Pode me contar, mamãe. Eu posso gostar de muitas coisas que só crianças gostam, mas também sou inteligente. Sei que sou. — Jack, sendo a única pessoa sensata dessa casa, me preocupa. Ele sempre foi meu nerdzinho, ganhou bolsa em uma das melhores escolas de Oxford, além de ser um dos melhores alunos da sala. Respiro fundo e começo:

— Amei muito o seu pai. Amei tanto que quando nos separamos eu pensei que morreria. Se não fosse por você, provavelmente eu não teria dado conta de passar por tudo o que passei. — Começo a chorar, sem controlar, mas a sua mãozinha em meu rosto me faz continuar. — Seu pai e eu vivemos uma história linda de amor; mesmo que tenha surgido tão rápido, eu sentia que nunca iria me separar dele. Minha vida foi muito difícil no orfanato, mas seu pai fez com que eu me sentisse especial. — Ele assente, e eu continuo chorando igual a uma criança. Vejo seus olhos se encherem de lágrimas, mas, mesmo assim, quero colocar tudo para fora do meu coração. — Desculpa ter te privado de conhecê-lo, mas tenho medo, meu amor, tenho medo de ele te fazer sofrer. Eu nunca o procurei para contar sobre sua existência, pois sei que a família dele não te aceitaria e se eu visse uma lágrima em seu rosto por conta deles, seria presa, porque nunca deixaria que te fizessem sofrer. Você é meu tudo, Jack. Simplesmente faria tudo por você, por isso, te privei de conhecê-lo.

Jack me abraça tão forte que desabo em um choro sofrido, um daqueles que fazem doer a alma de qualquer pessoa. Correspondo ao seu abraço e beijo seus cabelos. Nunca irei me perdoar por privá-lo, mas nunca irei permitir que aquela família faça mal ao meu pequeno.

— Não chora, mamãe, eu só queria saber, não precisa chorar — ele diz com sua voz chorosa que me machuca. Mas nunca menti para meu filho e não vai ser hoje, que chegamos nesse assunto, que não vou ser clara.

— É porque dói, meu amor, dói muito me lembrar de tudo. — Paro por um momento para respirar fundo e volto a falar para responder à sua pergunta. — Seu pai me abandonou sem explicação alguma e ficou noivo de outra. Quando descobri que estava grávida, decidi que era melhor lutar por você, para te dar uma vida digna, mas sem ele por perto. Por isso, seu pai não sabe de sua existência e nem onde moramos. Ele é de Londres, e é exatamente por esse motivo que não gosto de ir lá. — Jack olha no fundo dos meus olhos negros, fazendo os seus, daquele azul brilhante, encantarem ainda mais os meus.

— Posso saber quem é ele, mamãe? — sussurra, mas pelos seus olhos eu posso perceber que sabe qual será a minha resposta.

— Não peça isso, não quero que você saiba quem é. — Espero por uma dose de rebeldia, mas ela não vem. Ele assente e volta a deitar sua cabeça sobre o meu peito.

— Outro dia, então — responde.

Continuo passando a mão em seus cabelos, para fazê-lo cair no sono que logo chega. Fico remoendo tudo o que acabou de acontecer em minha mente. Nunca deixarei Oliver saber de sua existência; ele pode querer conhecer o filho, e eu não estou preparada para perder uma parte totalmente minha para ele. Já chega à parte da minha felicidade que ele roubou no passado. Sou egoísta mesmo, isso eu tenho que afirmar, só que todos seriam no meu lugar.

— Outro dia — é o que sussurro antes de fechar meus olhos e deixar o sono me levar para o descanso merecido.

Capítulo 11



Capítulo 11

Levanto-me deixando um Jack adormecido em minha cama. Saio de fininho para o banheiro, para não o acordar. Depois de tomar um banho relaxante e fazer minha higiene pessoal, saio do quarto vestida com o mesmo roupão de ontem.

Caminho até o meu armário, procurando uma roupa decente para o frio de Oxford. Pela janela posso ver que o clima hoje pede algo mais quente; o céu deixa claro que será de chuva o dia todo.

Pego minha blusa de lã preta, com um jeans mais claro e uma bota

rasteira. Depois de pronta dou uma olhada em Jack, pensando em acordá-lo, mas prefiro deixá-lo dormir mais. Hoje é sábado, ele pode descansar um pouco.

Saio do quarto em direção à cozinha e vejo uma cena icônica: Meredith sentada no colo de Charles aos beijos, mas não os quentes que ela costuma obrigar todos a verem; estou testemunhando minha amiga beijar apaixonadamente o seu "sexo sem compromisso" de anos.

— Hum-hum. — Pigarreio, fazendo com que os dois me olhem e fico com muito medo quando abrem o sorriso do coringa para mim. — Vocês estão bem?

— Melhor que nunca, morena linda — Charles diz, olhando Meredith com aquele olhar que todos já perceberam: o “estou de quatro por ela”.

Acho que minha expressão de “não estou entendendo nada” fez Meredith se pronunciar.

— Depois de muita insistência, resolvi que vou dar uma chance para esse nojinho aqui, então, pode fazer aquela cara de “eu sabia”, pois estamos namorando.

— Já era hora de vocês tentarem algo mais sério mesmo. — Sorrio para eles, aproximo-me e envolvo os dois em um abraço rápido. Em seguida caminho para a chaleira, pois preciso de um chá urgentemente.

— Morena linda, ontem ouvi um choro em seu quarto, está tudo bem? — Charles sempre me chamou assim, desde quando o conheci, e o melhor é que Meredith nem se preocupa.

— Está, sim. — Parei por um momento. Apoiando meus quadris no balcão da cozinha, olho para o meu quarto. Quando não vejo nem sinal de Jack, continuo. — Só que o Jack quis saber do pai dele, e eu resolvi contar o que aconteceu.

Escuto Meredith engasgar-se e quando viro para ver o que houve, tem café saindo até pelo seu nariz. Coitada, quase afoguei a minha amiga.

— Como assim? — Ela me olha com o rosto cheio de café. — Como você faz isso e nem me chama? Momentos complicados como esses precisam de reforços — diz, limpando-se.

Minha amiga é uma irmãzona mesmo, mas quero começar a parar de depender tanto dela. Meredith precisa viver um pouco e deixar de se preocupar comigo.

— Sei que você ama meu filho, nunca vou cansar de agradecer tudo que você já fez pela gente, mas preciso trilhar um caminho sozinha. Você tem

uma vida, Meredith, não pode ficar vivendo a minha para sempre.

Seus olhos se enchem de lágrimas, o que é muito raro. Ela se levanta do colo de Charles e vem correndo me abraçar. Retribuo o gesto, e um emaranhado de cabelos ruivos se embola em meu rosto. Por entre eles, vejo Charles sorrindo.

— Agora chega de drama, vamos curtir um momento único em sua vida. Você está namorando — digo, ainda mais alegre.

— Pois é, o nojinho, ganhou meu coração há anos. Eu só estava fazendo um test drive antes de aceitá-lo de vez em minha vida — pronuncia, olhando apaixonada para Charles.

Obrigada, meu Deus, por uma benção dessas. Ela merece ser feliz. Depois de rir muito das piadas de Charles, contando como foi difícil, naqueles dois anos, fazer Meredith amá-lo, eu paro de sorrir por um momento e o encaro.

— Se você fizê-la derramar uma lágrima de tristeza, eu te mato. — Charles engole em seco, mas confirma.

— Mudando de assunto, antes que você queira arrancar minhas bolas, cadê o pequeno Kakarotto?

— Eu só vou arrancar suas bolas se você magoar a Meredith. E o meu filho tem nome, já te disse. — Paro por um momento, comendo minha torrada acompanhada do meu chá, e digo. — Deixei-o dormir um pouco mais hoje, o colégio esse ano está mais puxado, sem contar que ontem depois que subi do pub, ele acordou e achei por bem contar para ele toda a história do pai, então, ele merece dormir, mas daqui a pouco vou chamá-lo.

— Deixa o menino curtir o final de semana, Amélia — Meredith diz.

— Dormir muito também não é saudável, então, eu vou chamá-lo, sim — digo com minha neura, que nunca me deixa.

— Você é muito bitolada, Amélia, o menino não vai ficar doente se dormir um único dia até a hora do almoço — Charles diz, e isso me faz perder a paciência.

— Olha, eu posso ser louca por querer que o meu filho seja saudável sempre, mas ainda sou a mãe, então parem de se meter na saúde dele. Por vocês o garoto já estaria obeso de tanto comer doce —vocifero, levantando-me e encaminhando-me para o quarto.

Entro, fechando a porta atrás de mim.

— Filho, está na hora de levantar. — Sento-me perto do seu corpo relaxado. — Amor? — chamo-o, encostando em seu braço, que está mais

quente que o normal.

E é somente disso que preciso para começar a entrar em pânico. Mais que depressa minha mão sobe para a sua testa, e vejo que Jack está queimando de febre. Pego o termômetro digital dentro da gaveta do criado-mudo e encosto em sua pele.

— Jack, acorda — peço, tentando ainda parecer calma, enquanto, por dentro, já estou entrando em colapso. Meu filho não costuma ter febre, ele só pode estar pegando um resfriado. Assim que o termômetro apita, checo sua temperatura ficando um pouco assustada, pois meu filho está febril.

— Jack, acorda agora. — Ele abre seus olhos sonolentos. — Vamos tomar um banho e um remédio para baixar sua febre, tudo bem? — O menino só assente, sem entender muito bem o que eu disse, porque ainda estava meio dormindo.

Pego-o no colo e o levo para o banheiro, deixando-o sentado sobre a tampa do vaso sanitário. Regularizo a temperatura do chuveiro para ele, depois retiro suas roupas e o coloco debaixo d'água.

— Você está sentindo alguma dor? — pergunto depois de alguns minutos embaixo do chuveiro.

— Mamãe, não contei pra senhora, mas já tem alguns dias que tô sentindo uma dor estranha no meu pescoço. — responde todo manhoso e eu franzo o cenho.

— Há quantos dias está sentindo essa dor?

— Umas duas semanas.

— E por qual motivo não me contou, Jack? — questiono brava.

— Pra senhora não ficar desse jeito. — Gesticulou com as mãos em minha direção.

Paro de falar por um momento, respiro fundo, assinto e sorrio.

— Vou ligar para o hospital e ver se tem algum pediatra disponível.

— Mas, mamãe...

— Sem reclamar, Jack. Você está com febre e sentindo uma dor no pescoço que não me contou.

Assente e não discute mais. Retiro-o debaixo da água e o enxugo, depois pego uma roupinha mais quente para ele, mas evito usar uma muito abafada para não piorar a sua febre. Saímos do quarto, indo em direção à cozinha para ele tomar o café.

Jack se senta na cadeira, em frente a Charles, que começa a brincar com ele.

— E aí, pequeno Kakarotto, que tal videogame hoje? — Jack sorri meio fraco, mas me olha com o medo de eu negar.

— Se a sua febre melhorar você pode jogar, mas antes irei ver se tem vaga com a pediatra — respondo e ele assente.

— O Jack tá com febre? — Minha amiga questiona alarmada.

— Sim, por acaso o Jack falou para você sobre uma dor no pescoço?

— Não, por quê? — questiona.

— Porque ele disse que está sentindo uma dor há algumas semanas, mas não me contou para eu não ficar paranoica.

— E ele tá certo.

Bufo de raiva, arrumando o café da manhã do meu filho.

— E ele está febril, provavelmente deve estar vindo alguma gripe por aí, que já deve estar afetando a garganta dele. — digo, fuzilando-a com o olhar.

— Vai levá-lo ao médico? — continua perguntando.

— Vou ver se tem vaga, ou até mesmo na emergência.

— Olha, Amélia, não gosto de me meter em sua vida, mas se está somente febril, acho que algum remédio e o descanso farão com que ele melhore rápido. — Charles se intromete.

— Por que vocês não me deixam cuidar do meu filho da forma que acho certo?

— Amiga, porque você fica doida sem motivos.

— É febre...

— Menos, todo mundo tem febre. — Meredith responde com aquela maldita sobrelanceira levantada.

Nunca tenho a palavra final nessa casa. Sento-me ao lado do meu filho, mas algum infeliz bate à porta.

— Pode deixar que atendo — disse, porque era a única vestida de forma decente.

Caminho para a sala e escanco a porta, que dá para a saída da rua. Para chegar até nela precisa-se subir a escada de acesso, nós costumamos evitá-la, pois na maioria das vezes entramos pelo pub que tem acesso à porta da cozinha, só em alguns casos raros passamos pela da sala.

Ah, não!

Sinto todo o sangue do meu corpo se transformar em gelo. Meu coração está em uma competição desesperada e tenho certeza de que sairá do meu corpo daqui a pouco de tanto galopar desenfreadamente.

— Oi — Thomas diz, com um sorriso sem graça, mas que parece ser amigável.

— O que você quer? — Saio da casa, enquanto falo, fechando a porta para que ele não possa ver Jack.

— Acho que é estranho eu estar aqui, não é mesmo? — diz, envergonhado, e quando percebe que não irei responder, prossegue: — Afinal, nem éramos amigos.

— O que você quer? — repito, pensando que talvez ele possa ter ficado mais burro do que eu me lembrava, ou surdo. Ou talvez a pancada na cabeça, com o atropelamento, tenha afetado seu raciocínio.

— Queria te ver, já que você fugiu depois de me atropelar.

— Não fugi, só não era relevante — cuspo sem ressentimento. — E eu não me importo mesmo.

Vejo que seu braço ainda está enfaixado. Parece que realmente o machuquei. *Que pena!*

Mentira, eu não sentia nem um pouco de pena.

— Acho que o destino fez isso, já que eu era muito pior com você na adolescência — sua voz modificou, ela está grave agora.

Escuto a porta se abrindo atrás de mim e vejo quando o olhar do grande filho de uma puta do Thomas se direciona para além do meu ombro. Seus olhos demonstram interesse, e eu congelo, imaginando que Jack apareceu. Se Thomas o vir, saberá na mesma hora que ele é filho do seu irmão.

— Que porra é essa? — Meredith aparece na porta, usando apenas um sutiã e o short de seu pijama.

— Uau, Meredith! — É a única coisa que o ouço dizer. Antes de um amontoado de cabelos ruivos passarem por mim e a dona deles dar um soco na cara de Thomas.

— Ou você some daqui ou eu termino o serviço que Amélia, começou dias atrás — ela diz, pondo-se à minha frente.

— Eu vim em paz — ele diz, colocando a mão — do braço que não estava enfaixado — na bochecha, bem em cima da marca vermelha que os dedos de Meredith deixaram.

— A gente não tem que saber para o quê você veio — Meredith cospe, mas para a frase no meio para perguntar. — Na verdade, como você sabe que moramos aqui?

— Desculpa por isso, mas quando Amélia me atropelou eu fiquei

curioso em saber sobre vocês. — Thomas para pôr um momento, olhando para nós duas, mas percebo seus olhos se focarem no sutiã da minha amiga. Ela é louca, eu já sabia disso, mas sair quase nua na rua é novidade. — E como depois que fiquei mais velho me arrependi do que fazia a vocês, decidi contratar um investigador.

— O quê? — Meredith e eu perguntamos juntas.

— Eu sei, parece coisa de criminoso, mas queria me desculpar. Deve ter aparecido um cara no seu bar esses dias, te observando. Me desculpa por isso também, espero que ele não tenha sido inconveniente...— Lembro-me do “cliente” que estava me observando e sinto ainda mais nojo dele. Não o deixo terminar.

— Sai daqui, nunca mais volte, não queremos contato com a sua família. Esquece a gente, porra! — digo, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas. A porta se abre novamente, e Charles sai de dentro de casa.

— Você ouviu, some daqui, cara. — É a única coisa que ele fala.

— Tudo bem, eu só queria pedir desculpas, mas vi que não estão dispostas a aceitarem. — Thomas desce as escadas que dão na rua e diz, antes de entrar dentro de um carro preto, com vidros totalmente escuros. — Mas ao menos percebi que vocês também mudaram.

Direciona seu olhar para mim e abre um leve sorriso. Vemos quando entra no carro e logo em seguida parte. Mas a única coisa que retumba em minha mente é: será que o investigador descobriu que eu tenho um filho?

— Se acalma, se ele soubesse da existência do Jack, não teria saído facilmente assim — Meredith responde. Eu nem tinha percebido que havia murmurado a pergunta em voz alta.

— Tinha um investigador, Meredith, é claro que ele sabe.

— Você não tem certeza — sussurra.

— Mesmo se não tiver descoberto, ele vai descobrir. Os Williams sempre conseguem o que querem — murmurei.

— Ele não vai, eu botei medo nele — Charles diz.

— Charles, você não bota medo nem em mim — respondo meio atônita.

— Nisso eu tenho que concordar com minha amiga, nojinho.

Voltamos os três para dentro de casa, mas eu sei que Thomas não veio aqui à toa. Olho para o pequeno Kakarotto – apelido maldito – e penso que se Thomas contar algo para sua família, eles vão querer tomá-lo de mim.

— Tudo bem, mamãe? — Jack pergunta.

— Tudo, sim, era engano. — Vou ao meu quarto e pego o termômetro, voltando em seguida para a sala. — Vamos medir de novo a sua temperatura, para ver se realmente não é necessário ir ao hospital.

Vejo que está tudo sob controle com meu filho; uma febre passageira que deve estar anunciando uma gripe, que é muito fácil ser tratada. Uma pena que meu corpo sabe que algo muito ruim está prestes a acontecer e sinto que a visita de Thomas Williams tem tudo para ser o motivo.

Capítulo 12



Capítulo 12

— Mamãe. — Escuto Jack me chamar ao longe e abro meus olhos abruptamente. Olho para o relógio que fica em meu criado-mudo e marca três da madrugada. Até que escuto novamente:

— Mamãe. — Pulo da cama mais rápido do que o normal e me encaminho para o quarto do meu filho, que fica em frente ao meu.

— Meu amor, você me chamou? — Ligo a luz do cômodo. Jack fecha os olhos por causa da claridade, e eu me aproximo de sua cama, perguntando novamente. — Você me chamou?

— Sim — murmura responde com seus dentes batendo do tanto que treme de frio.

— O que foi? — pergunto, colocando a mão em sua testa e percebendo que novamente está mais quente do que o esperado, na verdade, neste momento está muito quente. Suspiro, irritada, odeio saber que meu filho está doente. Verifico novamente com o termômetro e me assusto, pois está com mais de 39 graus de febre.

— Meu pescoço está doendo — ele geme levemente.

— Deve ser a sua infecção de garganta mesmo. Deixa eu ver, coloca a língua para fora.

Ele obedece, como sempre. Meu filho nunca foi uma criança peralta, eu o mimo demais e mesmo assim ele nunca fez uma birra sequer.

— Não vejo nada, que estranho. — Volto ao meu quarto e pego o termômetro. — Vamos medir sua temperatura — digo, assim que me sento ao seu lado.

E desta vez a sua temperatura me assusta, pois passa dos trinta e nove graus.

— Onde dói? — volto a perguntar.

— Aqui. — Ele aponta e eu encosto minha mão, sentindo um caroço— que até então eu não havia percebido no meu filho —, em seu pescoço. Sem saber muito o que fazer digo a primeira coisa que aparece em minha mente.

— Vou pegar o remédio para febre e a gente vai agora mesmo para o hospital.

Eu sei que ele não está bem no momento que assente concordando com a nossa ida. Corro no meu quarto e pego um antitérmico para ver se ameniza a febre que está muito alta. Quando volto ao quarto de Jack percebo que ele ainda está tremendo muito devido à alta temperatura.

Assim que Jack toma seu remédio, ele volta a deitar, e eu corro para o quarto de Meredith batendo à sua porta. Logo ela abre meio sonolenta e questiona.

— O que foi?

— Preciso que você vá comigo ao hospital, o Jack não está bem, Meredith.

— Como assim, não está bem?

— A febre está muito alta, ele está muito mal reclamando de uma dor no pescoço e agora senti um caroço estranho.

— Tudo bem, vou me vestir e a gente vai.

Assinto e volto para o quarto do meu filho, pegando um casaco para protegê-lo da noite fria de Oxford. Enquanto Meredith ainda não volta, corro em meu quarto e visto uma calça jeans, jogando um casaco de lã por cima da blusa do pijama mesmo. Pego a primeira bolsa que acho no armário, procuro seus documentos e os meus, colocando-os dentro da minha carteira, e em menos de cinco minutos já estou em seu quarto. Voltei para o quarto de Jack e ajudei-o levantar-se da cama, coloquei uma roupa melhor nele e um casaco.

— Estou indo na frente para ligar o carro. — Meredith grita ao passar pelo corredor.

— Vamos. — Eu o pego em meus braços, mesmo que seja um pouco pesado, mas sei que meu filho está muito mal para se esforçar tanto.

Saímos de casa e eu desço a escada que leva à rua lentamente para não despencar no chão com meu filho.

Abro a porta de trás do carro de Meredith para Jack entrar e assim que o vejo colocando o cinto, entro pelo lado do passageiro, pois não estou em condições de dirigir. Meredith sabe o quanto coloco a saúde do meu filho em um patamar muito alto, sabe que odeio vê-lo doente. Por isso, nem puxa assunto comigo, pois sabe que eu estou uma pilha de nervos. Olho o céu escuro da madrugada e fico apreensiva com o que me aguarda, mas sei que não será nada demais, só uma gripe que deve estar se aproximando com a mudança de clima.

Dirigimo-nos para o hospital que fica no centro de Oxford, pois o seu pediatra é de lá, mas acho que aos domingos não é ele que está de plantão. No entanto, não me importo, a única coisa que quero é saber o que meu filho tem, para tratá-lo e mimá-lo muito, até sua dor no pescoço passar e esse caroço sumir, porém o que quero tratar o mais rápido possível é a febre. Odeio febres, elas mostram que algo não está bem no corpo, por isso, meu nível de preocupação está ainda mais elevado.

Assim que chegamos ao hospital, desço rapidamente do carro e abro a porta para Jack sair. Pego em sua mão que está fervendo, e seu rostinho pra baixo me mata. Meu filho é alegre, não se comunica com estranhos, mas é extremamente feliz, radiante, quem olha para ele sabe que é uma criança muito bem cuidada, diferente do pequeno menino estranhamente cansado ao meu lado.

— Olá! — cumprimento a atendente do Mediclinic Oxford.

— No que posso ajudar? — O sorriso que ela me oferece me enfurece. Sério, as pessoas vão a hospitais por estarem mal e não para

fazerem uma festa, então nunca entendi aquelas expressões satisfeitas das recepcionistas.

— Preciso que meu filho seja consultado por um pediatra ou qualquer clínico geral de plantão.

— Ah, sim, ele já tem cadastro aqui? — ela pergunta toda cordial. Sério, eu a estou odiando.

— Sim, é Jack Smith... — Falo o sobrenome com que registrei Jack, como eu era órfã tive a opção de escolher um sobrenome para mim há alguns anos e escolhi o mais comum em nossa região, para não ficar em evidência.

A atendente sorridente faz o que peço, logo estamos recebendo uma pulseira de identificação. Encaminhamo-nos para a sala de espera e esperamos ser chamados. Depois de uma maldita meia hora de ansiedade, nervosismos, lágrimas querendo sair pelos meus olhos, ao ver meu filho tão debilitado, somos chamados.

— Bom dia! — um doutor que eu nunca vi na vida fala.

— Bom dia! — respondo com Jack se escondendo atrás de mim, ele é sempre muito envergonhado mesmo doente.

— O que traz este rapazinho aqui? — ele pergunta, e Jack esconde o rosto em meu corpo.

— Então, doutor, desde ontem de manhã ele está com uma febre que vai e volta. Nesta madrugada ele reclamou de dor no pescoço e quando eu toquei, senti um pequeno caroço. Imagino que possa ser infecção de garganta, mas não entendi o motivo do caroço.

— Bom, preciso que... — Ele olha a ficha do meu filho em suas mãos. — Jack, deite-se na maca para eu examiná-lo.

— Vamos, filho. — Deito-o na maca. Quando vou me afastar, ele me segura. — Eu preciso me afastar para o médico te examinar.

Os olhos dele se enchem de lágrimas, mas não deixo me abater, pois preciso que ele melhore.

— Ei, garotão, eu sou bonzinho. Pode me chamar de Roger, tudo bem? — ele diz, estendendo um palito de língua em forma de bichinho para Jack. Meu filho aceita e fica olhando o objeto, enquanto me afasto e deixo o doutor examiná-lo. — Alguma medicação que a senhora deu pareceu melhorar a febre dele? — Roger me pergunta.

— Na verdade, não totalmente. Ela passou durante o decorrer do dia de ontem, pois estava somente febril, mas a de agora está me assustando muito, pois estava mais de 39 graus até a hora que saí da minha casa. — eu

digo, e ele só assente.

— Ele faz exames com frequência? — Roger questiona depois de algum tempo.

— De seis em seis meses ou quando fica doente — respondo.

— Ok, a febre dele deu uma diminuída, está com 37 no momento. Vou passar alguns exames, que você pode fazer em nosso andar de cima. Assim que os resultados ficarem prontos, você pode trazê-los para mim. Além de passar mais um remédio para abaixar a febre desse rapazinho, caso ela volte aumentar.

— Tudo bem, doutor!

Saio da sala com Jack segurando minha mão. Subimos de elevador para a ala de exames, onde faremos de sangue, urina e raio x. Depois de fazermos todos, temos que aguardar por volta de duas horas para ficarem prontos.

— Você está com fome? — pergunto, assim que finalizamos o último.

— Não, mamãe! — ele sussurra para ninguém, além de mim, escutar.

Meu celular toca assim que nos sentamos na sala de espera dos exames. Vejo ser Meredith.

— Alô? — digo.

— E aí, já sabe o que é? — ela pergunta, preocupada.

— Não, estamos esperando alguns resultados.

— Ok, estou aqui embaixo aguardando.

— Tudo bem, se quiser ir, depois eu te chamo.

— Fica quieta, Amélia — ela só diz e desliga na minha cara. Bicha bruta.

As horas parecem correr lentamente, mas até que enfim os exames saem. Pego todos e desço novamente para a sala do doutor, que está finalizando um atendimento. Quando ele termina, me chama.

— Deixe-me ver o que indicaram os exames do garotão. — Ele olha para o raio x e franze o cenho.

Nada bom!

Depois olha o exame de sangue e o de urina e ele pode até tentar disfarçar, mas juro que o vi engolindo em seco.

— Aguarde só um minuto que chamarei um colega meu, tudo bem? — Assinto, e ele sai da sala.

Alguns segundos bem demorados se passam até que um outro doutor

entra. Ele nos cumprimenta e pega o exame, analisando-o. Começo a ficar nervosa, porque eles não falam nada.

— Jack, deixa eu dar uma olhadinha aqui no seu olho. — O doutor novo, que se chama Eric, diz, examinando o meu filho. — Vamos ter que fazer mais alguns exames de rotina, tudo bem? — Ele se direciona a mim e anota algumas coisas em um receituário.

Deparo-me com um pedido de ressonância magnética, ultrassonografia, e um mielograma. *O quê?*

— Porque exames tão... É tão...? — Não consigo pronunciar nenhuma palavra que não seja ruim.

— Só para descartarmos todas as possibilidades. — doutor Eric diz. — Quando o resultado sair, podem levá-lo para mim. — Ele sai da sala.

— Mas que possibilidades?

— Dona Amélia, preferimos informar com clareza quando estiver com todos os exames em mãos. — Dizendo isso ele olhou para Jack. — Faça e depois podem sair para comer alguma coisa, pois é sempre um pouco demorado para o resultado sair — Roger nos diz.

— Tudo bem! — digo, deixando a sala e fazendo o mesmo processo.

Jack se assusta com aquele tubo estranho, mas faz tranquilamente. Depois de pronta, eles dizem que irá demorar por volta de duas horas para ficar pronto, pois foi pedido com urgência. Afinal, o tempo normal são três dias, mas eu já percebi que tem algo de anormal na situação do meu filho.

Logo partimos para a ultrassonografia e o tão temido mielograma que colheu uma amostra de sangue do seu osso, onde ele levou uma leve anestesia local e segurou minha mão por todo momento, tremendo de medo, ao menos a febre havia passado.

Passam-se aproximadamente 40 minutos para Jack se recuperar totalmente do último exame e assim que se recupera, vamos em direção à sala de espera, onde está Meredith. Assim que ela me olha percebe que algo está errado, mas não fala nada.

— Vamos almoçar, o que você quer comer, filho? — pergunto a ele.

— Um hambúrguer. — Ele sorri para mim, e eu sorrio de volta.

— Então vamos comer um hambúrguer — digo, assustando a ele e a Meredith.

Eu só a olho, e ela assente. Entramos no carro e partimos para comer o tal hambúrguer que eu privei tanto o meu filho de comer por anos, e agora eu tenho quase certeza de que irei me arrepender de tê-lo feito.

Provavelmente cometi algum erro, porque sinto que algo está sendo arrancado de mim. Talvez seja a parte que me completa, e essa parte se chama Jack.

Capítulo 13



Capítulo 13

Voltamos para o hospital, pontualmente, duas horas depois. Subo com Jack para pegar os resultados dos exames e já vou logo em seguida para a sala do doutor Roger. Ele sorri cuidadosamente para mim e chama o doutor Eric. Estou odiando-os por tanto suspense.

— Digam de uma vez por todas. Estou quase infartando de nervosismo — digo tentando manter uma calma que está longe de me possuir.

— Senhora, eu sou o hematologista do hospital. — Volto a me sentar

na cadeira da qual nem tinha percebido que levantei.

— Por que um hematologista? — direciono a pergunta a Roger.

— Para comprovar o que eu suspeitava.

— Não estou entendendo — digo, voltando a olhar para Eric.

— Os exames do Jack mostraram algumas alterações, por isso Roger me chamou, para ter uma resposta mais concreta.

— Continuo sem entender, meu filho é extremamente saudável, ele faz exames regularmente, e hematologistas não representam nada bom. Então, continuo sem entender o motivo de o senhor estar aqui — falo de uma vez, sem me preocupar em deixar minhas lágrimas caírem. Jack segura minha mão, e eu tento não desabar em sua frente. — O que meu filho tem? — minha pergunta sai de modo esganiçado por conta do choro que estou tentando segurar.

— Jack está com leucemia.

O meu mundo para. Ele entra em um estado letárgico sem que eu me dê conta. Sinto as lágrimas descendo por meu rosto, enquanto olho para os médicos, e eles estão me encarando, mostrando que realmente não estão brincando. É neste momento que começo a rir junto com as lágrimas. Deve ser uma piada, só podem estar zombando da minha cara.

— Vocês não entenderam? — digo, tentando não entrar em surto na frente do meu filho. — O meu filho tem uma mãe maluca com a saúde dele, eu faço exames periódicos a cada seis meses e eles nunca demonstraram nenhuma alteração. Então parem de mentir para mim, meu filho está com uma infecção de garganta, que vai melhorar quando passarem o remédio adequado para ele. Façam o trabalho de vocês e curem meu filho da infecção de garganta dele — Sussurro não deixando-me levar pelo desespero.

Os médicos me olham com pena, mas neste momento lembro-me do carinho que está ao meu lado, apertando minha mão. Olho para Jack que me encara com um olhar desamparado e eu sinto meu mundo, que nunca foi cor-de-rosa, tornar-se ainda mais negro, opaco, cinza.

— Meu amor, vai ficar tudo bem, tá bom? — afirmo, abraçando-o, trazendo-o mais perto de mim e apertando-o em meu peito. — Preciso da minha irmã aqui. Por favor, *chamem ela*. — Não consigo soltar Jack. Meu filho retribui o meu abraço, e eu tento controlar as lágrimas que escorrem por meu rosto. Tento passar a serenidade necessária para Jack, uma calma que está longe do meu ser, o meu interior está em colapso, no entanto perto do meu filho me mantenho forte.

Às vezes amar dói, machuca. Um amor perdido destrói seu coração, mas nenhuma mãe merece passar por isso, nenhuma mãe aguenta o que estou sentindo. Meu coração foi arrancado tão bruscamente do meu corpo que nem sei o que fazer agora. Não consigo nem mesmo pronunciar meu nome. Se me perguntarem onde moro, vou falar que debaixo da terra, pois assim que ouvi a palavra “Leucemia” eu morri, tenho certeza.

— O que aconteceu, pelo amor de Deus? — Meredith diz, assim que se agacha ao meu lado.

Não consigo pronunciar nada, minha amiga coloca a mão em minhas costas dando-me um apoio mesmo que ela ainda não saiba de tudo.

Os médicos explicam tudo para Meredith; enquanto Jack se afasta do meu peito e olha em meus olhos daquele jeito que acaba comigo. Ele limpa uma lágrima que ainda escorria por meu rosto e beija minha bochecha. Acaricio a sua e tento sorrir para ele falhando miseravelmente.

— O que tem que ser feito agora? — Meredith pergunta, muito mais centrada do que eu.

— Precisamos realizar mais alguns exames de sangue para identificar qual a leucemia dele e qual o avanço dela — Eric diz.

— Vamos fazer isso agora, então! — Meredith exclama, pondo-se de pé. — Amélia, me dá o Jack, ele precisa fazer mais exames, e você não tem condições de nada por hoje — sussurra, retirando meu filho facilmente de mim.

Agora será assim, a vida irá retirar um pouco do meu filho de mim a cada dia. Tento falar algo, mas só vejo minha amiga levar o meu bebê para longe.

— Senhora — doutor Roger, que ficou aguardando o retorno de Eric, Jack e Meredith fala comigo, mas evito olhá-lo. — A senhora vai ter que ser forte, neste momento o seu filho precisará de todos que o amam por perto, então tente, mesmo que seja difícil, se controlar perto dele, está se saindo muito bem até o momento, então continue assim, pois se demonstrar sentimentos transtornados a ele, pode ser que ele piore. — Quando ele diz isso, encaro seus olhos. Vejo tanta verdade neles que assinto, eu faria qualquer coisa para que Jack pudesse ficar bem, até ser a melhor mãe do mundo em um momento que era meio impossível.

Depois de horas, eles retornam. Jack se senta em meu colo novamente e me abraça. Eu retribuo o gesto e, por mim, poderíamos ficar assim para sempre que não me importaria.

— Então, pelos exames comprovei o que eu já imaginava, que é a Leucemia Linfocítica Aguda. Ela é muito comum em crianças e em alguns casos aparece de uma hora para outra.

— Doutor, o importante agora é sabermos se tem cura — Meredith é tão direta que me conforta.

— Na maioria dos casos, sim, mas precisamos começar o tratamento o mais rápido possível, e infelizmente ele não é barato — Eric diz.

— Não se preocupe com dinheiro. Preocupe-se em salvar o meu sobrinho. Quando começamos o tratamento e qual será? — *Obrigada, Meredith, por ser a sensata nesse momento.*

E ainda bem que desde que nos tornamos donas do pub, nunca fomos de esbanjar e tínhamos bastante dinheiro guardado no banco para alguma eventualidade como essa.

— Eu recomendo a quimioterapia, pois ela é a principal forma de tratamento para a leucemia. Se vocês estiverem dispostas, podemos começar daqui a dois dias.

— Estamos dispostas a tudo. — Não sei de onde saiu a minha voz, mas lá estava ela.

— Ótimo. — Doutor Eric sorri para mim e continua. — Então daqui a dois dias faremos a indução, que é o começo da quimio. Ela é curta, mas intensa, e dura geralmente um mês. — Ele para por um momento, olha para Jack e diz: — Você quer deixá-lo na sala de brinquedos para conversarmos melhor?

— Não, meu filho tem que saber pelo que vai passar — sussurro.

— Bom, sempre tem alguns efeitos colaterais, como perda de cabelo, inflamação na boca, hemorragias, dentre outras. Vou pegar meus cadernos explicativos para dar a vocês. Não será um processo fácil, mas vamos fazer o possível para que Jack saia dessa bem. Não é mesmo, garoto? — Eric pergunta, mas Jack se esconde.

Eu queria também poder me esconder, e quando aparecesse descobrir que isso não passava de uma grande piada do destino. Infelizmente a vida adulta dói. Jurei que a minha infância tinha sido o período mais doloroso da minha vida, afinal, não ter pais, sofrer bullying e na adolescência ser abandonada pelo namorado do nada, já seriam provas suficientes. Pelo visto isso é só mais uma vez a vida rindo da minha cara e querendo roubar o amor da minha existência.



Chegamos em casa, para prepararmos tudo para daqui a dois dias. Depois que dou banho em meu filho, faço uma sopa bem reforçada, coloco em seu prato e observo enquanto ele come. De vez em quando ele me olha, como se pedisse permissão para falar algo, no entanto, assim que vê a minha expressão de derrota, desiste.

Meredith sumiu para dentro do seu quarto quando chegamos. Imagino que ela deva estar tão derrotada quanto eu, por isso sumiu, para não chorar na frente de Jack, que já viu sofrimento demais hoje e ainda descobriu que sua vida está por um fio.

Assim que ele termina de comer, levanta-se, indo em direção ao seu quarto. Não impeço. Não dou conta nem de chamá-lo, não estou pronta para perder meu filho. Sei que as pessoas têm suas jornadas na vida, mas meu filho ainda não completou a sua, eu preciso dele. Se ele se for assim, tão novo, eu não conseguirei sobreviver.

Deixo as lágrimas caírem silenciosamente, discretas. Preciso deixar minha dor sair em forma de lágrimas, pois não sei como vou suportar isso. Sinto uma mão em meu ombro e sei que Meredith deve ter escutado Jack em seu quarto, por isso apareceu aqui.

Olho para ela e confirmo que estava certa. Seu rosto está tão inchado e vermelho que percebo que esse seria o fim para nós duas, se algo desse ainda mais errado.

— O que eu vou fazer se ele se for? — pergunto baixinho.

— A gente não vai perdê-lo, ele é o garoto mais lindo, perfeito, inteligente e tudo de bom que conheço. Ele é forte, Amélia, vai dar tudo certo — sussurra, segurando a minha mão. — Eu vou estar aqui, sempre do seu lado, e essa será mais uma batalha, uma longa batalha que vamos vencer, como vencemos as outras.

Suas palavras me fazem ter confiança. Meredith e eu passamos por poucas e boas em nossa vida, mas sempre conseguimos nos reerguer. Agora não será diferente, passaremos por isso e conseguiremos falar desse momento como mais uma batalha vencida por nós duas. Ou melhor, nós três, pois agora temos o pequeno Kakarotto. Aliás, esse apelido nunca caiu tão bem, afinal, meu filho é forte como o tal Goku dos animes e quadrinhos, e vencerá mais essa batalha.

Capítulo 14



Capítulo 14

Nomeamos Lili como a gerente do Pub por tempo indeterminado. Há um mês e meio que não sei o que é entrar dentro daquele estabelecimento, mas confio demais em nossa amiga, por isso, demos carta branca para fazer o que quiser.

Hoje o dia já começou desesperado. Jack, terminou há alguns dias sua primeira etapa na quimio. Estava tudo indo bem, até que se sentiu mal hoje de manhã. Eric me disse que é normal isso acontecer, ainda mais em crianças que tendem ser mais frágeis com câncer, mas disse que toda vez que algo

diferente acontecer preciso levá-lo imediatamente para o hospital, porque alguma reação não esperada pode piorar e levar a pessoa a óbito.

Só de pensar nessa palavra o que resta de mim se destrói um pouco mais. Olho para o meu filho, que agora não possui mais um único fio de cabelo. Depois de todo o susto ele conseguiu dormir, e, vendo-o assim, ele parece tão saudável, mas a pele pálida grita que não, que tudo a seu respeito é sofrimento e problemas.

A minha alma não estava dando conta de ver tanto sofrimento, no entanto, ainda me manteria firme. Sento-me em uma das poltronas disposta no quarto e paro com meus pensamentos assim que a outra metade da minha dupla inseparável aparece.

— E aí, morena linda. Como está o pequeno Kakarotto? — Charles diz, sentando-se na outra poltrona que tem bem ao canto do quarto. Meredith se senta na mesma poltrona que eu, abraça meu ombro, e eu coloco minha cabeça no dela.

— Bem, na medida do possível.

— Já sabe quando começará a segunda fase da quimio? — minha amiga se manifesta. Desde que descobrimos sobre a leucemia, ela está mais contida, não a vi sair dando murro em ninguém nos últimos tempos.

— Eric ainda não me disse, mas como estamos há quinze dias sem fazer nada, devemos começar em breve.

— Mamãe? — Levanto em um rompante e paro perto de sua cama.

— Sim, meu amor? — Seguro sua mão enquanto ele a aperta. — Está tudo bem?

— Sim, só fiquei com medo, porque acordei e não te vi — ele diz com sua voz quase inaudível.

— A mamãe está aqui, só me sentei um pouco.

— E eu também estou. — Meredith beija seu rosto, o que o faz sorrir fracamente.

— E eu estou louco pra você ir embora logo para jogarmos — Charles comenta, ficando aos pés da cama.

— Logo eu vou e te vencerei — Jack responde, sorrindo mais.

Ainda bem que tenho amigos bons que sabem distrair meu filho pelo menos por algum tempo.

— Amélia, vai almoçar. Eu fico aqui com ele — Meredith diz depois de fazer um pouco de cócegas em Jack.

— Estou bem — respondo sem muita vontade. Ok, eu posso ter

perdido cinco quilos por não estar comendo, mas isso não é algo com que me preocupar agora.

— Mamãe, por favor. — Bem, um pedido de Jack não costumo negar.

— A mamãe está bem...

— Por favor — Jack me corta.

Olho para Meredith, que sorri como a vencedora da rodada, beijo o rosto do meu filho e antes de sair eu digo:

— Eu vou, mas volto em no máximo dez minutos.

Depois de vê-lo fazer sinal de positivo para mim, eu parto para fora do quarto a caminho da cantina. Empurro um sanduíche para dentro do meu corpo sem muita vontade, nem mastigo direito para voltar o mais depressa possível para o quarto, mas paro quando, ao longe, vejo uma notícia e uma pessoa conhecida aparece na tela da TV. Uma pessoa que não deveria fazer meu coração disparar.

Levanto-me da mesa onde estou e aproximo-me para ouvir melhor o que está acontecendo, até que não consigo me mover para prestar atenção no ser que aparece e ouço o jornalista dizer.

“A família Williams – proprietária de uma rede hoteleira bastante conhecida pela Europa – doou uma grande quantia para uma ONG da África, para as pequenas crianças carentes. Hoje Oliver volta dos seus meses ajudando as instituições daquela região e estamos com ele aqui para falar o que sentiu ao trabalhar em prol dessa grande causa. Conta um pouco para gente, Oliver, sobre como foi sua experiência — o repórter diz.”

Vejo-o coçar a sobrancelha com sua mão esquerda, e sua aliança reluz. Evito dar importância para este sentimento que cresce em meu peito ao ver o objeto dourado em seu dedo. Ele não merece nem pena, muito menos que o resto de sentimentos que nutro por ele façam com que o meu coração dispare.

“— É incrível poder cuidar de crianças desamparadas. Volto extremamente feliz da África, um sonho que realizei ao poder ajudar os mais necessitados.

— Por que sua esposa não te acompanhou? — o jornalista pergunta mais uma vez, mas vejo Oliver se esquivar e voltar a caminhar.

— Tenho que ir, acabei de chegar de viagem, estou muito cansado.”

E assim a câmera o filma até ele entrar em seu carro, percebo que estava no aeroporto de Londres. Ao ver essa reportagem, fico me perguntando se ele soubesse que tem um filho, será que se importaria com ele como se importa com as crianças da África?

Essa é uma pergunta para a qual não quero a resposta. Volto mais lentamente para o quarto de Jack, pensando que, pela TV, pude ver que Oliver não apresenta mais o brilho de paz que ele tinha quando éramos mais novos.

Deixo de dar importância para isso, pois sei que ainda o amo. Desde o dia em que atopelei Thomas e o vi naquele hospital, meu coração me lembrou que todo o amor que eu sentia por ele ainda está vivo dentro de mim. Pode estar escondido em algumas camadas profundas da pele, mas está aqui dentro do meu ser. No entanto, eu nunca vou deixar que isso tire a minha concentração de quem mais precisa dela. Vê-lo na TV foi bom, matei um pouco a vontade de observá-lo, mas agora já passou esse momento, preciso cuidar do meu verdadeiro amor, do meu Jack.



Hoje começa a segunda fase da quimio – a consolidação, que é bem intensa e ocorrerá por longos meses. Jack demonstrou uma leve melhora, mas ainda é algo tão incerto que não consigo me alegrar.

Ele está cada vez mais magro, cada vez mais debilitado, não sabe se a quimio ajuda ou atrapalha, pois sempre que voltamos de uma para o quarto do hospital, ele está pior. O câncer é algo complicado, pois ele nos engana. Meu filho era uma pessoa tão saudável que chega a doer lembrar-me dele há três meses, quando estava brincando, ou até mesmo se chateando por eu não o deixar tomar refrigerante.

Doutor Eric disse que daqui a algumas semanas irá fazer alguns testes para doação de medula, pois pode ser algo que ajude ao tratamento. Fui a primeira a me candidatar, no entanto fui barrada pelo doutor, pois minha medula não combina com a do meu filho, pelo simples fato de eu ser mãe dele. Só que, mesmo assim, entrei na lista de doadores, pois eu poderia ajudar alguém que estava passando pelo mesmo problema que Jack. E, sim, eu

consegui ajudar alguém, só não sabia quem, pois era anônimo.

A área oncológica infantil é de extrema tristeza, pois você vê a vida ser sugada de uma criança, e isso deveria ser o pior pecado do mundo. Afinal, crianças deveriam ser bênçãos, salvação, e não ficarem com o sofrimento estampado em seus rostos.

Diversas vezes alguns pais saem aos prantos daqui, pois seu pequeno ou pequena não aguentou e partiu, deixando somente tristeza no coração de seus entes queridos, ou até mesmo dos outros pais que se colocam no lugar e pensam que a qualquer momento poderão ser eles. Odeio me imaginar perdendo Jack... não sei como aguentaria, tento pensar sempre que ele será curado.

— E aí, como foi hoje? — Meredith diz, entrando no quarto. Acho que por não poder ficar mais revoltada com todos, pelo seu estado emocional, ela resolveu se rebelar contra seu cabelo, que batia em sua bunda e neste momento está batendo na orelha.

— Meio que dolorido, ele chorou tanto, até vomitou com reação à primeira fase dessa nova etapa da quimio — digo, tentando não encarar meu filho tão magro. — Que porra você fez no seu cabelo? — franzo meu cenho ao pronunciar.

Minha amiga me olha por um momento, respira fundo e diz.

— Digamos que ontem, quando estava na sala de brinquedos dos pequenos, uma linda garotinha chegou em mim. — Com isso nós duas já estamos chorando, pois sei onde essa história vai dar. — Ela falou que queria ter um cabelo tão lindo quanto o meu.

Meredith se senta na poltrona e soluça de tanto chorar. Caminho até ela, afagando suas costas, porque neste momento eu queria simplesmente venerá-la por fazer algo tão lindo.

— Cortei para fazerem uma peruca para ela — sussurra, abraçando-me.

— Você é boa demais, Mer. — Retribuo seu abraço, dizendo: — Onde posso doar o meu?

Nunca gostei de cabelo curto, acho que não combina comigo, mas nesse momento nada importa, muito menos a vaidade, eu quero fazer uma criança feliz e se o cabelo for responsável por isso, com toda certeza elas terão.

— Vou te mostrar. — Ela encara meus olhos e sorri.

— Vocês duas choram demais. — Ouço Jack sussurrar, então, levanto

e me aproximo dele. Assim que me vê, sorri, continuando: — Alguma criança vai ficar linda com o seu cabelo, mamãe, e eu quero uma bandana do Homem-Aranha, pra tampar minha careca. — Ele sorri e nesse momento eu guardo seu sorriso mais uma vez na minha mente. Nunca sei quando será a última vez que verei uma dessas reações, por isso é sempre bom deixar um lugar na mente só com essas lembranças.

— Te dou tudo o que você quiser.

Não estou mentindo, eu daria o mundo para ele se pudesse. Mas como o pedido dele era apenas uma bandana, ele a teria.

No entanto, um pensamento passava por minha mente a todo o momento, mas eu não queria deixar que minha vontade gritasse mais alto. Só que era para o bem do meu filho. Droga, eu iria acabar indo atrás de Oliver!

Capítulo 15



Capítulo 15

Seis meses poderiam ser os meses de muita felicidade para algumas pessoas; poderiam ser os meses em que uma família inteira ganha na loteria e tira férias pelo mundo; poderiam ser os meses de uma criança se formar na sua série e passar para a próxima, ou podem ser assim, como os nossos, com mais uma fase na quimioterapia – a terceira e mais branda, mas a que me dá mais esperança. A fase de manutenção é a menos intensiva, no entanto, pode durar muito mais tempo do que as outras.

Jack está se adaptando bem nesta fase, sentindo-se bem melhor. Suas

bandanas de super-heróis o deixam com um sorriso no rosto. Adoro vê-lo de Batman ou de Homem de Ferro, que sempre foram meus personagens preferidos, só que ele prefere fielmente a de Homem-Aranha.

Hoje estamos em casa, então podemos considerar como o dia bom. Ele está com vontade de comer, brincar com Charles e até mesmo de sair para o parque. Sei que o privei de muitas coisas, mas nunca negaria a ele algo assim, mesmo que esteja um pouco fraco para andar demais.

— Podemos ir? — Meredith pergunta. Seu cabelo já está um pouco maior, mas não tão diferente de quando ela cortou, pois demora eras para crescer.

O meu, por outro lado, já está passando da hora de cortá-lo novamente. Só estou esperando crescer mais um pouco para dar para fazer uma nova peruca, pois cortei-o na altura da minha orelha, mas já está quase chegando na altura dos meus ombros.

— Podemos. — Olho para Jack e digo: — Está preparado?

— Sim, mamãe. — Ele me estende sua mão e saímos para o parque.

Meredith caminha à frente, com Charles, e eu um pouco atrás, acompanhando os passos lentos do meu pequeno. Tão grande, mas que não deixa de ser o meu bebê. Assim que nos aproximamos do parque, que não fica muito longe de casa, Jack para. Olho para ele, preocupada, mas até o momento não parece haver nada de errado.

— Filho, o que foi? — Com minha pergunta meio que desesperada, Meredith já se aproxima da gente.

— Nada, mamãe, é só que esqueci meus brinquedos, e eu queria brincar com eles.

Ouçó a respiração de Meredith e Charles saírem audíveis pelos seus narizes. Meu coração, que estava descompassado, começa a se controlar.

— Você me assustou — digo, baixinho.

— Desculpa. — Ele me olha sentido, mas tento fazê-lo esquecer isso. Não quero que o seu dia comece a ficar ruim por eu ser tão descontrolada.

— Tudo bem, fica com sua tia e com Charles enquanto eu volto em casa para pegar. Daqui a uns cinco minutos estarei de volta. Tudo bem?

Ele assente e caminha para o lado de Meredith.

— Se quiser eu posso ir buscar — Charles diz.

— Tudo bem, fica com ele que já volto — digo, olhando para meu filho antes de virar o rosto e deixar uma lágrima cair.

Se eu não sáísse de lá começaria a chorar em sua frente. Venho

evitando isso há bastante tempo, pois sei que seria ruim demonstrar minha fraqueza. Se eu escuto sua respiração mais pesada do que o normal já é motivo para querer ir para o hospital e interná-lo com medo de que algo aconteça.

Prefiro ficar sozinha quando algo do tipo acontece, pois não consigo segurar as lágrimas. Subo as escadas que levam em direção à sala da minha casa e destranco a porta, caminho para o quarto de Jack e pego sua maleta cheia de brinquedos, que sempre fica pronta. Infelizmente, ultimamente o único lugar que essa maleta visita é o hospital, então será legal ela ir ao parque para variar.

Mas antes de voltar correndo desesperadamente de encontro ao meu filho, sento-me um pouco em sua cama, não choro mais, só que preciso de um pouco de tempo para respirar. Depois de alguns minutos parada olhando para o nada, levanto-me, pego a maleta de brinquedos que havia deixado ao meu lado quando me sentei e saio de casa.

— Meu irmão sabe que tem um filho? — Paro imediatamente de trancar a porta e volto meu olhar para onde, alguns meses atrás, Thomas estava. Hoje está plantado no mesmo lugar.

Mas o meu coração não está retumbando novamente por causa do susto e, sim, pelo motivo de ele saber que Jack é filho de Oliver.

— Não sei do que você está falando — digo, tentando descer as escadas, mas ele me impede segurando o meu braço.

— Você sabe, sim, do que estou falando. A cara de choro com que chegou aqui só prova que ou ele está mal ainda ou você simplesmente está pirando com tudo que está acontecendo em sua vida — joga as palavras na minha cara, encarando meus olhos.

Nunca consegui decifrar seus olhos claros, que não se comparam em nada com os de Oliver, mas lembro-me muito bem de que ele só não é pior que seu irmão porque nunca fingiu ser uma boa pessoa.

— O que você quer de mim? — grito, fazendo com que ele solte meu braço, assustado.

— Quero tentar me redimir e se eu puder te ajudar...

— Cale a boca — corto-o. — Você nunca foi um rapaz gentil, nunca se importou com o próximo, nunca se importou com nada, então não me venha pagar de bom moço agora, pois eu não acredito nas suas mentiras e muito menos nas mentiras da sua família.

Digo, tentando sair antes que ele comece a falar novamente, mas

assim que volto a descer as escadas ele diz:

— Eu sei muito bem o que aconteceu com vocês dois, mas meu irmão merece saber que tem um filho. Ele ama crianças e poderia te ajudar nesta fase difícil que o Jack está passando. — Viro em sua direção com fúria nos olhos. Ele sabia demais.

— Não fala de Oliver para mim. Ele foi pior do que você foi, muito pior. — Ele nega com a cabeça, parecendo não concordar com o que digo — Não o defenda.

— Ok, eu não vou defendê-lo e sei muito bem o quanto fui um idiota quando era mais novo, mas as pessoas mudam, Amélia, e mesmo você não acreditando, *eu* mudei. Saí do cabresto da minha mãe quando percebi o quão tóxica ela é.

Vejo seus olhos se encherem de lágrimas, mas ele tenta desviar sua atenção para longe para que eu não perceba. Fico até parada, esperando que continue, pois agora fiquei interessada no que tem a dizer. Thomas parece destruído pela vida como eu, o que faz com que eu sinta no fundo, mas bem no fundo mesmo, um pouco de pena dele.

— Eu quero te ajudar, se for possível, não contei para meu irmão sobre o filho dele, mas acho que você deveria contar. — Nego com a cabeça, e Thomas continua. — Ele tem sete anos?

— Sim — a derrota está perceptível em minha voz.

— Posso conhecê-lo? — Thomas pergunta.

— Acho melhor não, Thomas. — Abaixo minha cabeça e volto a encará-lo. — Só peço que não conte nada ao Oliver.

— Ainda acho que você deveria contar, pois se algo pior acontecer ele nunca irá te perdoar — murmura, e a fúria volta a tomar conta do meu ser.

— O seu irmão não tem direito de nada. Pelo amor de Deus, vai embora e esquece o meu filho. Eu não vou deixá-lo te conhecer, não vou contar ao Oliver. Chega, não quero vocês perto dele — grito a última parte.

— Mamãe! — a voz de Jack faz meu corpo todo gelar. Viro-me em direção à rua e vejo meu filho, com sua nova bandana na cabeça e com Charles e Meredith ao seu lado, ambos de olhos arregalados.

— O que vocês estão fazendo aqui? — digo, aproximando-me mais rápido de Jack, imaginando que ele possa ter passado mal.

— A senhora demorou, então viemos embora, porque eu tô cansado — Jack diz, olhando para Thomas.

— Oi, rapazinho — este cumprimenta, aproximando-se de Jack e

agachando-se para ficar da sua altura.

Meu filho não responde, apenas o olha por um tempo, o que já é uma evolução, pois nem isso ele gosta de fazer perto de outras pessoas. Logo ele abraça minha cintura, escondendo seu rosto em minha barriga.

Olho para Thomas, que me pede permissão para puxar assunto. Eu nego, e ele assente.

— Estou indo, depois nos falamos, Amélia! — Ele vai em direção ao seu carro novamente e parte deixando-me furiosa.

— Quem era? — meu filho faz a pergunta que eu não queria.

— Ninguém — digo, encarando seus olhos.

Ele sabe que estou mentindo, mas não diz nada, só me solta e vai para dentro, cabisbaixo. Charles, que nunca se intrometeu em nada relacionado ao meu passado e ao de Meredith, diz, antes de subir atrás de Jack:

— Acho que vocês duas estão erradas por manter esse menino tão longe da verdade.

Meredith me olha, e eu a olho. Não sei o que se passa na mente dela, só que parece concordar com Charles.

— Você vai ficar contra mim? — indago.

— Não, eu não quero aquele imbecil perto do nosso menino.

É a única coisa que ela diz antes de sair e me deixar sozinha do lado de fora. Há alguns meses até pensei em contar a verdade para Oliver, no entanto, a raiva não permitiu.

Nunca irei contar do meu filho para Oliver. Nunca!

Capítulo 16



Capítulo 16

A gente se engana e muito.

Em um momento dizemos que nunca faremos algo e na outro já estamos pagando com a língua. Como dizem os mais velhos: “nunca diga nunca”, por isso, quando o doutor Eric diz que não encontramos alguém compatível até o momento para doação de medula ao Jack, a única coisa que vem à minha mente é simplesmente aquela família miserável. Talvez, entre eles, poderia haver alguém compatível com meu filho.

Há sete meses estamos lutando para a cura da leucemia; sete meses de

momentos sofridos e alguns alegres por alguma simples melhora que Jack venha a ter. No entanto, a medula poderia ser algo que o ajudaria muito nessa terceira fase de quimio.

Saio do hospital levando meu filho embora para mais um momento em nossa casa, fazendo toda a nossa rotina de sempre – jantar, banho, cama e velar seu sono. Meredith já nos desejou boa noite há algum tempo e foi dormir. Hoje Charles preferiu ir embora para sua casa, pois desde que o tratamento de Jack começou, ele tem mais ficado aqui do que na casa dele.

Deito em minha cama, mas não prego meu olho. A decisão está se formando em minha mente e não consigo relaxar para descansar. Passo a noite olhando para o teto, até que olho o relógio e vejo que já são seis da manhã. Levanto-me o mais rápido que posso e tomo um banho. Assim que saio dele, visto um jeans justo, uma blusa de lã bem clara, e as botas rasteiras de sempre estão em meus pés. Assim que pego tudo que é necessário para uma viagem de poucas horas, entro no quarto de Meredith, acordando-a.

— Que foi? O Jack está bem? — Ela já se levanta imediatamente da sua cama, meio sonolenta, mas também desperta.

— Está, sim. Me desculpa te chamar tão cedo, mas preciso dar uma saída. Pode olhá-lo para mim? — Encaro seus cabelos bagunçados, evitando olhar em seus olhos.

— Aonde você vai? — ela pergunta, mas evito a resposta, mudando de assunto.

— Então, você o olha?

— Claro! — responde.

— Obrigada! — Saio correndo do seu quarto para que não faça mais nenhuma pergunta.

Entro no quarto de Jack, beijo sua testa e vejo se está com alguma febre. Sorrio ao perceber que sua temperatura está normal e que ele dorme pesado, então, saio de casa.

Pego minha caminhonete e deixo a minha vaga, logo pegando a rodovia que leva a Londres, decidida a dar um passo em minha vida para o qual não sei se estou preparada, mas por meu filho eu faço qualquer coisa. Até mesmo retornar à cidade que jurei nunca mais voltar e ir à mansão que nunca nem cheguei perto, mas que sei exatamente onde fica.

Estou prestes a encarar o meu passado que acabou com todas as minhas esperanças de um futuro feliz, mas esse mesmo passado me deu uma única felicidade que agora está se esvaindo por meus dedos, pois não sei mais

o que fazer.

Esse passado é Oliver Williams, e está na hora de ele saber que é pai de um garotinho lindo, que está com câncer e talvez até mesmo não se cure. E se meu último pensamento se concretizar, nem eu mesma sobreviverei neste mundo.



Estaciono o meu carro do outro lado da rua. A mansão fica em Hampstead, e ela é quase do tamanho do meu quarteirão, fora o jardim, que poderia dar uns três quarteirões de onde moro em Oxford.

Eu nunca vim aqui, mas sonhava com o dia em que Oliver me traria para conhecer sua família. Até imaginei que sua mãe me expulsaria por não me aceitar, só não esperava que ele iria me deixar sem ao menos dizer nada.

Aproximo-me do portão e logo um guarda aparece.

— Bom dia! Gostaria de falar com o Oliver — digo para ele, que se mantém com a expressão fechada.

— Nome? — ele pergunta, e o medo toma posse do meu corpo. Engulo em seco e encontro coragem para dizer. É pelo Jack, é para ele melhorar, é pela sua cura.

— Amélia.

Ele me deixa plantada do lado de fora por alguns longos minutos, mas logo o portão se abre, e o segurança diz:

— A senhora Williams está à sua espera.

Não digo nada, no entanto o meu coração está disparado. Pelo visto irei encarar a megera que só conhecia de vista.

Sigo pelo caminho de trepadeiras que leva até a porta da frente. Não preciso bater, pois já está aberta, e eu vejo a jararaca de pé, aguardando-me. O ódio refletido em seu olhar faz com que eu me arrependa amargamente de ter aparecido aqui.

Malorie está ao seu lado, com olhar tão mortal quanto o dela. Merda, caí em um ninho de cobras!

— Entre! — Anna diz, e eu dou um passo à frente, entrando pela primeira vez nesta mansão que é tão linda por dentro quanto por fora.

Malorie não diz nada, só se encaminha para outra sala, e Anna indica

para eu segui-las. Quando entro vejo Veronica com sua sobrancelha arqueada, encarando-me, percebo que não sente tanto ódio como as outras, mas tem nojo.

— A vira-lata voltou — é o que sai de sua boca.

Eu continuo a repetir em minha mente que é por Jack.

— O que você faz aqui? — a mãe de Oliver pergunta.

— Eu tenho um assunto a tratar com Oliver e não com vocês. — Se Meredith estivesse presente, com toda a certeza estaria me aplaudindo.

— Você não tem nada para tratar com o meu marido — Malorie diz, estridente. *Credo, como Oliver se casou com uma mulher com uma voz dessas?*

— Você não se intrometa, eu vim falar com ele, se ele não está então vou embora — digo, encarando-a. Ela é linda, mas só de boca fechada.

Agora, Veronica continua parecendo um cachorro. Sorrio de leve pelo pensamento, o que a irrita.

— O que foi, acha que está no circo de costume? — *Como ela me irrita!*

— Calem-se as duas. O que veio fazer aqui, garota? Eu odeio me repetir, então não me estresse mais. — *Que nojo eu tenho desta mulher.*

— Como eu já disse para a senhora, o assunto é com Oliver — informo, cerrando meus dentes.

Estou tentando manter a calma para não voar no pescoço dessa mulher. Já precisei engolir todo o meu orgulho para vir nesta casa e agora tenho que aguentar isso. Pela minha visão periférica vejo alguém entrar na sala, e quando direciono o olhar para porta Thomas está sorrindo para mim.

— Oi, Amélia. Que bom que resolveu vir aqui — comenta, sendo muito educado. Ele sinceramente parece mudado.

— Não ouse avisar ao seu irmão que essa imunda está aqui, pois não quero que ele a veja — Anna, nojenta e repulsiva, fala para um Thomas que a olha com ódio.

— Amor, acho melhor você me tirar daqui, estou cansada de olhar para essa delinquente — Veronica diz. Olho para ela, surpresa. Ok, ela andava com Thomas para cima e para baixo, mas nunca pensei que se tornaria algo sério.

— A única delinquente que tem aqui é você — ao ouvir essas palavras saírem da boca de Thomas, eu caio na gargalhada, pois a expressão de Veronica é muito cômica. Gargalho fortemente como não faço há anos.

Thomas sorri para mim e se vira para sua mãe, fechando sua expressão. — E só para te informar, mamãe, assim que fiquei sabendo que a Amélia estava aqui, eu chamei o Oliver, ele está a caminho. — Direciona seu olhar para mim.

— Eu não acredito que você fez isso — Malorie vocifera, com raiva.

— Vá embora antes que meu filho chegue. Eu não permiti que ele tivesse contato com você no passado, não é agora que permitirei. — Anna se enfurece, e eu a encaro, tentando entender o que ela quis dizer com isso. Mas quando penso em questioná-la, a voz do meu tormento se pronuncia:

— Estou bem grandinho para que você mande em mim, Anna.

Como se fosse um filme em câmera lenta, lanço meu olhar para ele e percebo que o seu já está posto sobre mim. No hospital eu não o tinha visto direito, mas agora o encaro de verdade. Encaro seus olhos, os que mais amo, azuis brilhantes, mas com uma tristeza cravada neles.

Sinto minhas pernas virarem gelatinas, mas consigo permanecer de pé com uma força que vem não sei de onde. Tento manter minha expressão mais séria possível, pois não quero que ele perceba o quanto ainda o amo.

Mas é meio impossível. Droga! Eu ainda o amo demais.

— Amélia — seu sussurro afaga meu coração, pois sinto um carinho grande em suas palavras. Um carinho do qual precisei muito nesses meses de dor e sofrimento, que demonstra o quão forte eu poderia ser se o tivesse ao meu lado.

Não esqueço que ele é um crápula que me abandonou. Nunca o perdorei por isso, mas neste momento meu filho precisa mais dele do que os meus sentimentos possam mandar.

— Eu preciso de você — quando minhas palavras saem, não consigo controlar mais as lágrimas, e, neste momento, todos percebem a minha fraqueza, toda a família nojenta de Oliver e principalmente ele.

Se já me destruíram uma vez, agora com essa vulnerabilidade acabarão comigo, em um estalar de dedos.

Mas eles só não sabem que sou uma Amélia mudada, que nunca mais deixaria ser pisada novamente.



Parte II

Oliver



Oliver

Pobres são nojentos, só querem o nosso dinheiro. Nunca nossa família poderá ter o nome associado ao de alguém deste nível. Não acredito que Eliot aceita o pessoal daquele orfanato no colégio. Só não tiro vocês de lá, pois estão quase conseguindo a vaga em Cambridge. Nunca se aproximem daquela corja nojenta que se dizem órfãos. Nunca sejam vistos com um pobre, finja gostar das crianças carentes, mas nunca as deixe tocarem em vocês, não quero que peguem uma doença.

Essas são as palavras que retumbam na minha mente todas as vezes que olho para a garota de cabelos negros, que é tão linda e se distingue da maioria que faz parte deste colégio. Acho que a maior diferença dela é não ter dinheiro, afinal, esse pequeno benefício destrói tantas vidas por causa da ambição.

Ela sempre está com uma garota ruiva, e acho que se não fosse por essa amiga ela sofreria mais, muito mais do que já sofre. Desde quando entrou no colégio eu a observo, mas nunca cheguei a falar com ela, apenas morro de vontade de perguntar o seu nome.

Senti uma conexão assim que a vi, mas o medo de me aproximar e atrapalhar ainda mais sua vida não deixava que eu nem ao menos tivesse uma conversa decente com ela.

Eu a via nos intervalos e até mesmo quando tinha alguma aula vaga. Sempre muito calada, envergonhada e nunca perturbava ninguém, só que

sempre encontrava alguém em seu caminho para lhe importunar.

Terminei o ensino médio há algum tempo, mas não quero entrar para universidade agora, – e em meus tempos vagos continuo vindo para o colégio para ter um momento de paz e poder me decidir sobre o que quero para minha vida – no entanto meus pais não entendem essa minha escolha e estão fazendo de tudo para que eu siga o ramo da família – uma coisa que odeio –, porém o que mais importa neste momento é conhecer a garota de cabelos negros.

— Você não vai acreditar — Thomas diz assim que se senta na cadeira à minha frente no refeitório. Veronica, a insuportável, está a seu lado, como sempre.

Agradeço aos céus que sua irmã foi fazer um intercâmbio nos Estados Unidos e voltará só daqui a um ano, pois ela é outra que não suporto da família Smart, essa família que há anos se mudou para Londres, só para acabar com minha vida.

— O que aconteceu? — pergunto, sem muita vontade, Thomas é um imbecil que se deixa ser manipulado por minha mãe. Toda vez que quero fazer algo que ela não permite, ele me dedura para ela, e eu tenho que sofrer as ameaças de sempre.

— As nojentas do orfanato trocaram de sala, por estarem sofrendo bullying, e agora estudam comigo — ele diz, fazendo Veronica gargalhar. *Que nojo dessa garota!*

— E como elas se chamam? — Odeio ser o idiota que dá munição a Thomas para foder com a minha vida.

— Isso importa? — Veronica, mais rápido que Thomas, pergunta.

— Não. — Olho para a comida em meu prato e volto a encarar meu irmão. — E o que tem elas estudarem com você?

— Se elas pensam que fugiram do bullying, estão muito enganadas. Vou acabar com elas. — Vejo os olhos de Thomas brilharem, como se isso fosse o melhor prêmio para ele.

— Não se aproxime delas.

— Até parece que você manda em mim, irmãozinho. — Levanta-se e sai de perto, antes que eu perca minha paciência.

Como odeio meu irmão. Ele se deixa ser manipulado muito fácil pela minha mãe. Eu finjo concordar com ela, mas nunca julguei as pessoas por classe social e, sim, por caráter, e o da minha família é realmente péssimo.

Eu era sempre o garoto bom, mas tudo que eu desejava na vida era

sumir no mundo sem que Anna Williams tentasse controlar a minha vida.



Vejo Amélia – depois de muita insistência com Thomas descobri seu nome – entrando na biblioteca e se encaminhando para uma das prateleiras que ficam repletas de livros de ficção. Ela para em frente à sessão de romance e encara os títulos. A vontade incontrolável de puxar assunto com ela faz eu me levantar da cadeira e me encaminhar para perto. Assim que me aproximo, ela me olha com aqueles olhos extremamente escuros.

Que garota simplesmente deslumbrante.

Ela abre um leve sorriso em minha direção, e eu retribuo. Encaro-a, parecendo um idiota, e quando penso em dizer algo, vejo que a turma dela está entrando na biblioteca, o que me diz que daqui a pouco meu irmão aparecerá. Depois de dar mais uma olhada em seu rosto, afasto-me, saindo da biblioteca.

Não sei por que comecei essa quase obsessão por Amélia, mas ela me encantou desde quando entrou no colégio. Eu senti a conexão. Ela olhou em minha direção, e eu senti algo.

E desde então parei para observá-la. Ela tinha várias manias engraçadas, como: ficar emburrada com sua franja quando ela caía em seus olhos e a atrapalhava na leitura. Conter a gargalhada quando sua amiga fazia alguma besteira. Ela adorava comer doces, afinal, eu imaginava que no orfanato deveria ser privada de comer certos tipos de coisas.

Saio da biblioteca certo de que precisava tirar essa garota da minha mente. Não podia deixá-la tomar ainda mais meus pensamentos do que já dominava.

Os dias passam e cada vez me sinto mais conectado com Amélia. Ela nem sabe da minha existência, e eu fico aqui como um bobo, observando-a a cada passo que dá com Meredith.

Odeio ver o que fazem com elas, por isso algumas vezes tento intervir e as tiro das enrascadas em que elas nem se colocam, mas os idiotas ricos dessa escola se acham no direito de julgá-las só por morarem em um orfanato. Eu queria muito ter nascido em uma família melhor; seria tão bom poder ter paz e fazer o que quisesse.

Morro de vontade de ter e realizar minhas próprias escolhas, mas pelo visto ainda sou um bebê chorão que só assente quando ordenam que façam algo.

Quando entro em casa, parece que um peso muito maior cai sobre mim. Tenho vinte anos, e meus pais querem que eu comece a faculdade este ano, no entanto, não queria começar algo só por que tinha terminado o colégio. Queria me decidir e receber algumas propostas melhores para depois escolher onde iria cursar algo que formaria o homem que estava tentando ser.

— Veio mais cedo do colégio — mamãe diz, encarando-me com seu olhar gélido. Ela diz nos amar mais que tudo no mundo, mas eu tenho para mim que ela nunca quis ter filhos, mas era obrigada a deixar herdeiros para a nossa família.

— Sim, estou meio cansado — digo, tentando subir as escadas que me levam até o meu quarto.

— Seu pai está em reunião com o Roger não quer se juntar a eles? — questiona, mas eu sei que sua intenção é me obrigar a ir.

— Só quero me deitar um pouco, mãe — digo, olhando para ela.

— Vá logo para o escritório do seu pai, Oliver. Não me envergonhe mais do que já envergonha não tendo escolhido algum curso que foi lhe oferecido há algum tempo em Cambridge.

Eu deveria gritar, mandá-la à merda, mas lembro que mesmo ela sendo a pior mãe do mundo, ainda é a minha mãe, então lhe devo respeito. Deixo meus livros na mesinha da sala e caminho para o escritório. Dou três batidas na porta para anunciar a minha chegada. Quando entro, Roger sorri para mim.

— Oliver, que bom que se juntou a nós. — Olho para o meu pai, que tem a expressão ainda mais raivosa do que a da minha mãe.

— Senhor Smart, como vai? — digo sem muita vontade.

— Melhor agora que seu pai e eu estamos pensando em juntar nossos nomes. — Olho para papai, sem entender. Acho que ele percebe a confusão em meu semblante e logo se pronuncia.

— Decidimos que você e Malorie vão se casar! — ele diz assim, sem nem preparar o terreno. Só joga a bomba em cima de mim e sorri, como se essa batalha já estivesse ganha.

Mas eles estão muito enganados. Eu sempre fui o pacificador e aceitei tudo que fizeram desde a minha infância, mas isso está fora de questão. Eu

nunca me casarei com uma mulher que não amo. Prefiro sofrer as consequências do que ser mais infeliz do já que sou.

Ainda mais ter que aguentar Malorie, uma mulher tão vazia de alma que não tenho nem como me imaginar em um relacionamento com ela. Fecho o meu cenho e me preparo para a guerra que irei travar, no entanto, não deixarei tomarem conta da minha vida, como querem tomar.

— Você está muito enganado se acha que vou fazer algo parecido com isso — esbravejo, olhando-os e logo saio do escritório, deixando Roger e meu pai me encarando assustados.

Ok, dou razão para eles. Nunca fui de me rebelar contra ninguém, mas isso já é demais para mim. Eles querem me casar com uma dissimulada que é tão pior quanto eles. Piraram, só pode!

Malorie é a repulsa em pessoa. Não a suporto, até a sua voz me irrita, não merece nem ao menos ser lembrada do tanto que é impossível de aguentar. Eu já faço tudo que minha família me pede.

Não, pedir é uma palavra forte. Tudo o que minha família me obriga a fazer. Agora querem me casar com apenas vinte anos com uma garota que não suporto.

Saio de casa, indo em direção ao jardim que leva ao lago – que fica aos fundos de casa. Quero ter um pouco de privacidade, pois nem isso eles me permitem ter. Queria entender o que eles sentem se impondo em cima de mim e de Thomas desta forma, mas meu irmão parece adorar o que eles fazem.

Deito-me na grama e respiro fundo, sentindo a brisa do lago bater em meu rosto. Já tive meus namoros e rolos, mas nunca senti vontade de ficar com nenhuma por mais que um mês. Malorie que o diga; o dia em que a beijei pela primeira vez eu quis esquecer na mesma hora. Não houve desejo nem nada, era só algo mecânico, parecendo que estávamos sendo obrigados a nos beijar, como estão querendo me obrigar a casar com ela.

E desde então ela não sai do meu pé. Quer porque quer ser minha namorada, mas se o beijo dela já é ruim sendo somente uma amiga, imagina namorados? Eu não mereço isso, não mesmo.

A noite chega, e eu continuo deitado sobre a grama. Quanto mais horas passam, menos raiva eu sinto. Precisava desse momento sozinho para não querer tacar fogo na minha família.

— E aí, cara? — Ouço Thomas dizer, enquanto se aproxima de onde estou. Levanto-me da grama e o encaro. — Está fugindo dos problemas? —

ele volta a perguntar.

— Estou. Você devia fugir também e deixar de ser o imbecil que aceita tudo dos nossos pais — digo, voltando meu olhar para o lago.

— Para ficar sem mesada? — Ele sorri com escárnio. — Veronica é muito cara, se eu não tiver dinheiro para mantê-la ao meu lado, ela simplesmente não irá me querer futuramente.

— Thomas, escuta suas palavras, é surreal você querer alguém que só pensa em dinheiro — afirmo, encarando-o com horror.

— Foda-se, só quero a minha herança quando os velhos morrerem.

A cada dia que passa tenho mais nojo de Thomas. Ele está se tornando pior do que eu imaginava. Como uma pessoa que possui somente dezoito anos pode ser tão mesquinha?

— Você me dá arrepios, Thomas — é a única coisa que digo.

— Cara, até você pensa em dinheiro.

— Dinheiro é importante para a vida, Thomas, mas isso não significa que devemos nos tornar pessoas ridículas por causa dele.

— Oliver, você é muito bom para a família que tem — responde com sarcasmo.

— Eu sei e sinceramente odeio fazer parte desta família — murmuro sem encará-lo.

— Você deveria se impor melhor sobre as escolhas que quer. — Comenta, enquanto pega uma pequena pedra e joga no lago.

— Não sei o motivo de você estar falando isso, porém eu sei também que você não se impõe, então não tem que jogar nada em minha cara.

— Que tal se eu te propor algo? — indaga, olhando-me. Eu só assinto para ele continuar. — Te dou três meses da minha mesada, caso você faça aquela trouxa do orfanato cair em uma pegadinha.

Sinto raiva dele. Odeio quando fala assim delas, principalmente quando eu sei que se trata de Amélia. Thomas não é burro, ele sabe do meu encanto por ela, mas tenho quase certeza de que não contou à mamãe, senão ela já teria me mandado para outro continente, só para me afastar dela.

— Você acabou de falar que precisa de dinheiro para comprar a sua futura namorada, mas está querendo me pagar só para fazer as meninas sofrerem? — retruco, tentando entender aonde o imbecil quer chegar.

— Cara, acho que a Veronica até ficaria três meses em casa para ver a imunda se ferrar.

— Para de falar assim dela — vocifero, cerrando meus dentes. —

Você ficou maluco? Amélia nunca fez nada para você ser tão idiota com ela.

Levanto-me querendo socar algo, a cara de Thomas poderia ser uma opção. E ele mal sabendo da minha ira continua falando, enquanto se levanta também.

— Eu não tenho culpa de você gostar de pessoas desprezíveis como ela.

E foi aí que eu deixei a máscara de bom moço cair. Virei-me em sua direção em um rompante deixando a fúria sair do meu corpo e soquei seu rosto, uma, duas, três vezes, derrubando-o no chão, parei, pois com a raiva que me dominava eu seria capaz de matá-lo.

— Ok, apaixonadinho, já entendi o recado. — Levantou-se do chão, limpando a linha fina de sangue que escorria do canto de sua boca. — Mas pensa na minha proposta. Você nunca poderá ficar com ela mesmo, ao menos ganha uma graninha para conversar com ela — Thomas diz, e percebo que ou ele é um demônio ou fez pacto com o próprio para ler a minha mente. Ou talvez a forma agressiva que o tratei segundos atrás tenha provado algo que ele não tinha certeza. Ele volta para a mansão Williams, deixando-me com meus pensamentos.

Eu não estava apaixonado por Amélia, mas queria muito uma oportunidade para conversar com ela. Mesmo odiando a proposta do meu irmão, sinto uma vontade incontrolável de aceitar, pois assim eu conseguirei me aproximar daquela garota sem medo.

É tudo o que eu quero.

Capítulo 18



Capítulo 18

Estão sendo os melhores meses da minha vida. Nunca pensei que poderia me sentir tão feliz com uma pessoa como me sinto com Amélia. Ela surgiu como um rompante em minha vida, fazendo com que eu percebesse que era uma pessoa maravilhosa.

A partir do momento em que a aposta de Thomas fez com que nos uníssemos, mesmo que tivessem acontecido algumas fatalidades pelas quais ainda me culpava, o meu mundo teve todo o sentido mudado.

Parecia um bobo apaixonado. Na verdade, eu era isso mesmo, porém não importava, pois eu sabia que Amélia era especial, a primeira mulher que fazia com que meu coração sentisse algo que nunca havia experimentado.

Observo Amélia, enquanto ela ainda está deitada – com seus cabelos longos e negros sob suas costas – ao meu lado. Não tinha nada do que reclamar já havia feito sexo antes, mas com ela foi diferente. Poderia estar sendo piegas, no entanto com Amélia tudo era diferente, por isso, eu sabia que ela era meu ponto fraco. Se quisessem me atingir era só colocá-la em risco.

Afinal, eu sabia que ela era o amor da minha vida inteira. O futuro só a Deus pertence, mas o que sentia por Amélia era inexplicável.

Quando ela abriu seus lindos olhos negros e os direcionou para mim, continuei sorrindo para ela, pois aquele, sim, era um jeito maravilhoso de se acordar.

O ruim foi deixá-la em seu pequeno apartamento quando o nosso fim de semana inesquecível chegou ao fim. Vê-la partir de dentro do meu carro, após um beijo de arrancar o fôlego, foi quase doloroso.

Amélia ainda olhou para mim, antes de entrar em seu prédio, jogou-me um beijo no ar, e eu soube que era o homem mais feliz.

— Te amo — movimento meus lábios, para que ela entenda pela leitura labial. Após abrir um longo sorriso, responde.

— Te amo mais, meu Oliver.

Ela entra, e assim eu parto em direção à minha casa. Como eu queria que a perfeição durasse pelo resto da vida. Desejava não ser um idiota manipulável, mas prometi que nunca deixaria nada afetá-la no momento em que a tornei minha, mas não imaginei que, para protegê-la, precisaria fazer um sacrifício tão grande.

No entanto só queria que a vida fosse menos complicada, porque o

meu presente era perfeito, mas o futuro estava sendo traçado por algo tão ruim que, se eu soubesse, teria rido e pensado que era mentira.

Chego em casa sorridente, pronto para enfrentar qualquer batalha. Podia vir mãe, pai, quem fosse, sinto-me pronto para o que der e vier. *Ou não!*

Assim que entro no hall da sala, percebo que estamos com visitas. Olho para Roger, que me encara sério, depois olho para suas duas monstras, mais conhecidas como filhas. Malorie voltou do intercâmbio mais cedo – *que porra ela tá fazendo aqui?* –, e Veronica, como sempre, está quase montada no ombro de Thomas. Meus pais me olham sorridentes. Quem os vê assim, sem os conhecer como eu conheço, pensaria que eram pais amáveis, só que eu percebo o olhar que estão me direcionando e sei que dele não vem nada bom.

— Meu amor, que bom que chegou. — Malorie se levanta do sofá e caminha para a minha direção, mal percebo até que seus lábios tocam nos meus. Só que ao sentir o contato, afasto-me dela.

— Você está louca? — questiono, deixando o ódio ficar evidente em meu tom de voz.

Ela levanta sua sobrançelha perfeitamente feita, sem um fio fora do lugar, e olha para minha mãe, que já se encaminha na minha direção. Antes de parar ao meu lado, vejo Thomas negar com a cabeça. Não entendo muito bem o seu sinal, por isso, franzo o cenho.

— Venha, querido, vamos desfazer sua mala e termos uma conversa.

Subo as escadas não querendo. Na verdade, o único sentimento que tenho em meu peito neste momento é o de fugir desta casa e nunca mais voltar.

Quando entramos em meu quarto, minha mãe fecha a porta atrás dela.

— Vista um terno, vamos anunciar o seu noivado. — Começo a gargalhar, ela tá muito pirada.

— Mãe, acho que você já deveria ter percebido que não gosto da Malorie, não vou ficar noivo dela, muito menos me casar com ela. Eu amo a Amélia.

Espero ver o ódio de sempre em seu olhar quando cito o nome da *minha* mulher, mas ela só sorri.

— Filho, eu não te coloquei no mundo para detonar a nossa fortuna com uma pobre, muito menos uma órfã. Estou só pensando no seu bem.

Então me escuta com clareza — ela diz, aproximando-se de mim.

Mas antes disso vira o tablet, que estava em sua mão — que só percebi agora —, em minha direção e tenho uma visão clara de uma câmera direcionada ao quarto de Amélia. Pela imagem é perceptível que a câmera está no prédio ao lado, o que faz com que eu tenha uma visão privilegiada do cômodo, mostrando o momento exato em que ela está sentada em sua cama, sorrindo e conversando com Meredith.

— O que é isso? — pergunto com o coração disparado.

— Era para ela ter morrido naquele beco, mas como podemos perceber, conseguiu sobreviver, graças à sua ajuda. Gastou uma fortuna da sua poupança para pagar os custos hospitalares daquela pobre, e ainda a salvou, lutou com os agressores, Oliver — cospe em minha direção. — Então ando observando-a, a cada passo que ela dá tem alguém a seguindo, principalmente pela viagemzinha que vocês fizeram. Você me dá um desgosto imenso, meu querido filho.

— O quê? — meio perplexo, continuo questionando, mas sentindo meu coração se comprimir. A minha própria mãe atentou contra a vida da mulher que amo — Você está louca, eu vou chamar a polícia — digo, por fim.

— Se você chamar a polícia, ela morre. — Ouço aquilo e juro ser um blefe. Não pode ser real. Mas ao olhar para os olhos da minha mãe percebo que não está blefando.

Meu Deus! Ela armou tudo, como pôde?

— Não posso acreditar no que está dizendo, *mãe* — a palavra mal saí de minha boca. — Se isso for real, você é tão dissimulada... Os caras poderiam até ter me machucado, mas o que importava era que Amélia não tocasse no seu precioso dinheiro? — pergunto aos berros.

— E nem nos meus filhos. Vocês fazem o que eu quero — sem alterar a voz ela continua, abrindo um sorriso vitorioso. — Já foi avisado, então, ou você desce e coloca uma aliança no dedo de Malorie, ou a sua tão amada Amélia estará morta até o crepúsculo. Será que ela aguentará ser espancada de novo, ou talvez levar um tiro? — continua sorrindo diabolicamente. — Você não me conhece, Oliver. Não sabe do que sou capaz. Ah! E antes que eu me esqueça, dessa vez a amiguinha vai junto.

— Que tipo de monstro você é?! — ainda sem conseguir acreditar, murmuro, sentindo meus olhos serem tomados por lágrimas que não quero deixar cair. — Eu posso muito bem protegê-la — afirmo entredentes.

— Você não irá protegê-la vinte quatro horas por dia, quer pagar para ver? — Anna responde, saindo do quarto, mas antes de sumir de vez da minha frente, pronuncia: — No menor deslize que você der, ela perderá a vida, tem certeza de que quer arriscar?

Depois disso deixa-me desolado, petrificado no mesmo lugar. O tablet está em minha mão, por onde ainda posso ver o quarto de Amélia, com ela na cama, sorrindo lindamente como sabe fazer muito bem. Como pude não perceber desde o início que ela estava sendo perseguida, que o espancamento fora armado? Como pude deixar isso acontecer?

Sinto que a cada segundo que se passa meu coração perde uma batida. Perde várias, na verdade, até parar de bater. Sinto que ele nunca mais irá voltar a pulsar em meu peito. Ficar sem Amélia é a mesma coisa que não viver, é somente sentir as trevas dominarem o meu ser.

Eu tenho que ser mais forte, tenho que enfrentar essa minha família, pois não posso simplesmente deixar que eles exijam que eu abandone Amélia e ainda aceite numa boa. Caminho em direção à porta do meu quarto, mas paro antes de sair para enfrentá-los.

E se minha mãe for tão cruel como parece? E se houver alguém só esperando a ligação dela? E se invadirem a casa de Amélia? Nunca ninguém irá perceber o que aconteceu lá dentro; o prédio dela é totalmente sem segurança, um apartamento afastado do outro, nunca iriam ouvi-las gritando por socorro. Elas são órfãs; nem o governo muito menos a polícia se importariam em solucionar o caso.

Sinto que meu dia que começou perfeito começa a sangrar. Está quase chegando o anoitecer, e a promessa de minha mãe é que até o crepúsculo ela estará morta. Eu nunca conseguiria carregar a culpa de tirar a vida da mulher que amo, não consigo imaginar minha vida em um mundo onde Amélia não exista.

Saber que ela está segura e salva me dará esperança de um dia poder explicar tudo a ela e fazê-la entender que eu a amei e sempre irei amar. Mesmo que me odeie, até meu último suspiro será de Amélia.

Sabia que era a pior decisão a ser tomada. Mas eu não poderia dar chance ao azar.

Entro em meu closet e caminho para a parte onde ficam somente os ternos. Escolho um que usaria em velórios, pois, sinceramente, hoje será o meu!

Irei me afundar nas profundezas da alma, cair em um lugar obscuro de

onde ninguém conseguirá me tirar, afinal, Amélia não estará aqui para me dar a mão, direcionar-me o seu sorriso salvador, sua voz aveludada. A cada botão da camisa sendo fechado, sinto que uma parte minha da humanidade está sendo desfeita. Sinto meu mundo ruir em pouco tempo.

Eu não queria acreditar que minha mãe era capaz de fazer o que prometeu, mas ela sabia de tudo. Eu não havia comentado com ninguém sobre o espancamento de Amélia. Droga! Eu vivia entre monstros e nunca poderia proteger a mulher que amo. Ao meu lado ela nunca estaria segura, teria que mantê-la em um casulo para sempre, e ela já teve o suficiente de uma prisão enquanto morava no orfanato.

— O que você está fazendo? — Ouço Thomas perguntar, assim que entra em meu quarto sem pedir permissão. Olho em sua direção sem entender, mas também não dou muita atenção, afinal, ele sempre fez o que Anna queria. — Cara, minha mãe disse que você vai se casar. Sério que vai pedir a Amélia em casamento?

Ouvir seu nome me dá mais dor, mas nego sem me virar para Thomas.

— Irei me casar com a Malorie. — tento evitar a voz embargada

— Oi? — ele pergunta meio confuso, então, viro-me para ele e encaro a confusão em seu olhar. Provavelmente a conversa que tive aqui dentro com minha mãe permanece entre nós e não saiu corredor afora.

— Foi isso que você ouviu. Amélia era só um passatempo — quando digo as palavras chego à conclusão de que é exatamente isso o que Amélia pensará que fiz com ela.

— Mas...

— Mas nada, Thomas, vamos... — Respiro fundo e pronuncio a sentença. — Você será meu padrinho.

Ele assente e sai ao meu lado, só que pela minha visão periférica percebo o quão confuso está. Thomas não é burro e sabe que algo aconteceu. Chego à sala, olhando diretamente para a minha mãe, que fecha a expressão quando percebe o terno que estou usando. Se ela quer me obrigar a tantas coisas, terá que aceitar algumas condições.

— A partir de hoje, não moro mais nesta casa, não quero o dinheiro de vocês para nada, correrei atrás dos meus objetivos. Não farei a faculdade que vocês querem, farei a que eu escolher e não quero nenhuma exigência mais. — Direciono meu olhar para Malorie. — Sei que você deseja tanto isso, então, aceita se casar comigo?

O sorriso de coringa aberto em seu rosto me dá repulsa. Minha ruína começou no meu quarto e acabou de se concretizar com essa expressão.

Logo fotos de nós dois estavam em todos os sites, reportagens televisivas, tabloides e tudo quanto é veículo de fofoca em Londres. Com toda a certeza, Amélia descobriu da pior maneira, mas ao menos ela estava segura.

Anna disse que ainda ficaria monitorando-a para evitar que eu caísse em tentação e fosse atrás dela. Até quando Meredith veio falar comigo, tive que mandar os seguranças a colocarem para fora. Se ela visse meu olhar saberia que algo estava errado e poderia colocar todo o teatro de salvação abaixo.

Mas infelizmente tudo o que pensava que poderia consertar com o tempo, foi por água abaixo um mês depois. Minha mãe me informou que Meredith e o amor da minha vida tinham sumido do mapa, que nem ela mesma sabia para onde tinham ido. Nesse dia pensei que minha mãe pudesse ter tido a afronta de tirar a vida de Amélia, mas pela forma como falou eu pude perceber que era uma verdade no meio do monte de mentiras que me mandou inventar. E nesse ponto eu já havia assinado um documento onde o meu casamento civil com Malorie fora concretizado. Algum tempo depois aconteceu a grande festa religiosa, que terminou de arruinar tudo o que eu sonhava.

Oliver Williams não existia mais. No lugar dele surgiu um caco de pessoa que não sabia como se mantinha em pé, ou melhor, sabia muito bem: a esperança de reencontrar Amélia me deixava vivo para seguir um dia de cada vez.



— Você não pode nem fingir que me ama? — Malorie diz, ajoelhada na cama. Seu corpo nu é lindo, mas não me atrai como eu queria que atraísse.

Logicamente, com quase seis anos de casados, já fizemos sexo. Não que eu estivesse em um estado aceitável, havia dois anos que procurava Amélia e não conseguia notícias, então, enchi a minha cara e Malorie conseguiu o que tanto queria: *transar comigo*.

— Você se casou comigo porque quis, eu não te obriguei a nada. Te dei uma casa linda e enorme do jeito que você queria, Malorie. Mas não me peça mais do que isso que você já tem de mim — digo, encarando seus olhos que estão marejados. — Poupe-se de tanta humilhação, você sabe que não te amo, nunca te amei, aceite o que tenho para te dar ou vá embora daqui — vocifero sem nem um pouco de vontade de continuar falando.

— Você já se sentiu rejeitado alguma vez? — ela pergunta, e eu não me dou ao trabalho de responder. — Às vezes, quando venho me deitar ao seu lado, para ver se desperto algum interesse em você, sabe o que faz? — Nego com a cabeça. — Você fala o nome dela quase todas as noites, Oliver. Quando transou comigo chamou por ela — Malorie chora enquanto fala.

Encaro seu rosto com um pouco de pena. Nunca fui tão duro com as pessoas, mas ela foi um plano arquitetado da minha mãe. Malorie sabia onde estava entrando, sabia de tudo que minha mãe fez, tanto que quis obrigar Thomas a se casar com Veronica com a mesma técnica, algo que ele não permitiu. Meu irmão, sim, conseguiu ser forte e está com a sua linda

namorada em Cambridge.

Meu irmão mudou muito, e hoje eu o admiro. Ele teve a força para fazer tudo o que tive vontade e não fiz.

— Você sabe que eu sempre vou chamar por ela. — Respirei cansado, fechando o livro que estava tentando ler e que fui impedido pela entrada abrupta de Malorie em meu quarto. — Amélia foi e será o grande amor da minha vida. Você nunca terá nenhuma migalha de carinho, você sempre gostou da minha mãe, pois ela armou um plano diabólico para ficarmos juntos, contra minha vontade. — Ela encara-me sem entender muito bem do que estou falando, afinal eu nunca contei o que aconteceu para me casar com ela, somente Thomas sabe, pois passou o mesmo que eu, no entanto não se entregou fácil. — Se eu pudesse até me divorciaria de você. — Paro de falar por um momento enquanto a vejo cair em um choro mais profundo. — Pensando bem, acho que tenho pena de você, só isso. Pena por ter se dedicado a um homem que nunca te amou, por não ir procurar um amor de verdade. E pare com esse choro de mentira, pois ainda estou aqui, graças à grande ameaça da sua admirável sogra, pois quando tentei me divorciar, ela disse que caçaria a minha Amélia até cumprir o que me prometeu anos atrás.

Levanto-me da cama saindo em direção à sala. Eu não a suporto. Ser asqueroso.

Enquanto desço as escadas da casa que eu comprei com meu dinheiro suado, lembro-me de tudo o que fiz. Tornei-me um grande empreendedor na área de utensílios pessoais, criando várias fórmulas com o cheiro do qual me lembro muito bem – o adocicado misturado com floral de Amélia. Só assim para me sentir próximo dela.

Consegui fazer a faculdade que eu queria. Depois de exigir isso, minha mãe nunca me perturbou mais; na verdade, nem conversei com ela, muito menos com meu pai. Desde o dia do noivado não voltei naquela casa que me traz tanta tristeza e perda.

Sou um químico e empreendedor. Além de ajudar várias ONGs, viajo sempre para ajudar as crianças carentes na África e alguns países necessitados. Malorie nunca quis ir comigo, também nunca fiz muita questão.

Pego uma garrafa de uísque e encho um copo. Preciso tirar o gosto amargo da derrota que sempre se apossa do meu corpo. Não sei quanto tempo passo em meu escritório, mas saio dos meus devaneios quando escuto meu celular tocar. Pego-o e vejo que é Thomas. FRANZO meu cenho, pois não sei

por qual motivo meu irmão está me ligando a uma hora dessas.

— Alô! — digo e escuto o choro dele pelo outro lado da linha.

— Eu não posso acreditar que ela fez isso, Oliver!

Sinto meu corpo gelar, pois se for o que estou pensando, meu irmão nunca mais irá se recuperar.

∞∞∞∞

Thomas

Lembro-me da primeira vez em que a vi: cabelos loiros platinados, sentada duas cadeiras à minha frente na faculdade. Tinha um sorriso encantador, e eu me interessei, ainda mais quando ela retribuiu todos os olhares que eu dava em sua direção. O que fez com que em alguns meses todo o interesse que eu sentia por Veronica caísse por terra. Eu já estava percebendo que fazer o que minha mãe mandava era errado, por isso resolvi me aproximar de Beatrice.

E foi assim que conheci uma mulher encantadora. Nós nos formamos juntos, e eu a levei à casa dos meus pais, que não demonstraram satisfação em conhecê-la. Eles têm a mania de querer que nossa família fique ligada aos Smart, mas foda-se essa ligação besta. Quando percebi que ela não seria aceita, eu fui embora.

Mamãe e Papai vieram com alguma conversa de eu sofrer as consequências, mas não me importava. Beatrice era esperta, e eu muito mais. Nunca nada de ruim aconteceria a nós dois.

Eu que não faria como Oliver, que deixou o amor de sua vida escapar por algumas ameaças bestas. Se na época eu soubesse que foi por isso que ele noivou com Malorie, nunca teria permitido, e minha mãe não teria coragem de fazer nada.

Agora moro aqui em Cambridge com a mulher da minha vida, que me ama sem parecer que um dia irá deixar de amar. Fui um idiota quando mais novo, mas agora percebo que as pessoas não devem ser julgadas por classe social, e, sim, pelo que elas são. Fui um hipócrita no passado, e nos dias de hoje isso ainda acaba comigo.

Só que dou graças pelas pessoas mudarem, pois sou mais feliz assim.

Na verdade, acho que minha mãe nunca irá mudar. Meu pai eu já nem sei, acho que ele está mais no morre e não morre com o seu problema de coração, no entanto, depois de tanto quererem humilhar Beatrice, e de eu descobrir ainda mais o quanto eles são podres, nunca mais os vi.

— Amor, hoje chegarei mais tarde. Tudo bem? — pergunto a uma pequena dorminhoca que está jogada sob minha cama.

— Claro, meu bem — ela responde, lançando-me um olhar que sorri juntamente com seus lábios.

Não resistindo, jogo-me ao seu lado e beijo sua boca que sempre está muito convidativa.

— Boa sorte na sua entrevista.

— Estou nervosa, mas sei que me sairei bem.

— Claro que sim, você é a melhor.

Enlaçando meu pescoço, Beatrice me puxa para mais um beijo e mesmo querendo chegar atrasado na empresa, sei que hoje não posso.

— Prometo que à noite comemoraremos a sua contratação, tudo bem? — sussurro, beijando seus lábios novamente.

— Tá bom — geme meio dengosa.

— Até mais tarde.

Saio do quarto, escutando um até, e sorrio. Caminho para fora e olho para o céu. Hoje está um dia bom e ensolarado.

Sou contador em uma grande empresa aqui em Cambridge. Hoje tem balanço do ano, então, sei que meu expediente, que termina às sete da noite mudará para as dez ou até mesmo para a madrugada.

Amo viver aqui, as coisas são todas próximas e em menos de quinze minutos estou em meu emprego. Sempre amei caminhar e depois que parei de ser mesquinho, gosto de ir à maioria dos lugares a pé.

O dia foi bastante corrido, tive tempo de ligar para Beatrice, que estava toda contente por ter conseguido a vaga que tanto sonhava na área de contabilidade de uma empresa ainda mais renomada do que a que eu trabalhava. Sua felicidade me motivou a trabalhar mais contente durante o restante do expediente e até perto da meia noite, que foi quando consegui terminar todo o meu balanço.

E assim que consigo finalizar tudo, volto para casa o mais depressa possível, pois preciso pegar a minha mulher acordada para comemorar o tão sonhado emprego dela. Tentei ligar em seu telefone mais cedo, para avisar que infelizmente iria me atrasar, só que seu celular estava dando desligado

desde a parte da tarde.

Assim que chego ao prédio, subo rapidamente os seis andares. Aproximando-me da porta, eu a destranco, porém logo estranho o ambiente que está todo um breu. Beatrice odeia escuro, até para dormimos ela deixa uma luz acesa.

— Amor? — chamo, não ouvindo nenhuma resposta.

Olho na cozinha e não tem nada preparado. Preocupo-me, pois Beatrice não costuma sair sem deixar algum recado, e olha que a conheço há anos. E em todos eles ela nunca deixou o celular desligado e muito menos sumir sem avisar.

Caminho para o quarto, tentando entender o motivo do seu desaparecimento, mas assim que chego à soleira da porta sinto um tiro em meu peito. Mesmo que ninguém tenha me baleado, mesmo sem saber, as lágrimas caem por meu rosto em um rompante. Meu corpo fica em estado letárgico com a cena que vejo.

Não pode ser.

Beatrice está no chão frio do nosso quarto, com os olhos vidrados no teto, em seus dois pulsos um corte enorme se faz presente. Meu corpo todo começa a tremer no momento que olho para a poça enorme de sangue que tomou conta do nosso quarto. Não preciso me aproximar do seu corpo para saber o que está me aguardando, mas eu faço isso. Pisando na poça de sangue e deixando que minhas lágrimas caiam ainda mais. Agacho-me sem me importar com o sangue e a pego em meus braços.

Seu corpo gelido e sem vida está petrificado junto ao meu; seus olhos, cheios de brilho, agora estão opacos e sem esperança. Vejo que devido à sua maquiagem algumas lágrimas desceram por seu rosto e o borraram. As roupas que está usando são as que ela mais gostava para fazer entrevista.

Eu não conseguia acreditar. Não conseguia.

— Não! — urrei, sentindo uma dor que não sabia de onde vinha, mas que tomava todo o meu corpo. Era a mulher da minha vida.

A mulher que eu amava. Para quem fiz juras de amor por anos e que sempre disse que iria proteger. Ela não podia ter feito isso. Com uma das minhas mãos peguei um papel que estava ao lado das lâminas que foram usadas para ceifar sua vida, abri-o deparando-me com a letra de Beatrice.

“A vida estava cada vez mais difícil Thomas, eu não te amava mais, mas não sabia como terminar o nosso relacionamento, não via mais razão

para viver. Por isso, hoje foi o dia do meu fim. Espero que seja feliz, afinal, você foi avisado anos atrás que não podia ter suas próprias escolhas e mesmo assim resolveu me envolver no seu mundo, e com isso eu resolvi deixar você livre.”

Beatrice

A minha vida com certeza não seria a mesma, perdi todo o meu rumo neste momento, principalmente por causa daquele bilhete totalmente confuso que Beatrice tinha deixado. Só que eu sabia o motivo daquela confusão, fui avisado há muito tempo sobre isso, no entanto, nunca acreditei. Agora sei que o único que foi sensato esse tempo todo foi Oliver; ele me avisou que eu poderia esperar tudo de Anna, mas me enganei, como sempre me engano em relação à minha família.

Não consigo acreditar que eu tinha tudo hoje de manhã e agora não tenho nada, não tenho nem mesmo uma vida.



Oliver

Vi o fundo do poço quando olhei para Thomas, sentado no canto de sua sala. Parecia a visão de uma criança desamparada, abandonada por todos, deixada ao relento para passar frio e fome.

Caminho em sua direção, sem dar atenção para o policial que queria que eu me mantivesse afastado do local. Sento-me ao lado do meu irmão no chão, enquanto observo a polícia e seus investigadores fazerem o que são pagos para fazer. Felizmente o corpo de Beatrice já tinha sido levado. Abraço o ombro de Thomas e percebo que ele precisava disso para desabar de vez em seu momento de tristeza e lamentação.

Adorava Beatrice, vi-a diversas vezes nesses quase seis anos do seu relacionamento com meu irmão e se existia uma pessoa mais amável que ela era só a minha Amélia. Suas lágrimas molham minha a camisa, e a vontade que tenho é de chorar junto com ele por ver tanta tristeza refletida em um

homem. Mas me mantenho firme para não o deixar pior.

Ele precisa se reerguer, precisa levantar a cabeça e achar um jeito de acabar com essa maldade que Anna fez com ele. Tudo bem, não tínhamos provas, mas eu sabia que tinha sido ela, e Anna merece ser responsabilizada por tudo.

— Qual foi a causa? — pergunto, sem querer forçá-lo a nada.

— Cortou os pulsos, tem noção disso, Oliver? — Ele respira por um momento. — Foi tudo armação, só que o delegado disse que não pode alegar nada a não ser suicídio ela deixou até um bilhete, mas se você ler ele vai ver que tudo ali é armado, mas a porra daquele homem não quer acreditar em mim quando digo que ela foi assassinada.

— Ela planeja tudo nos mínimos detalhes, foi essa neura dela que me separou de Amélia naquela época.

— Eu vou acabar com ela, Oliver! — Ele limpa as lágrimas do seu rosto e me encara. — Nem que eu tenha que gastar todo o meu dinheiro, mas vou destruir aquela mulher. Ela quer me manipular, mas eu irei manipulá-la.

Sorrio de lado, meio sem vontade, mas percebo a decisão em seus olhos e, além disso, vejo vingança. Mesmo que eu odeie essa palavra acho que está na hora de começar a usá-la.

— Você tem todo o meu apoio. Odeio vingança, mas chega de sermos obrigados a fazermos algo para aquela mulher.

Thomas assente, e seus olhos voltam a se encher de lágrimas. Com a voz embargada, pronuncia.

— Nunca vou me esquecer do corpo sem vida da minha mulher, Oliver. Nunca! — Não consigo olhar para ele e vê-lo assim. — Ela destruiu todos os meus sonhos.

— Então vamos destruir os dela.

Assim começou uma nova fase em minha vida e na de Thomas; de filhos dedicados a nos tornarmos os piores pesadelos da família Williams. Algumas semanas depois da morte de Beatrice, Thomas voltou para Londres, fazendo tudo que *mamãe* queria. Até mesmo começou um relacionamento com Veronica, fizeram um casamento sem holofotes, exigência de Thomas, e ele preferiu morar na mansão Williams. Como o próprio disse, *quanto mais perto do inimigo, melhor*.

No entanto, Anna mal sabia que toda uma investigação estava começando. Quando ela fosse pega, eu teria até pena de sua condenação. Aquela família era suja e começamos a descobrir todos os seus podres. Foi ali

que eu soube que Anna era capaz de fazer tudo o que havia me prometido anos atrás, então, só pude agradecer por ter me afastado de Amélia na época. Afinal, minha mãe e meu pai faziam parte de uma organização criminosa mundial, e eles estavam muito ferrados.



Oito anos se passaram sem ela. Tantas coisas aconteceram que nem sei explicar como sobrevivi. Lembro-me até hoje do dia mais feliz e mais triste da minha vida: o mais feliz foi ter a mulher da minha vida em meus braços, uma única vez para nunca mais esquecer, e o mais triste foi ter que deixá-la desaparecer.

Parecia mentira que em oito anos eu ainda amava Amélia, tão forte quanto os nossos primeiros meses juntos. Eu não sabia o motivo, mas sabia que só de pensar em seu sorriso e em sua fala doce, meu coração se comprimia de saudade.

Queria tanto saber como ela está, se encontrou uma pessoa boa, se casou, queria saber até como está Meredith, pois tenho certeza de que se eu a encontrasse, também acharia Amélia, pois as duas nunca se desgrudaram.

Mas o pensamento de Amélia ter outro amor me magoa – acho que foi por isso que anos atrás neguei a proposta de Thomas de contratar um investigador particular para encontrá-la; tive medo de descobrir o que tinha acontecido com ela –, mesmo eu sendo estúpido por sentir certa mágoa, afinal, eu a deixei sem explicação, nunca a procurei para contar o que aconteceu, então não devo sentir nada por ela ter outra pessoa.

— Alô! — digo, assim que meu celular toca.

— Aqui é do Hospital Royal Emergencial de Londres, gostaria de falar com o senhor Oliver Williams. — Preocupo-me imediatamente, não pode ser nada bom receber uma ligação desse tipo.

Quando descubro ser Thomas, tento sair o mais rápido possível de casa, mas assim que desço as escadas Malorie pergunta.

— O que foi, você está pálido? — A vontade que dá é de mandá-la sumir da minha frente, mas só respondo cordialmente, pois sei que não teria condições de ir dirigindo até o hospital no estado de nervos em que me encontro.

— Aconteceu um acidente com Thomas, preciso que você vá comigo até o hospital.

Vejo seus olhos se arregalarem, então, ela sobe as escadas correndo, falando para eu esperar que ela só pegaria sua bolsa. Neste momento lembro por que a odeio; a imagem tem que estar sempre impecável, até para ir a um hospital.

No entanto ela me surpreende por ter sido tão rápida, então, assim que desce as escadas saímos de casa.

— Toma. — Entrego a chave para ela. — Para o Royal Emergencial. E rápido, Malorie.

A atendente foi muito discreta e não respondeu muito das minhas perguntas por telefone. Então, estava morrendo de medo de chegar no hospital e saber que algo pior havia acontecido com meu irmão. Não tinha mais condições de perder outra pessoa que amo.

Quando Malorie estaciona o carro, já desço sem esperá-la, entrando quase correndo dentro do hospital e a deixando para trás. Tem uma mulher parada no balcão de atendimento, mas nem espero chegar a minha vez e já vou perguntando para a atendente.

— Bom dia, ligaram para mim e falaram que meu irmão deu entrada neste hospital. — Aproximo-me mais do balcão, ficando ao lado da mulher que provavelmente está como eu, querendo alguma informação. Começo a sentir um cheiro conhecido, *conhecido até demais*.

Quando me recordo de onde o conheço, meu coração gela. Ok, pode ser alguém usando algum produto que eu criei, mas sei que não, os meus nunca tiveram os cheiros tão vívidos.

— Moça, você pode esperar com os familiares que acabaram de chegar — a atendente diz generosa, fazendo com que eu olhe para a direção do cheiro muito familiar.

Ah, meu Deus! É ela, toda linda, toda mudada, toda mulher, toda... Amélia!

Sinto o que não sinto há muito tempo dentro do meu peito. Só de olhar para ela, o meu coração volta a bater. Olho no fundo dos seus olhos, como sempre fiz quando ainda estávamos juntos. Vejo sua alma, sofrimento e um semblante decidido que nunca encontrei na jovem que conheci. Vejo também saudade, uma Amélia tão igual a mim, no entanto, onde deveria haver a dor dos anos separados, deparo-me com ódio. *Ela me odeia!*

— Meu amor, o Thomas está bem! — Até tinha esquecido de Malorie,

afinal, o ser mais importante está à minha frente. Até Thomas ficou em segundo plano neste momento.

Observo quando Amélia olha para Malorie e um pouco de inveja passa em seus olhos. Ela realmente acredita que a troquei por uma mulher como Malorie. Não olho para a minha maldita esposa, mas tenho certeza que ela percebeu o quanto está mais insignificante neste momento, pois me chama, como se para chamar minha atenção.

— Oliver? — Suspiro indignado, por ela estar estragando o meu momento de perfeição em oito anos.

Não consigo ficar com meus olhos conectados aos de Amélia, pois eles resolvem descer por seu corpo, para perceberem as mudanças. E que mudanças! Tenho medo de falar algo e ela ser machucada. Sei bem que Anna, já deve estar a caminho daqui e prefiro que Amélia suma antes que ela chegue. Malorie não a conhece, pelo menos eu achava que ela não sabia quem era Amélia.

Tento transmitir pelo meu olhar que ela é tudo o que amei nesses anos em que estivemos separados, mas que é muito difícil de explicar; além de tentar pedir desculpas. Amélia me encara uma última vez e vai embora.

Sai porta afora, sem mais nem menos. Eu sei que não devia fazer o que estou fazendo, devia deixá-la ir, sem nenhum contato, mas, quando percebo, minhas pernas estão caminhando atrás dela.

Vejo que irá entrar em um carro sem falar nada, então, eu a chamo, perto o suficiente para ela ouvir meu sussurro, quase de forma dolorosa. Ver a sua rejeição por mim me faz sentir devastado. Porém não posso exigir nada; eu a abandonei, e ela tem vários motivos para me odiar.

— Amélia? — chamo, no entanto, ela faz simplesmente o que eu não queria. Entra no carro e vai embora.

Casar à força com Malorie foi doloroso, sofrer oito anos por quem nunca mais soube notícias é muito pior, só que ninguém sabe como dói ainda mais quando esse mesmo amor reaparece do nada e simplesmente te deixa.

Depois de alguns minutos, entro novamente no hospital e Malorie começa o interrogatório.

— Quem era aquela mulher? — Não respondo, e ela continua. — Me conta, Oliver, eu preciso saber quem era.

— Não te interessa. Quero ver o Thomas.

Não prolongo nosso assunto, assim que recebo a autorização para entrar no quarto de Thomas, deixo Malorie com um bico enorme para trás, pois ela

não quis ir para esperar a minha mãe.

Tenho certeza que irá comentar com Anna sobre o meu pequeno deslize, só que não me importo, se elas tentarem fazer algo dessa vez eu terei que mostrar quem é Oliver Williams.

— Ela voltou. — Assim que entro no quarto de Thomas, vejo o sorriso no seu rosto quando ele anuncia. Não sei como ele sabe sobre Amélia, mas isso me tranquiliza.

— Não diga bobagens — digo, sem colocar esperanças em minha mente.

— Cara, me assustei quando a vi, porque ela está muito diferente. Está muito bonita — ele diz, como se estivéssemos em um terreno tranquilo para mexer.

— Ela sempre foi linda — respondo, olhando para seu braço enfaixado. — Machucou muito? — tento mudar de assunto, pois não quero pensar em Amélia.

— Estou de boa, foram só alguns arranhões e um braço um pouco mais machucado, nada demais. Não foi hoje que sua amada quase me matou. — Ele ri, e eu, confuso, pergunto:

— O quê?

— Porra, Oliver, foi a Amélia que me atropelou.

Arregalo os olhos com sua revelação. Como assim, Amélia o atropelou?

Tento questioná-lo, mas a porta se abre com três mulheres insuportáveis entrando no quarto.

— Filho, como você está?

— Ótimo, mamãe! — Thomas finge um carinho tão grande por ela que às vezes até eu acredito que seja real.

Sento-me na poltrona do quarto e deixo que os sentimentos voltem a invadir meu corpo. Podem se passar eras, eu sempre irei amar Amélia, com toda a intensidade de antigamente, ela é meu ponto de luz na escuridão, meu mapa para o desconhecido e tão sonhado amor.

Agora que a revi, será difícil guardar os sentimentos novamente. Eu amo Amélia e preciso saber mais dela. Quando Thomas sair daqui, irei pedir para ele colocar um de seus investigadores na cola da minha amada. Assim que conseguirmos destruir a vida de Anna, irei atrás dela. Contarei toda a verdade para ela e só peço por um milagre que ela me aceite de volta.



Thomas

Olho novamente a foto da mulher de cabelos escuros com o garotinho no parque. É incrível a semelhança do pequeno com meu irmão, somente um idiota não saberia que ele é filho de Oliver. Amélia mudou muito, meu irmão pode até falar que ela era linda, mas eu sei que era desengonçada, ou talvez seja porque eu era um idiota e achava que todos os pobres fossem feios.

Olho para a foto que tenho de Oliver pequeno ao meu lado e só não digo que o garoto é seu irmão gêmeo, pois meu irmão nunca teve o cabelo escuro, um ponto que o garoto saiu puxando a mãe.

Amélia escondeu isso dele por anos, e tenho certeza de que continuará escondendo. Entendo seus motivos, mas sei também que meu irmão é apaixonado por ela e não posso permitir que ele fique sem o amor da sua vida, como eu fiquei.

Solto um suspiro ao lembrar dela...

Sinto a dor da perda tomar meu peito. Parece que foi ontem que Beatrice me deixou. Já se passaram dois anos; dois anos que eu investigo a minha família, para nunca mais ser chantageado e muito menos perder alguém próximo a mim novamente.

Dois anos que aguento Veronica em meu ouvido, mas não posso reclamar; ao menos ela é menos chata que Malorie. Na verdade, Veronica nem sabia das chantagens até o momento em que lhe disse que poderia estar casado com ela, mas que a queria em um quarto bem longe do meu. Não consigo ficar com ninguém desde Beatrice, sinto que se ao menos pensar em ter outra mulher estarei estragando sua memória, prejudicando seu descanso no céu ou seja lá para onde vamos quando morremos.

— Posso falar com você? — Veronica pergunta, depois de bater na porta do meu escritório e abri-la sem receber a devida autorização.

— Claro! — Ela já foi minha melhor amiga, não consigo odiá-la como Oliver odeia Malorie. Veronica era minha parceira de maldades na adolescência, uma pena que não tenha amadurecido como eu amadureci.

Ela é linda, pena que eu não consigo sentir nada por ela, afinal, se hoje estou casado é por ter perdido meu amor.

— Meus amigos me chamaram para ir a um almoço com eles, você quer vir comigo? — Vejo o brilho de esperança em seus olhos e percebo o quanto ela deseja que um sim saia da minha boca; no entanto também sei que não posso fazer isso.

— Não, você sabe que nosso casamento é só de conveniência, não sou nada seu. Se você quiser pode até ficar com outro cara — respondo e vejo a mágoa refletir em seus olhos.

— Até quando você reviverá o luto? Eu não me casei com você para ser somente uma boneca, eu quero um marido.

— Não fale de Beatrice — murmuro entredentes. — Você se casou comigo porque quis; sabia que eu amava outra, que eu não conseguiria te amar, nunca.

— Ainda bem que ela morreu, ao menos assim você sente um pouco do que eu sinto — dizendo isso, ela sai.

Ela sabe ser malvada quando quer, uma víbora em pele de cordeiro, igual à sua irmã, igual à *minha mãe*. Não, recuso-me a chamar aquele ser de mãe quando estou no meu casulo e seguro com meus pensamentos.

Minha família sempre foi uma farsa, eles têm uma sociedade com o pai das Smarts, mas disso ninguém duvida, só que por trás da aparência de

bons moços ninguém sabe que eles traficam joias e obras de arte.

Minha família é traficante! Agora entendo porque matar não é um problema para eles. Eu sempre irei me culpar por, na minha adolescência, seguir seus passos e ter sido uma pessoa desprezível.

Sinto nojo de ter o sangue deles correndo pelo meu corpo e mais nojo ainda de saber que eles são capazes de tudo.

Decido aproveitar o momento que Veronica vai sair com seus amigos e pegar o carro. Irei partir em direção a Oxford. Preciso tirar algumas conclusões, afinal, eu tenho o endereço de onde Amélia mora, então, só preciso ver se ela está disposta a me perdoar e dar a chance de que Oliver precisa.

Mas chegando lá dá tudo errado. Levo um soco do nada, de uma ruiva que eu não lembrava que era tão linda. Meu Senhor, Meredith estava maravilhosa. Uma perfeição que me fez, depois de anos da morte da mulher que eu amava, sentir uma vontade de ter alguém novamente.

Só que o homem que apareceu atrás delas e segurou na cintura de Meredith todo possessivo já tinha deixado o recado para eu tirar o olho da mulher dele. Como ela não reclamou do seu toque, pude saber que ela já estava comprometida.

Tentei conversar com elas, mas de nada adiantou. Magoei as duas de uma forma que tenho quase a certeza de que nunca irão me perdoar. Infelizmente não consegui ver o garoto, meu sobrinho, só que sei que terei outra oportunidade.

Volto para Londres sorrindo. Elas podem ser malucas, no entanto, tenho certeza de que são mais felizes do que Oliver e eu.

∞∞∞∞

Oliver

Thomas mostra-me as fotos de Amélia cantando em um pub e até

mesmo trabalhando nele, posso ver seu sorriso nos olhos quando deixa a música sair pela sua boca. Sempre soube que sua voz era aveludada, só não imaginaria que ela se esbaldaria em um bar.

Thomas descobriu que elas são as proprietárias do pub, no entanto, só conseguiu a informação de que Meredith tem um namorado e nada mais sobre Amélia, muito menos se ela já teve ou tem alguém. Minha impressão é de que ele me esconde algo, mas acho que seria impossível. Meu irmão virou uma pessoa completamente diferente, ele nunca deixaria de me contar se fosse realmente relevante.

Pego uma das fotos onde ela está radiante em cima do palco e fico com ela. Posso ser odiado por Amélia, mas já adoça um pouco o meu coração ter uma imagem sua depois de algum tempo sem nenhuma nova. Abro a gaveta da mesa do meu escritório que fica sempre trancada. Olho para dentro daquele pequeno espaço e vejo as melhores lembranças da minha vida; é somente nela que sou realmente o Oliver de verdade.

Nela contém várias fotos de Amélia dos meses em que ficamos juntos e principalmente do nosso final de semana inesquecível. Agora acrescento a atual, para o meu cubículo de preciosidade.

Antes de fechar a gaveta, observo-a por mais um momento. Ela ficou ainda linda, ainda mais desejável, com curvas mais acentuadas, seios volumosos e um rosto impecável, com uma boca que pede um beijo forte, pelo qual eu anseio todos os dias.

Droga, Amélia sempre será o meu vício.

— Vou passar as informações para a polícia começar a sua própria apuração dos fatos. — Escuto Thomas dizer.

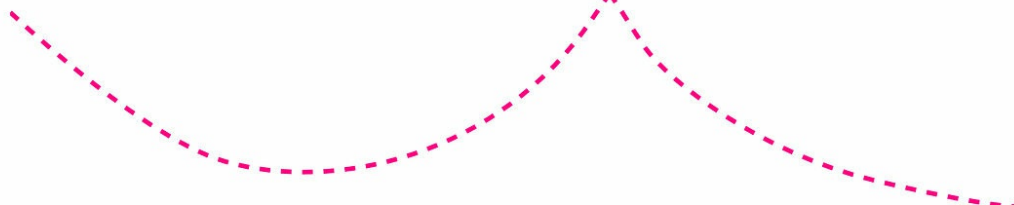
— Então a hora chegou — afirmo, sabendo que em poucos meses terei minha liberdade novamente.

— Isso mesmo, chegou o momento da nossa glória.

Sorrio. Tentar ser perdoado por Amélia está mais próximo do que eu imagino. Logo a máscara da minha família irá cair perante a sociedade, e tenho certeza de que com isso me sentirei o homem mais realizado do mundo.

Só esperava que me aceitasse, pois como já havia dito, eu não consigo viver sem ela. O mundo não tem graça, não tem cor, não tem nada. É extremamente deprimente. Eu preciso que me perdoe.

E esperava que isso acontecesse em breve... Só não sabia que o destino brincaria novamente com a gente.





Amélia

Oliver se aproxima lentamente de mim, e, mesmo assim, não consigo controlar meu choro. A dor é tão grande que o soluço que escapa pela minha boca é assustador, minha alma está podendo pela primeira vez se partir depois que descobri sobre tudo que meu filho ia passar. Deixei que minha fraqueza fosse demonstrada na frente de pessoas que não mereciam, mas não dei conta de segurar mais. Queria gritar, mas tive discernimento para me controlar.

— Thomas, tira elas daqui — Oliver murmura.

Não sei como Thomas consegue retirar as mulheres que me odeiam da sala, afinal, meus olhos e toda minha atenção se focam naquele homem à minha frente. Aquele homem já me havia feito tanto mal, mas, mesmo assim, resolvi pedir socorro a ele. O homem que eu sabia que amava, mas eu negaria até a morte esse sentimento.

Depois de alguns protestos vejo a porta se fechando e, enfim, estamos a sós.

— Ei, o que aconteceu, Amélia? — sua pergunta na voz aveludada, que só ele consegue ter, me faz chorar ainda mais. Ouvir meu nome sair de sua boca despedaça meu coração.

E assim como se tudo se encaixasse novamente, como se tudo estivesse certo, Oliver me abraça. Abraça de verdade, fazendo minha cabeça encostar em seu peito. Eu precisava tanto deste contato... Não saberia explicar o motivo, mas eu sabia que era certo, pelo menos neste momento. Seu perfume tomou conta do meu nariz, fazendo com que um pouco da saudade de anos se aplacasse por um segundo.

— Está mais calma? — sussurra, próximo ao meu ouvido, depois de alguns minutos.

Afasto-me do seu peito e vejo que molhei a camisa de seu terno. Envergonho-me por isso, só que, ao mesmo tempo, volto a colocar minha máscara de rejeição. Saio dos seus braços e encaro seus olhos.

— Preciso da sua ajuda. Pode ter a certeza de que se eu não precisasse, não estaria aqui — afirmo com a voz rouca, devido ao choro constante de minutos atrás.

Vejo seu cenho franzir e espero seu questionamento vir.

— Eu faço tudo por você — sua confissão parece ser tão verdadeira, no entanto, sei que ele é um grande mentiroso.

— Não precisa de tanta falsidade. — Olho em volta e percebo que realmente eles têm muito dinheiro. Eu já sabia disso, mas ver tanta riqueza me assusta. O medo me domina mais uma vez, pois sei que posso perder Jack para essa família. Só que neste momento o que importa é manter o meu filho vivo.

— Amélia, sei que fui um crápula com você. Não mereço nem que me direcione a palavra, só que o seu choro de minutos atrás me dá a entender que não veio aqui para falar do nosso passado — a voz de Oliver me atinge de uma forma que não sei entender, só consigo sentir.

Tomo a coragem de começar a falar. Quanto mais tempo passo longe do meu filho, mais sinto que o estou perdendo.

— Nosso passado está morto, mas ainda existe um presente e um futuro onde precisarei da sua ajuda. Infelizmente, pois eu pretendia nunca mais te ver, só que com tudo que já passei, percebi que o destino tende a rir da minha cara quando tem algo envolvido com você. — Olho para os meus

pés.

Seu suspiro faz meus olhos focarem nos dele mais uma vez. Porra, esse homem é perfeito demais. Tem razão de eu nunca o ter esquecido. Sua barba cerrada – algo que lhe cai muito bem – o deixa ainda mais lindo.

— Se você soubesse como sofri longe de você — a voz embargada de Oliver faz com que algo em meu corpo sinta vontade de acalotá-lo e prometer que tudo ficará bem, mas me impeço e só digo de uma vez:

— Eu tenho um filho que está muito doente. Na verdade, se não receber ajuda, ele vai morrer. — Sinto que as lágrimas estão querendo novamente dar o ar da graça, só que me mantenho forte. — Por isso eu preciso de você.

Sua confusão é nítida, ele me olha por longos minutos sem entender. Vejo todas as suas reações, os olhos tão azuis não expressam compreensão, o cenho franzido prova que ele não entendeu meu ponto de vista. Continuo encarando-o até que ele foca o seu olhar no meu e vejo que tudo fez sentido em sua mente.

Vejo mágoa passar por seu olhar e logo ele pronuncia.

— Como eu disse antes, eu faria qualquer coisa por você, Amélia. Nunca negaria ajuda para cuidar do seu filho. De quanto precisa?

— Primeiramente, não é para isso, seu...é para ajudar o *meu* filho, mas não com dinheiro. E segundo, não preciso do seu dinheiro, nunca precisei, não é agora que precisarei. No entanto nenhuma quantia do mundo ajudará na situação do *meu* filho, ele precisa de um doador de medula óssea, e eu só consigo pensar que a minha saída é a porra da sua família — grito a plenos pulmões, fazendo com que a porta seja aberta. As quatro pessoas que saíram há poucos minutos retornam, todas assustadas. Vejo pelo olhar de Thomas que ele é o único que me entende. Na verdade, ele é o único que sabe de tudo.

E é assim que o entendimento chega à face de Oliver. A fúria ainda está em seu olhar, mas não é qualquer fúria, é uma totalmente direcionada a mim. Além da raiva posso ver as lágrimas se formando, até que uma escorre por seu rosto acompanhada de outras.

— Amélia, eu tenho um filho? — cospe a pergunta meio sem acreditar.

— Sim, eu...

— Você escondeu um filho meu por todos esses anos? — esbraveja, segurando meus braços e até chega a sacolejar meu corpo. Volto meus olhos

em sua direção e, mesmo sentindo pena dele, por entender sua reação, deixo que a raiva de anos saia em forma de palavras.

— Escondi e esconderia de novo se eu não precisasse de você para tentar salvá-lo. Oliver, você nunca mereceria conhecer o *meu* filho — digo baixinho fazendo somente com que ele escute, mas que também entenda a quantidade de verdade que há em minhas palavras.

— Não posso acreditar que você fez isso. — Soltando meus braços, pergunta: — O que ele tem?

— Leucemia. — Meu queixo treme levemente, só que evito chorar novamente. A fúria vai embora e o pesar toma conta de sua expressão.

— Você fez eu perder toda a infância do meu filho e agora vem aqui me dizer que ele está doente? — sussurra derrotado. Eu queria poder ampará-lo, no entanto, não movo um músculo sequer.

Que droga de amor que me torna fraca.

E é nesse momento que Malorie e Anna resolvem se intrometer em nossa conversa.

— Me poupe, garota, meu filho não vai cair no seu golpe da barriga — Anna diz, e eu sinto cada vez mais nojo dela. Malorie se coloca ao lado de Oliver, encarando-me.

— O meu marido não tem nada a ver com essa criança.

— Olha aqui, eu não preciso de dinheiro, só preciso de medula óssea compatível com a do meu filho, porque a minha não é. Então, eu engoli todo o meu orgulho para vir aqui pedir para Oliver, Thomas e até mesmo você, sua bruxa, que tentem ver se servem como doadores para Jack. — Foco meus olhos em Anna. — Não me importo com vocês, já amei muito o seu filho, e ele fez o que fez. Só me preocupo com o meu filho, e caso tentem fazer qualquer coisa com ele, conhecerão a verdadeira Amélia. — Vejo quando Anna olha para mim com ainda mais ódio, mas acho bom ela ter medo de mim, pois sou capaz de tudo pela segurança do meu filho. — E você não ouse falar do meu Jack — sussurro, encarando Malorie fixamente.

— Calem a boca, todas vocês — Oliver esbraveja. — Quero ver o meu filho e agora.

— Eu não acho que seja uma boa ideia...

— Você não tem que achar nada, Amélia — responde, indignado. — Ele é o meu filho, que está doente, que você me privou de conhecer por todos esses anos. Então, não venha me falar que não é uma boa ideia. Eu vou vê-lo, queira você ou não.

— Tudo bem — respondo engolindo em seco. — Só você e o Thomas, afinal, ele já conhece o Jack.

O olhar acusatório de Oliver para Thomas me deixa apreensiva, só que não me importo.

— Vou embora. Vamos marcar o encontro em breve — anuncio, antes que mais falatórios comecem, mas Oliver novamente segura um dos meus braços, barrando, minha saída.

— Espera, eu vou junto. Não darei a oportunidade de você sumir por anos de novo com o meu filho. — Vejo o pesar em seus olhos e, por um segundo, sinto-me culpada por tê-lo privado de conhecer Jack desde pequeno, mas como eu iria saber, se o nosso passado foi um desastre?

Desvio meus olhos dos seus e solto meu braço que ele não tenta segurar novamente. Caminho em direção à saída, enquanto escuto Malorie dizer:

— Oliver, você não se atreva.

— Vocês não têm mais esse direito sobre mim.

Não entendo nada do que estão falando, porém, deixo de me importar.

— Eu vou acompanhá-lo daqui a pouco, tudo bem? — Thomas pergunta.

Mesmo com medo de tudo que pode vir a acontecer, assinto e respondo logo em seguida:

— Eu queria que eles fizessem a doação primeiro, mas se você me prometer que ao menos você vai tentar convencê-lo, eu permito que ele o veja todo dia.

— Oliver vai tentar doar. — Ele olha para dentro da casa, onde uma discussão começa. — Você pode estar com raiva dele, mas tenho certeza que teria sido um pai incrível.

— Pais em sua maioria não são compatíveis com os filhos, minha maior esperança é você ou a avó... — Suspiro e olho em direção à sala, na qual estava minutos antes, enquanto Oliver grita coisas sem sentido do tipo “me obrigaram a fazer coisas que eu não queria”, deixo de prestar atenção e finalizo. — Não quero que meu filho sofra.

— Vamos dar um jeito. Vá indo na frente, vou seguir com Oliver logo atrás. Do jeito que ele está, vai querer te enfiar em um carro com a gente e sei que precisa de um tempo sozinha... — Thomas me surpreende falando desta forma e demonstrando uma maturidade que nunca teve.

Assinto e vou em direção ao portão. Logo estou na estrada. Preciso

preparar um pequeno garoto e pode ser que a emoção o afete, mas irei tentar de tudo para salvá-lo.

Afinal, ele queria conhecer o seu pai, então, este é o momento.

∞∞∞∞

Chego em casa e subo as escadas correndo. Entro, e Jack está jogando videogame. Encaro aquele pequeno ser no sofá gigantesco, e meu corpo todo treme com vontade de tê-lo em meus braços para protegê-lo do que está por vir.

Não digo nada, só me aproximo dele, atrapalhando seu jogo, e o abraço. Aperto-o tanto que sou capaz de sufocá-lo.

— Mamãe, a senhora me fez perder — ele reclama, mas retribui o abraço.

— Me desculpa — peço, ainda o abraçando.

— Hum. — Ele se afasta, olhando em meu rosto. — Só pelo videogame? Se for isso, tudo bem. — Seu rostinho pálido me encara, ao menos ele está bem melhor, ainda sem nenhum pelo no corpo, mas mais forte.

Seu olhar inquiridor faz até eu mesma me questionar... e realmente nem sei o motivo de estar pedindo desculpas para ele. Meredith aparece na sala me encarando. Beijo a bochecha do meu filho, levanto-me do chão e digo:

— Esquece, pode voltar a brincar — respondo covardemente, sem conseguir revelar para ele o que vai acontecer.

Caminho para a cozinha com uma Meredith extremamente curiosa.

— O que você fez, Amélia?

— Você vai saber, tenho certeza de que em alguns minutos você vai saber. — Eu mal fecho minha boca e escuto batidas fortes na porta. Não preciso olhar para saber quem é; acho que ele nem se importou de discutir com sua família, só me seguiu até aqui.

Meredith caminha para a porta, e eu a acompanho, parando ao lado do sofá onde se encontra um Jack extremamente concentrado no jogo.

Ao abrir a porta, Meredith estaca. Ela vira a cabeça para me encarar e tenho certeza que dessa vez os olhos dela pularão para fora do rosto.

Confirmando com a cabeça o seu questionamento silencioso, que diz todos os xingamentos possíveis. Na verdade, tenho certeza de que se Jack não estivesse aqui, ela estaria amaldiçoando até a minha quarta geração.

Seu suspiro demonstra o quanto está chateada, mas deixa os dois homens altos entrarem em nossa sala, que não se compara em nada com a mansão Williams.

Jack ainda não se interessou em ver quem são nossas visitas, mas neste momento me arrependo muito de ter escondido o meu filho de Oliver. Seu olhar apaixonado para o menino faz com que eu me sinta culpada, mesmo não merecendo me culpar. Oliver foi o causador de todo esse tormento e distância, no entanto, eu nunca deveria ter escondido que seria pai.

Seus olhos marejados veneram o garotinho que ainda não o olhou. Vejo seu queixo tremer e, por fim, ele deixa as lágrimas caírem por seu rosto – novamente naquela tarde. Certamente percebeu a semelhança entre ele e o filho.

— Mamã... — Jack ia me chamar, mas parou no momento em que viu os dois homens muito bem vestidos em nossa sala.

Seu cenho se franze, e ele encara Oliver. Olha para Thomas e vejo que se lembra do homem que viu aqui na porta alguns dias atrás. Sua cabeça volta em minha direção, e eu só consigo dizer:

— Este é Oliver, meu amor — aponto para o loiro e respiro fundo declarando —, ele é o seu pai. — A cabeça do meu filho volta rapidamente para o homem que está embasbacado no meio da minha sala.

Jack deixa o controle do videogame cair no chão e escancara sua boca. Mas não é só isso que observo em meu filho. Seu olhar curioso e intrigado percorre Oliver, mas rapidamente vejo um tipo de fascínio surgir. Pensei que sentiria ciúmes de vê-los juntos, mas o que sinto é somente uma paz tomar meu coração. Meu filho merece a chance de conhecer o pai.

— Ei, garotão... Eu sou seu pai! — o sussurro de Oliver parte meu coração. E nesse momento não consigo conter minhas emoções, deixo minhas lágrimas caírem e percebo que até Meredith chora assim que meu Jack pronuncia a sua primeira palavra na frente de pessoas estranhas.

— Papai!

Capítulo 23



Capítulo 23

Oliver

Desde a hora em que recebi a ligação de Thomas, soube que meu presente iria dar um giro rápido demais. Mal pude acreditar nas palavras que ele havia me dito. Amélia estava na mansão onde eu não pisava há anos.

E quando a vi, entendi que algo tinha acontecido. No dia em que nos esbarramos no hospital ela mostrara uma altivez que não existia na Amélia

que estava na sala daquele lugar asqueroso. Aquela ali estava destruída e quando desabou por completo, dei-me conta de que o meu mundo realmente não seria mais o mesmo.

No entanto, nada me preparara para saber assim, do nada, oito anos depois, que eu tinha um filho e que ele estava doente. Meu Deus, a vida que eu pensava que tinha acabou ali naquele momento. Eu era pai e não pude participar de uma boa parte da sua infância. Ainda por cima, o menino precisava de ajuda urgentemente.

Eu pirei, perdi o controle. Sei que meio que assustei Amélia, mas ela tinha que levar em consideração que eu não estava preparado para tudo que foi jogado em cima de mim.

Eu queria matar Thomas, pois ele sabia e não havia me falado. Que ódio! Só tentava relevar, pois eu ia conhecer meu filho.

Eu tinha um filho!

Subo os degraus, que levam à casa de Amélia, atrás de Thomas. Ele bate na porta e assim que ela é aberta, vejo Meredith, que está totalmente mudada, igual à Amélia.

Elas não eram mais as meninas que conheci, eram mulheres e pelo visto fortes e prontas para enfrentarem o mundo.

Seu espanto não me assustou, eu não estava nem aí. Não sairia daquela casa sem ver o meu filho.

Jack!

Quando entrei e vi o pequeno garotinho sentado no sofá jogando, meu mundo parou. Porra!

Era real, eu tinha um filho... Ah, eu tinha um garotão! Caralho!

A partir desse momento eu lutaria contra o mundo para defender aquele pequeno à minha frente. Ele já era o meu tudo, e eu não havia falado uma única palavra com ele.

Mas quando ele me olhou tudo fez sentido. Era minha cópia perfeita. Ouvi Amélia falar algo para ele, mas não dei muita atenção, ainda estava chateado sobremaneira com ela. E realmente, naquele momento, eu só queria conhecer o garoto.

Depois de soltar uma frase boba para ele, vi seus olhos ficarem rasos d'água, e ele me chamou de pai... *Papai!*

Estava meio estático, sem conseguir expressar nada, até que vi Amélia se aproximar dele. Ela se agachou em sua frente e questionou.

— Está tudo bem? — Estava com a voz embargada, pude ouvir em

seu timbre. Vi Jack assentindo para ela, mas seu foco estava em mim e não na mãe.

Foi nesse momento que resolvi agir. Aproximei-me do sofá, onde meu filho estava, e também me agachei, parando ao lado de sua mãe.

— Oi, eu sou o Oliver — tento demonstrar todo o carinho que estou sentindo por ele, atrevo-me a passar a mão pela bochecha do meu Jack, enxugando as lágrimas que teimaram em cair em seu rosto.

— E eu sou o Jack — responde, fazendo-me deixar as lágrimas que eu tanto tentei segurar caírem por meu rosto. Ouço uma leve fungada ao meu lado, logo meu filho pronuncia: — Mamãe, não chora. — Seus olhos preocupados pousam em Amélia.

— Estou bem, só um pouco emocionada, tá?! — Ele assente e volta o olhar para mim.

— Você espera um pouquinho? — Jack me faz a pergunta de forma inocente, e eu não tenho nada a responder a não ser:

— Claro.

Após o meu consentimento, Jack volta toda a sua atenção para Amélia, olha dentro dos olhos da mãe e depois a abraça. Ela retribui o gesto e beija a cabeça lisa do menino, que está sem um fio de cabelo.

— Por favor, para de chorar, mamãe, a senhora sabe que não gosto de te ver chorando. — Vejo meu filho falar com sua mãe de forma tão aberta e sinto um pouquinho de inveja, pois já vislumbro um futuro onde nunca terei metade de sua devoção.

— Vou deixar você com o seu pai aqui, enquanto vou ao meu quarto me acalmar, tudo bem?

— Tudo, mas volta mais calma, tá? — Dou um sorriso de canto ao ver o quanto ele é manipulador.

— Ok, eu te amo. — Amélia se afasta, e seu cheiro é o único que resta no ambiente.

Jack volta sua atenção para mim e agora eu sei que esse é o momento de me aproximar do meu garoto.

Olho ao redor, e Meredith me encara, mas não diz nada. Ela simplesmente some por um cômodo e não volta mais.

— Senta aqui, papai. — Jack bate a mão no assento do sofá, e eu não me faço de rogado, apenas acomodo-me ao seu lado, enquanto Thomas senta no outro sofá.

Jack me olha, sorri para mim e depois pergunta, encarando o Thomas.

— E você é quem? Porque já te vi aqui, mas a mamãe não me disse que você conhecia o meu papai.

— Sou irmão do seu pai, então, seu tio — Thomas responde brincalhão, e Jack sorri.

— Ah, você é meu tio igual ao tio Charles. Já gostei, mas você não pode me dar outro apelido, porque o tio Charles já me deu, tá bom?

— Sem problemas — Thomas volta a responder.

— Qual seria seu apelido?

— Kakarotto, a mamãe odeia, mas eu gosto — responde, sorrindo para mim, sem nenhum sentimento de raiva.

Crianças têm um pequeno dom de não guardarem mágoas de ninguém, e isso é bom, pois ao menos agora terei o amor verdadeiro de um filho.

— Eu sempre quis te conhecer, papai — Jack comenta, soltando uma pequena tosse, mas que não atrapalha a nossa conversa.

Era visível o quanto ele parecia abatido, algo que eu podia perceber mesmo sem ter tido a oportunidade de conhecê-lo antes da doença. Queria saber como estava, como se sentia, mas achei melhor não comentar sobre a doença naquele momento, que era tão importante para nós dois. Se ele quisesse falar sobre, eu o deixaria comentar por si mesmo.

— Se eu tivesse ficado sabendo da sua existência antes, teria vindo mais rápido — respondo.

— Mas agora o senhor tá aqui. — Sorri para mim, e podem falar o que quiserem, ele realmente se parece muito comigo, no entanto, o sorriso é de sua mãe.

Continuamos batendo papos voltados a amenidades. Eu explico para Jack sobre o que é a minha empresa, e ele conta que tem uma coleção de bandanas para tapar sua careca. Tento achar graça das suas piadas com sua doença, mas no fundo meu coração se parte um pouco.

Fico imaginando o quanto Amélia sofreu nesse tempo, pois, segundo Jack, já se passaram vários meses desde que descobriram sobre sua doença.

Ela podia ter escondido a existência do meu filho, só que eu não podia negar o quanto fora forte por passar por isso sozinha. Amélia sempre me surpreendia, mesmo em momentos ruins.

Logo começamos a jogar o videogame de Jack e demos altas risadas, porque um garoto de sete anos conseguia acabar comigo em qualquer jogo. Um viciado impecável. Mas Amélia surge para estragar meu momento.

— Amorzinho, está na hora dos comprimidos. — Tudo se torna um silêncio constrangedor.

Jack franze o cenho e coloca pausa no jogo. Amélia sai em direção a um cômodo da casa que desconheço e volta logo em seguida com alguns comprimidos na mão.

— Cadê a sua tia? — questiona ao nosso filho, enquanto ele toma os remédios.

— Não sei, mamãe. Ela tava na cozinha — Jack responde enquanto protesta, porque provavelmente alguns devem ter gostos horríveis.

— Entendi. Então, vamos tomar banho? — Jack fecha a expressão. — Está tarde, você precisa descansar, jantar, dormir, então acho que está na hora de as visitas irem embora.

Ela não encara nem a mim e muito menos a Thomas. Mal conheci meu filho, e ela já quer impor regras em nossa convivência.

— Eu não quero que eles vão embora — Jack pirraça. Vejo quando Amélia engole em seco e mesmo não concordando com sua fala anterior, sei que o menino não pode tratá-la da forma como tratou.

— Jack...

— Eu já estou morrendo e nem posso aproveitar o resto de vida que tenho com meu pai? — ele grita, assustando a todos no recinto. Olho para ele, pois não acredito que falou isso. Só que vejo o arrependimento em seu olhar, no entanto, ao olhar para Amélia, vejo seu semblante derrotado, o mesmo que vi mais cedo, quando me procurou, destruída.

Sinto o silêncio sepulcral dominar o ambiente e vejo quando Jack tenta falar, mas Amélia o impede de se manifestar, fazendo um movimento com a mão e negando com a cabeça. Respira fundo, depois de ter sido atingida por uma declaração que não estava preparada para receber. Ela sai da sala, indo em direção ao cômodo que eu acho ser a cozinha.

Olho para Thomas, que dá uma leve assentida com sua cabeça. Então, volto meu olhar para Jack.

— Você não pode falar assim com a sua mãe. Ela está sendo tão forte, lutando por vocês dois...

— Eu sei, é que fiquei nervoso — murmura meio choroso. Abraço-o, deixando sua cabeça descansar um pouco em meu peito, mas logo o afasto. — Promete para mim que não vai falar mais assim com ela.

— Prometo, papai — responde, encarando meus olhos.

— Isso aí, campeão. Agora vou lá ver se ela está bem, ok?

Ele assente sem dizer mais nada.

Levanto-me do sofá e caminho atrás de Amélia. Encontro-a com a cabeça encostada no tampo da mesa, a vontade que tenho é de pegá-la no colo e acarinhá-la até ela acreditar que tudo ficará bem novamente, mas não posso fazer esse tipo de promessa.

— Ele não fez por querer — sussurro ao me agachar perto de onde está sentada.

Levanta sua cabeça em um sobressalto e direciona o olhar em minha direção. Se eu fosse um idiota qualquer, avançaria os dois centímetros que separam nossos lábios.

— Só espero não me arrepender de ter falado dele para você — ela joga assim, do nada, as palavras na minha cara.

— A gente precisa conversar, Amélia. Eu entendo você não ter me contado, mas, ao mesmo tempo, estou te odiando por isso. Perdi toda a infância do meu filho por sua culpa — deixo toda mágoa que estou sentindo sair em minhas palavras.

E a maldita abre um sorriso de escárnio em minha direção. Enfureço-me novamente. No entanto, nada me preparou para a declaração a seguir:

— E eu que perdi todos os meus sonhos por sua culpa? Perdi tudo, confiança nas pessoas, o amor que um dia eu podia sentir por alguém além de Jack, perdi tudo. Você me destruiu, não venha se fazer de homem bom agora. É o maior canalha que eu já conheci.

— Não fala assim, você não sabe pelo que eu passei — tento me defender. Eu também tinha perdido tudo, ela só não sabia. Ainda.

— E nem quero saber — responde, levantando-se. — Perdeu o direito de falar do passado depois que ficou noivo da Malorie. Nunca saberia de Jack, se ele não tivesse ficado doente. Eu nunca deixaria meu filho se aproximar de um homem como você ou até mesmo da sua família. — Encara meus olhos enquanto joga toda a merda para cima de mim, e não para por aí. — Você não merece o amor de uma criança tão boa quanto ele. Mas aquele menino sempre quis te conhecer, então mesmo sabendo que pais não são 100% compatíveis com os filhos, faça alguma coisa boa nessa sua vida medíocre e realize o teste de medula, é a única coisa me deixará grata. Não quero mais falar sobre um pedaço de passado que tive ao seu lado, então, peço que vão embora, o Jack precisa descansar.

Depois do que ouço seria meio impossível ficar no mesmo ambiente que ela. Realmente Amélia havia mudado, e acho que a esperança de um

retorno que eu tinha com ela não acontecerá. Posso ver o ódio que ela sente por mim em seus olhos. Por isso, resolvo recuar. Além disso, Jack precisa descansar e naquele momento meu filho era prioridade.

— Tudo bem. Amanhã eu voltarei para vermos como posso fazer o teste e tudo o mais — respondo derrotado, mas não finalizo. — Mas eu vou deixar bem claro, Amélia, nem por uma exigência sua eu me afastarei do meu filho. Ele é meu também e vou vir vê-lo todos os dias a partir de agora.

Ela não responde nada, só me encara.

Saio da sala e volto-me para Jack.

— Meu pequeno, preciso ir, mas prometo que amanhã estarei aqui novamente, tudo bem?

— Tudo bem, papai, eu vou te esperar. E traz o tio Thomas também.

— Eu vou vir mesmo, garotão — Thomas se manifesta.

Abraço meu filho, e ele retribui com seus braços finos. Ah, que sensação boa. Ainda não acreditava que tinha um filho. Eu era pai!

— Adorei te conhecer, papai, obrigado por vir me ver — Jack diz assim que nos afastamos.

— Eu teria vindo antes se soubesse que você existia — repito o que disse antes, percebendo que Amélia aparece na soleira da porta.

— Eu sei que teria, mas você fez a mamãe sofrer muito. Não sou bobo, te amava mesmo sem te conhecer, só que a mamãe não sabia o que fazer quando você a deixou. — E nesse momento eu percebo que tenho um pequeno diabinho igual à mãe. Olho para ela, que sorri de lado e ergue uma sobrancelha. Volto meu olhar para o meu filho, beijo sua testa e anuncio:

— Eu sei que fiz tudo isso, filho, e prometo compensar agora — são minhas últimas palavras antes de sair porta afora.

Não me despeço das outras pessoas. Logo sinto a presença de Thomas ao meu lado, e ele não diz nada, pois sabe que ainda quero matá-lo.

— Se você quiser pode ir embora, eu vou ficar em Oxford — anuncio sem lhe dar chance de retrucar, mas ele é Thomas e só responde:

— Ficarei também, não volto para aquela mansão sem você nem morto. — Após sorrir levemente e entrar no carro, completa: — Então vamos arrumar um hotel para ficarmos, pois dormir ao relento também não dá.

— Tudo bem, vamos para um que já ouvi ótimas recomendações. E você vai me explicar tudo o que escondeu de mim nesse tempo.

— Essa noite vai ser longa.

Seria mesmo, pois se ele sabia de algo de que não fui informado, teria

que ter me falado. Eu estava de volta à vida de Amélia, e mesmo que não houvesse um futuro certo, eu tinha um filho com ela e era somente isso que importava nesse momento. Meu filho, meu pequeno guerreiro, meu Jack.

Capítulo 24



Capítulo 24

Amélia

— Eu sinto informar, mas nenhum dos dois é compatível. — Toda a esperança que alimentei se esvai com as palavras do doutor Eric.

— Mas, doutor, são os parentes mais próximos dele. Como não podem ser compatíveis? — questiono, chorosa.

— Amélia, eu deixei você e o Oliver doarem, por insistência sua, pois eu já havia lhe informado que os pais, na maioria dos casos, não são doadores

compatíveis. Ao menos a sua descobrimos ser compatível com alguém e com isso você vai salvar uma vida — ele explica o motivo de não sermos compatíveis. — Como o pai passa metade da herança genética, e a mãe, a outra metade, vocês são o que chamamos de haploidênticos, pois têm apenas metade da informação genética do filho. No entanto, achei que Thomas seria um ótimo candidato, mas, mesmo assim, não encaixou com a de Jack.

Tapo meus olhos e deixo as lágrimas caírem. Sinto uma mão em meu ombro e mesmo não querendo dirigir a palavra a Oliver, desde que ele foi a primeira vez em minha casa, agradeço por esse afeto.

— O que fazemos agora, doutor? — é ele quem faz a pergunta.

— Podemos ver o restante da sua família, Oliver, se tem alguém compatível. Ou aguardarmos até aparecer alguém; o importante é que façam campanha, busquem doadores, até que consigamos encontrar um que combinará com Jack. Não é fácil esse processo, mas temos esperança, e vocês também devem ter.

— Ok, irei ver o que posso fazer — Oliver diz, e eu perco o resto das minhas esperanças, afinal, Anna nunca se sujeitará a isso.

— Vamos ter que começar uma nova fase de quimioterapia? — pergunto, sem forças, com a voz embargada, não querendo mais lutar.

— No momento, só com o tratamento mais brando ele está bem, mas precisa o quanto antes da doação de medula, para progredir e melhorar. É essencial para a cura dele.

Assinto, sentindo cada vez mais meu coração parar algumas batidas, pois mesmo que Eric tivesse esperanças, eu estava perdendo as minhas. Logo depois saímos para o corredor, e eu caminho cabisbaixa com Oliver ao meu lado. Não dou muita atenção para ele, pois neste momento estou cada vez mais distante da realidade, mas isso não impede que eu sinta o seu perfume bem próximo a mim. Por não lhe direcionar a palavra, assusto-me quando ele se manifesta:

— Vai ficar tudo bem, Amélia.

Dentro do elevador, eu tento acreditar em suas palavras, só que não consigo. Sinto Oliver me encarar, porém, não diz mais nada sobre isso, pois percebeu que eu também ficara calada.

— Você nunca mais vai falar comigo? — Oliver diz, assim que saio do elevador e sigo para o meu carro.

Paro no meio do caminho e o encaro. Seus olhos pedem carinho, pedem tudo, pedem mais uma chance, mas o brilho dourado em sua mão

esquerda me lembra porque nunca mais quero contato com ele.

— Eu já disse e repito, nossa convivência é somente por causa do Jack. Se soubesse que não era compatível, você nem saberia que ele existe.

— Mas o doutor disse que você sabia, no entanto foi cabeça dura. — Droga!

— Eu não iria desistir sem tentar. Estamos falando da vida do meu filho. Tentaria tudo até com porcentagens baixas.

O estacionamento não está muito cheio, por isso, quando Oliver se aproxima de mim, a passos largos, sinto meu peito acelerar. Não teria como eu pedir por socorro caso quisesse escapar dele.

— Sabe, Amélia... — Respira profundamente. — Eu sempre quis um filho, poderia sempre ter te ajudado nessa luta e até mesmo quando ele nasceu. Você não deixou e por mais que despreze a sua ideia, eu compreendo, porque te abandonei. — Ele para por um segundo, passando a mão em meu rosto, e eu miseravelmente não consigo afastá-lo. — Mas não fale como se eu não sentisse o mesmo. Amo o meu filho, mesmo que o tenha conhecido somente há duas semanas, e vou fazer tudo por ele. Para de se sentir sozinha, deixa essa sua máscara cair. Pode até pensar que não te conheço mais, só que eu conheço, sim, você continua sendo a minha Amélia. *Minha!* — Ele se aproxima mais de mim, colocando sua mão em minha cintura e colando nossos corpos. Mil vezes *merda!*

Preciso acabar com essa palhaçada antes que eu me deixe levar pelo calor que se apossou do meu corpo.

— Eu fui sua, entreguei-me de corpo e alma, você pegou essa oportunidade e destruiu. Estava preparada para te seguir para onde quer que fosse, mas você riu da minha cara. Iria viver para sempre ao seu lado, só que você pegou meu coração e esmagou. Não me venha com isso de nós, Oliver. Pode pensar o que quiser, no entanto, eu nunca compartilharei o mesmo pensamento com você. — Seus lábios estão muito próximos aos meus, mas não permito mais que essa aproximação me fira. Levanto minha cabeça para encarar seus olhos, de forma maldosa para machucá-lo. — Você foi o passado que só me serviu para duas coisas boas. A primeira, ter meu filho, e a segunda, saber que nem mesmo as pessoas com expressões angelicais são confiáveis.

Desvencilho-me de suas mãos com o coração descompassado, mas ainda não consigo quebrar o contato dos nossos olhos. É mais forte que eu.

E é nesse momento que Oliver decide atingir meu ponto fraco.

— Vamos para um lugar mais calmo para conversarmos. Por favor. Sei que você não deveria me dar uma chance, mas eu te imploro, Amélia, deixa eu ao menos tentar tirar um pouco desse desamparo que vejo estampado em seus olhos. Só um momento pra eu entender também tudo o que aconteceu nesses anos. — Encosta sua testa na minha e sussurra, próximo demais. — Por favor, eu preciso que você entenda tudo.

E toda aquela garra que eu estava disposta a demonstrar para ele cai por terra assim que ouço suas palavras.

— Só para conversarmos, Amélia. — Sua mão volta a encostar em minha bochecha e novamente reajo da forma que eu não queria, deixando meus olhos se fecharem ao receber o afago do qual senti tanta falta.

Sabia que deveria negar, mas o que saiu da minha boca foi totalmente o contrário do que eu queria:

— Tudo bem, mas não se aproxime mais de mim.

— Como você preferir. — Dá um leve sorriso ao dizer e se afasta.

— Oliver, não pense que estou levantando uma bandeira branca para você, não quero que tenhamos contato a não ser o necessário — resolvo acabar de vez com sua felicidade, pois ele não parece ter escutado nada do que eu disse anteriormente. — Posso até aceitar que conversemos, mas é porque quero te explicar algumas coisas do Jack, então, não pense que somos os melhores amigos ou que irei deixar que invada meu espaço novamente.

— Tudo bem, posso ir com você? Não vim de carro. — Deixando o sorriso morrer, ele termina de pronunciar: — Eu não tô pedindo mais que uma conversa, Amélia.

— Ok.

∞∞∞∞

O caminho é regado por um silêncio sepulcral. Decidimos que seria melhor irmos a um restaurante próximo ao hospital mesmo, mas no caminho o celular de Oliver toca e é Thomas, que precisa que ele assine um documento com extrema urgência. Não entendo muito bem, mas parece que eles precisam para algo que vão fazer. Com isso, Oliver me pede o favor de deixá-lo no hotel onde está hospedado, falando que podemos almoçar por lá, afinal, há um restaurante muito bom.

Assim que chegamos, estaciono minha caminhonete perto das BMW's e Mercedes ao redor do estacionamento. Olho para o hotel, que é um dos mais caros da região. A sua arquitetura renascentista dá mais valor às diárias, além de ser um belo cartão postal, com seu charme cheio de requinte, que o faz parecer um palácio.

Resolvo acompanhar Oliver até a recepção e quando paro para me sentar, para esperá-lo resolver seus problemas e depois comermos, ele estaca e volta-se para mim:

— Você quer subir comigo?

— Acho melhor esperar aqui — respondo um pouco sem graça, sentindo-me um peixe fora d'água no meio de todo aquele luxo.

— Posso demorar um pouco. — Solta um longo suspiro e volta-se em minha direção, aproximando-se e dizendo. — Não quero te deixar aqui sozinha, por favor, Amélia, se estiver apreensiva em subir comigo, saiba que não estaremos sozinhos, tem uma equipe de... — Ele para um momento, encarando meus olhos; no entanto, deixa as palavras continuarem a ser ditas. — Investigadores. Thomas também está na suíte. Então, não precisa temer nada.

— Investigadores? — questiono, curiosa, franzindo meu cenho.

— É uma longa história, em breve você saberá.

Acho que impulsionada pela curiosidade de tentar decifrar o mistério que foi imposto, resolvo aceitar o pedido de Oliver. Estou louca para ir embora, mas como disse para ele, quero explicar algumas coisas do meu filho.

Encaminhamo-nos para o elevador e entramos naquele cubículo. Enquanto subimos, observo de soslaio que Oliver não para de olhar em minha direção. Nós parecemos ter um ímã que nos puxa de encontro um ao outro. Consegui evitar esse contato pessoal durante anos, mas desde que minha vida começou a ruir parece que tudo mudou.

Assim que saímos do elevador – na cobertura –, deixo Oliver tomar a frente, pois não tenho a mínima ideia de qual seja sua suíte. E assim que ele para em frente à porta para destravá-la com seu cartão magnético, eu o observo de verdade sem receio desta vez. Não fiz isso das outras vezes que nos encontramos, – eram só pequenas olhadelas –, mas acho que o momento pede isso.

Assim como eu, ele mudou. Hoje uma barba cerrada toma seu rosto, seu cabelo loiro, que era jogado como o de um garoto de boy band, está mais

másculo em um corte da atualidade; seu corpo ganhou vários músculos, proporcionais à sua altura. A calça jeans escura evidencia suas pernas e principalmente sua bunda. A camisa gola polo que usa se aperta em seus braços fortes, e tenho certeza de que se levantasse aquela camisa como anos atrás eu veria um abdômen perfeitamente trincado.

Ele abre a porta e vira-se para mim, acenando para eu entrar na sua frente. Por sorte consegui desviar meus olhos do seu corpo a tempo para que não me pegasse no flagra.

Assim que entro, quatro cabeças se voltam em nossa direção. Percebo que Thomas abre um leve sorriso, e eu o odeio por isso. Ou melhor, odeio a mim por ter aceitado subir ali com todos aqueles homens, por pura curiosidade.

— Olá, pessoal, para quem não conhece esta é a Amélia, a mãe do meu filho. — Vejo pelo olhar dos três homens engravatados o reconhecimento do que Oliver lhes diz, pois eles me cumprimentam e logo voltam a fazer o que já estavam fazendo. Estou louca para saber o que é, mas, pelo visto, nenhum deles quer que eu descubra.

Oliver direciona seu olhar para mim e diz, ao se aproximar.

— Se você quiser me esperar na sala de estar, daqui a pouco vou lá. — Ele apontou todo cordial em direção à sala, e eu decido prontamente aceitar a sugestão, pois não estou com muita vontade de ficar sobrando no ambiente onde nem deveria estar.

Enquanto aguardo, na sala que tinha quase o mesmo tamanho do conjugado que eu chamava de casa, fico observando, pelo vidro que mostra quase toda Oxford, o movimento do dia. A cobertura é altíssima, mas dá uma sensação de paz ver as nuvens tão de perto – bom, ao menos parecia que elas estavam próximas.

Nem vi o tempo passar até que Oliver me chamou.

— Amélia, já assinei a papelada que precisava.

Voltei em sua direção, sem perceber que estava chorando. Acho que observar as nuvens não era muito bom, pois elas me davam medo nos últimos dias. O medo de perder meu filho, o medo de elas serem as únicas que eu veria caso ele não conseguisse um doador.

— Ei, Amélia... — Oliver se aproximou de mim e, mesmo sem permissão, com todo carinho do mundo, enxugou as lágrimas que teimavam em cair do meu rosto. — Aconteceu alguma coisa?

Eu queria dizer que não, que estava tudo indo da maneira que tinha

que ser, mas não dei conta. Provavelmente o motivo do meu rompante de emoção era por estar longe de Jack e poder desmoronar sem que ele visse. Ultimamente eu não andava conseguindo controlar meus sentimentos quando ele não estava por perto. Então, só deixei as lágrimas caírem, pronunciando somente palavras incoerentes.

Oliver me abraça, e eu deixo. Ele pode ter me destruído anos atrás, mas, nesse momento, só quero que alguém fale para mim que vai ficar tudo bem. E é o que ele diz.

— Nosso filho vai ficar bem. — Assinto, encostando a cabeça em seu peito e recebendo um afago em meus cabelos. Quando estou mais calma, consigo afastar-me dele.

— Podemos ir se você quiser — sussurro com a voz ainda embargada.

— Vamos conversar um pouco. — Oliver segura a minha mão e caminhamos para o sofá. Quando estamos aconchegados, ele indaga sobre todos os meses da doença de Jack, e, como eu havia dito, queria contar algumas coisas do nosso filho, por isso, achei por bem relatar tudo. Desde quando descobri o caroço em seu pescoço até o tratamento.

— Sinto tanto, Amélia — segurando minha mão, Oliver sussurra. — Queria ter podido estar perto de vocês para te ajudar, nesse momento tão difícil.

E como se eu tivesse levado uma pancada em minha cabeça, toda a fúria que sentia e que era direcionada a Oliver volta. Levanto-me em um rompante do sofá e volto a discutir quase sobre o mesmo assunto de horas antes, quando estávamos no estacionamento.

— Você não queria, Oliver. — Passo a mão por meus cabelos e continuo: — Você nem ao menos me explicou por que terminou comigo, ou melhor, o porquê de me abandonar depois de termos passado um final de semana incrível. Você destruiu tudo o que eu almejei de um final feliz.

Volto-me novamente em direção à parede de vidro que me mostra toda Oxford. Mas já abri espaço demais ao inimigo, por isso, decido por bem ir embora. Sem dizer nada, pego a minha bolsa que está no mesmo sofá onde Oliver ainda permanece sentado. Ele me observa, com uma expressão indecifrável, no entanto, não ousa me impedir. Saio para a primeira sala que entrei, mas percebo que não tem mais ninguém. Deveria ser obra de Thomas. Resolvo não me importar e só sumir deste lugar. Só que assim que chego à porta, ouço a sua voz.

— Fui obrigado a te deixar para te salvar. — Estaco. — Eu não

deveria falar isso a você, pois posso estar te colocando em risco novamente, mas sua vida corria perigo. Te deixei para você não morrer. Eu te amo, Amélia, sempre te amei e nunca vou deixar de te amar, pode me odiar o quanto quiser, mas eu sempre vou te amar. — Mais uma pausa. Mesmo sem olhá-lo, posso ouvir sua respiração entrecortada. — Daqui a alguns dias você saberá o que realmente é toda minha família e entenderá o motivo de eu ter te deixado. Talvez, assim, volte a me olhar com menos nojo. Não consigo ser rejeitado por você, eu te amo demais para isso. Os oito anos de afastamento foram terríveis. Descobrir que tenho um filho e que perdi quase toda a infância dele é pior ainda. Você precisa acreditar em mim.

Sem conseguir sair do lugar, volto meu olhar em sua direção sem entender nada. Foram muitas revelações jogadas para cima de mim, então, assim que consigo assimilar quase tudo, faço um questionamento mental. Eu corria perigo? E ele ainda me amava? Oliver disse a plenos pulmões que me amava.

Volto-me em sua direção, tentando gesticular ou expressar alguma coisa, mas não sei o que acontece, pois há uma mudança no clima do ambiente. E quando vejo que ele decidiu caminhar a passos firmes em minha direção, meu coração, que já estava descompassado, com todas as informações que ele me jogou, termina de perder a direção das batidas.

— Eu te amo e não consigo mais te evitar. — Aproximando-se de mim, ele faz o pedido que mudará toda a minha tarde: — Me deixa te provar mais uma vez. Por favor. — suplicou com um sussurro que tocou meu coração.

E mesmo que eu quisesse negar, não consigo. Sei que é um erro, mas porque parecia tão necessário errar neste momento? Mal assinto, dando a permissão que tanto quero dar, Oliver avança sobre mim, segura em minha cintura e me puxa em sua direção, fazendo com que nossos corpos colidam. Seus lábios tocam os meus em um rompante e mesmo que eu queira evitar, é impossível, pois sinto todos os desejos que estavam guardados tomarem posse do meu corpo.

Quero voltar a raciocinar e não deixar o beijo que já estava enlouquecedor avançar mais, mas não resisto, apenas deixo que meus lábios se abram, permitindo sua língua ir de encontro à minha. E essa é uma das sensações mais maravilhosas que sinto em todos esses oito anos separados.

Involuntariamente jogo meus braços em volta do seu pescoço, aprofundando o nosso beijo. E o maldito gemido escapa dos meus lábios,

fazendo com que Oliver me comprima ainda mais em seus braços. Suas mãos espalmam em minhas costas, o que nos deixa ainda mais colados. O que parecia ser impossível, pois já estávamos com os corpos juntos ao extremo.

Parecia tão certo este momento, mas ao mesmo tempo tão errado. Minha mente estava em uma guerra, onde alguns pontos concordavam com o beijo e outros não. E mesmo com essa batalha de pensamentos, ainda havia os incoerentes que gritavam que deveria ser proibido ser beijada assim, um beijo tão ardente, tão feroz, tão perfeito, tão Oliver.

Uma mordida no meu lábio inferior, mais batalhas entre nossas línguas e mais um gemido, desta vez emitido por Oliver.

Quando foi necessário levar ar aos nossos pulmões, Oliver, foi o primeiro a se afastar. Olhando dentro dos meus olhos, parecendo vitorioso por ter conseguido um momento da minha guarda baixa para me beijar.

Percebi sua respiração ofegante, e ela não estava diferente da minha. Parecia que precisávamos daquele beijo como precisávamos descobrir a cura para o câncer.

Só que assim que tomei mais fôlego, não consegui controlar os meus desejos. Joguei-me de volta em seus braços e voltamos a nos beijar. Em um impulso, Oliver me elevou do chão, e eu aproveitei o momento para enlaçar minhas pernas em sua cintura. Ouvi o baque da minha bolsa quando ela caiu no piso, mas, neste momento, ela não importava. Nada mais importava, a única coisa que era de extrema importância era Oliver me beijar do jeito que eu lembrava, só que desta vez um beijo que prometia muito mais do prometera a um simples casal de jovens inexperientes.

Eu sabia que poderia me arrepender de tudo o que aconteceria a partir deste momento, porém, não me importei. Eu poderia me deixar ser amada mais uma vez. Permitiria que meu desejo fosse saciado pelo homem que poderia fazer tudo comigo, até me destruir mais uma vez para o mundo.

Capítulo 25



Capítulo 25

Oliver

Pensei que nunca mais encontraria um momento de paz em minha vida, jamais passou pela minha cabeça que um dia talvez pudesse realizar o sonho que almejava há oito anos: o de ter a mulher que amo, sentada sobre mim, no sofá da cobertura onde eu estava hospedado.

Suas pernas estão em volta da minha cintura, e nós mal conversamos,

somente devoramos os lábios um do outro. É o melhor acontecimento da minha vida em anos.

Amélia não sabe por toda a provação que eu passei nesses anos, e eu sinto que, neste momento, ela parece o paraíso que me foi concedido para que eu possa, ao menos uma vez, sentir-me completo novamente.

Claro que estamos enfrentando um problema grave com o nosso filho, mas, neste momento, se nos unirmos acharemos uma saída mais rápida do que com desavenças.

Sem conseguir me controlar, passo a mão por suas costas, subindo-as para sua nuca. Quero ir mais devagar, apreciar o momento, mas eu almejei tanto por esse contato em meus sonhos que agora não sei me controlar e ir devagar para venerá-la como ela merece.

Amélia afasta-se do nosso beijo, dando um último selinho em meus lábios. Encara-me com seus olhos negros perfeitos, tão escuros, mas que sempre me mostraram sua alma. Eu vi tudo, o desejo refletido neles, a ânsia por mais. Não consigo desviar meus olhos dos seus e mesmo que esteja vendo um pouco de medo em sua expressão, ela não deixa se abalar por ele.

Com uma fome que foi crescendo, ela começa a puxar a minha camisa gola polo, e eu a ajudo o mais rápido que posso. Amélia analisa a parte do corpo que está despida, e eu posso ver o desejo aumentar. Suas mãos passam por meu tórax, e eu pareço um garoto que nunca foi tocado por uma mulher, pois sinto meu desejo crescer mais que depressa.

Tomando a atitude que me falta, começo a retirar sua jaqueta e logo parto para arrancar sua blusa colada, que não deixa muito para a imaginação. Porra, Amélia já tinha um corpo maravilhoso quando a conheci, mas agora ela está uma mulher completamente formada. Deliciosa e minha... Droga, estou muito possessivo, mas Amélia, pelo menos por agora, é somente minha.

Quando olho para o seu corpo e vejo o sutiã preto fazendo contraste com sua pele clara, quase me perco, porém, controlo-me bastante. Seus olhos não desgrudam das minhas ações, mas quando avanço em seu pescoço, mordendo a carne e deixando meus lábios descerem para seu colo, ouço seu gemido e por um instante olho para seu rosto e a vejo fechando os olhos. Este momento realmente é o paraíso no meio do inferno que estamos vivendo.

Abro seu sutiã e, antes que arranque a peça, Amélia se afasta, o que me deixa curioso. Olho para ela com questionamento gritante em meus olhos.

— Não quero que você crie esperanças, Oliver. — Solta um suspiro, prosseguindo com a fala. — É só sexo.

Eu sinto a facada em meu coração ao ouvir suas palavras. Porra. Eu não quero só sexo, quero aquela mulher de volta na minha vida. Ela é mais que isso, mais que só uma foda constante, mas, infelizmente, eu a fiz acreditar que ela é uma qualquer em minha vida e se neste momento é a única coisa que ela pode me oferecer, eu aceito. Afinal, aceitaria qualquer migalha que Amélia estivesse disposta a me oferecer.

— Aceito o que você quiser, Amélia.

Assentindo, ela mesma termina de retirar seu sutiã me dando a bela visão dos seus seios pequenos, que são perfeitos demais para serem apreciados de longe. Droga de mulher maravilhosa.

Levo uma de minhas mãos ao seu seio esquerdo, enquanto no direito coloco minha boca, para chupar seu bico rosado, que necessitei tanto nestes últimos anos. E eu o sugo, com força, com fome, com desejo, com tudo o que posso neste momento. Amélia se retorce em meu colo, enquanto eu aperto seu outro mamilo com meus dedos.

— Oliver... — sussurra entre gemidos.

Retiro minha boca de seus mamilos e olho em seus olhos. Eu preciso de mais, por isso, em um rompante, seguro suas coxas em minha cintura e levanto-me do sofá. Amélia arfa pelo movimento e logo entrelaça seus braços em meu pescoço.

Caminho com ela para o meu quarto, chegando próximo à cama e depositando-a no colchão. Isso é a visão necessária que eu precisava. Fecho a porta com um baque surdo. E caminho para o paraíso.

Desabotoo a bota que ela usa, arrancando-a de uma só vez, e logo sua calça toma a mesma direção do calçado. Ela pode falar que é só sexo, mas os seus olhos não gritam isso para mim, tenho quase certeza que Amélia está como eu. Louca por esse momento de reencontro.

Deito-me por cima dela, encarando novamente seu rosto, e seus lábios inchados pelos beijos anteriores ficam cada vez mais desejosos.

— Pode ser só sexo para você, Amélia, mas para mim é a dádiva mais divina que recebi nos últimos anos.

Dizendo isso, desço meus lábios novamente para o seu colo, beijo todo o seu corpo. Sua barriga lisa recebe vários beijos molhados, onde, em alguns momentos, uso minha língua para provar o gosto de sua pele perfeita. Chego próximo à sua calcinha e a arranco com brusquidão, Amélia geme alto no momento em que desço minha boca para chupá-la, sem nem dar tempo para assimilar o que vou fazer.

E eu sugo, chupo e aproveito de sua carne molhada, que está deliciosa e da qual sinto tanta falta. Meu Deus! Como posso ter guardado tudo sobre ela em minha mente depois de tantos anos? E agora que estamos mais velhos, só posso confirmar que ainda somos os melhores juntos.

Enquanto a chupo enlouquecido, penetro um dos meus dedos em sua entrada. O que faz Amélia soltar um grito de liberação que me obriga a abrir um sorriso enquanto volto a chupá-la.

— Oliver, eu vou... — Amélia tenta falar, mas não dá conta de finalizar seus pensamentos. Assim que ela goza enlouquecida em meus dedos e boca, contrai-se mais, liberando-se toda.

Subo meu rosto para encará-la, e seus olhos estão tomados pelo desejo que o momento pede. Está maravilhosa, naquele lençol branco, com seus cabelos que não estão tão longos mais, como anos atrás, mas o que não diminuí sua beleza. Amélia é linda de qualquer jeito.

Passo minha mão por seu rosto, e ela manifesta-se, me surpreendendo sobremaneira.

— Me faz sua. — E eu não resisto a mais nada.

Arranco minha calça jeans e a cueca boxer juntas. Pego uma camisinha em minha carteira, que estava no criado mudo, e logo encontro novamente o paraíso.

Eu quero continuar sendo carinhoso, mas é impossível. É Amélia, são muitos anos sem provar um corpo feminino, e ainda é a mulher da minha vida. Não tem como ser carinhoso neste momento. Por isso estoco fundo, uma, duas, três, várias vezes. Enquanto gememos em uníssono.

Amélia se comprime em volta do meu membro, fazendo-me perder o resto do controle que tenho. Gozamos juntos, urrando, e eu não resisto ao repetir as palavras que disse antes.

Seguro em seu rosto, ainda respirando fortemente, devido ao momento que vivemos.

— Eu te amo. Pode não acreditar, mas você é tudo para mim. — Ela não expressa nada, só me encara respirando fundo. Mesmo sem sua resposta não resisto e lhe dou mais um beijo.

Saio de dentro dela, caindo ao seu lado e puxando-a para meus braços. Mesmo relutante ela se deita sobre o meu peito. Acho que as noites mal dormidas dos últimos dias, o cansaço e o estresse por saber de tudo pelo que o meu filho – que eu já amo irrevogavelmente –, está passando faz com que um sono incontrollável me domine. Em segundos apago, sentindo-me

realizado por estar com a mulher que amo em meus braços.

No entanto, depois que acordo e não a encontro, sei que meu encantamento acabou e que voltaremos a parecer dois desconhecidos. Ainda levanto-me apressado, vestindo somente a minha boxer e corro para a sala, mas já é tarde demais. Encontro meu irmão, que me olha com uma expressão meio cômica, e diz.

— É, irmãozinho, ela foi embora. E pela forma como me olhou, assim que nos encontramos no elevador, ela gostou bastante, mas é a Amélia, e ela nunca vai ser convencida de nada só por causa de sexo.

Ele está certo, e ela disse que é somente sexo. O problema é que Amélia mal sabe que está prestes a descobrir tudo que eu tive que fazer para protegê-la, e eu espero que, depois que descobrir, me perdoe e dê ao menos mais uma chance para mim.



Amélia

Sinto-me sufocada. Que merda acabei de fazer? Meu Deus! Transei com o homem do qual prometi ficar afastada para sempre. Encosto minha cabeça no volante, enquanto espero o sinal abrir. Não posso negar que queria tanto aquele sexo; parece que eu necessitava dele como um copo de água no deserto.

Estou plena, inteira, completa. Oliver tem esse poder sobre mim. Não pensei que sentia tanta falta dele. Só consigo me lembrar dos seus olhares de devoção para o meu corpo. De ele dizendo me amar. *Que droga!* O sentimento que tentei repelir durante anos está por todo o meu coração. Tomou até minha mente.

Chego em casa, correndo para dentro, à procura de Meredith, que encontro na cozinha em cima do colo de Charles, quase transando com meu filho em casa.

— Que porra é essa Meredith? — grito. — Meu filho está aqui, você pirou?

Uma Meredith revoltada me olha, juntamente com um Charles com cara de quem vai ficar com as bolas roxas.

— Seu filho está no pub, cantando no karaokê, com a Lili o olhando. Empata foda. — Sinto pena dela, sei que há dias queria ver Charles, mas o horário de serviço dele não está batendo com o tempo vago de Meredith.

— Desculpa, vou para o meu quarto, continue o que estavam fazendo. — Saio, sentindo minhas bochechas corarem.

Caminho para o meu quarto, deixando os vários pensamentos tomarem minha mente, e eles não envolvem o que acabei de presenciar. Eles envolvem um Oliver perfeito. Estou muito ferrada.

Tomo meu banho, deixando as cenas tomarem minha mente por completo. E parece que voltei para o momento, pois ao pensar em seu toque, sinto como se ele estivesse aqui. Suas mãos sobre mim, seus olhos me devorando, sua boca... ah, que ódio! Eu não deveria permitir que esses sentimentos me deixassem zonzas.

Saio do banho alguns minutos depois, visto uma blusa de tricô azul e uma leggings preta, calço em seguida uma bota de cano curto. O dia não está tão frio, mas, ainda assim, está ventando bastante, e o pub não é tão quente assim.

Ao sair do quarto, observo se o caminho está seguro para eu passar e, ao constatar que Meredith e Charles não estão mais na cozinha, me encaminho para o bar. Ao descer a escada escuto um ser acabando com o microfone do karaokê. Tenho de admitir que meu filho é um péssimo cantor, ainda bem que ele tem outras qualidades.

— Mamãe, que bom que você chegou — Jack grita assim que me vê. Sai correndo em minha direção e, mesmo que seja perto, o seu fôlego ainda não está bom para uma corrida de três segundos.

— Cheguei — digo, depois de abraçá-lo.

— Deu certo? — não respondo, só o olho, e ele percebe que a resposta é não. Sinto sua tristeza, mas Jack logo tenta esconder. — Tudo bem, então, canta pra mim?

— Sempre, meu amor — respondo, sentindo-me surpresa.

Caminho para o Karaokê, segurando sua mãozinha, e ele se senta em um dos sofás que ficam perto do pequeno palco e me observa.

Olho a lista de músicas e decido por uma que há muito tempo não canto, pois demonstra fraqueza. Mas somente com meu filho e os funcionários do pub aqui, posso muito bem cantá-la.

Assim que o primeiro acorde da música começa, fecho meus olhos. Sei a letra muito bem para não ter que usar o telão para lê-la, então, deixo *Yours*, de Ella Henderson, sair da minha boca, com toda a força e dedicação que coloco nesta música. Ela representa uma Amélia adormecida, uma há muito tempo não vista. Afinal, essa Amélia de hoje é somente cacos e tristeza, que tenta lutar para manter o filho vivo.

Existiu uma Amélia que sonhou com um príncipe, que jurou que quando fosse mais velha a vida seria um conto de fadas, muito diferente da sua infância no orfanato. Uma Amélia que prometeu que pertenceria a um mesmo homem para sempre, um homem que a amaria e a faria feliz.

Eu queria ter sido aquela Amélia só por mais um dia. Poucos meses não foram suficientes para eu saber o que é o amor de um homem para uma mulher. De mãe para filho eu descobri, com o presente divino que ganhei, mas o amor avassalador sobre o qual leio nos livros, eu vivi, mas foi de mentira.

Queria tanto estar pronta para o amor, para encontrar alguém, para amar e ser amada. Quero sentir aquele fogo ardente dentro do coração, mas não por Oliver. Só que isso é uma mentira, porque, infelizmente, ele é quem domina minha a mente, e suas palavras confusas, de que fez tudo o que fez para me salvar, deixam-me ainda mais na escuridão.

Não consigo entender nada do que ele me disse, mas ouvir o *eu te amo* foi algo que eu não esperava. No entanto, também não esperava me entregar de corpo e alma no dia de hoje para ele. Ainda de olhos fechados, outra música começa no Karaokê, e ela é ainda mais dolorosa: *Like I'm Gonna Lose You*. Canto-a, deixando minha alma ser sobrecarregada pela letra que também tem tudo a ver com a minha vida. Realmente eu ainda o amo, mas o perdi.

Assim que termino de cantar, abro os olhos e sinto o impacto azul reluzente sobre mim. Seus lábios perfeitos desenharam uma linda linha de um sorriso fraco. *Merda!* – essa palavra está fazendo muita parte do meu vocabulário ultimamente. Para piorar a situação, ele viu a Amélia sem a máscara. Só não posso deixar me convencer de que isso é o certo e que ele merece a Amélia amorosa novamente.

Capítulo 26



Capítulo 26

Desço do palco e caminho para o meu filho. Não sei o que Oliver veio fazer aqui depois de tudo. Jurei que ele tinha entendido que eu não queria vê-lo depois de termos ido para a cama. Olho para meus funcionários, e eles fingem que não estão nos observando de esguelha.

— Papai, que bom que o senhor veio — Jack diz, sem nenhum pingô de receio. Ele se deu muito bem com Oliver e até o seu medo de pronunciar palavras na frente de estranhos parece ter ido embora.

— Pois é, meu amor, vim te ver. Hoje voltarei para Londres e

conseguirei vir novamente aqui só no final de semana, então quis me despedir. — Sinto o choque passar por meu corpo. Novamente depois de dormir comigo ele vai embora. Mas o que eu queria? Ele era casado, e a errada era eu. Acho que Oliver percebeu minha fisionomia, pois tratou logo de emendar. — Tenho que resolver uns problemas que aconteceram por lá.

— Entendo. — Vejo a tristeza refletida no olhar de Jack. Sabia que essas duas semanas ligadas a Oliver o fariam sofrer quando ele fosse embora.

— Mas eu vou voltar, nunca mais vou te abandonar, filho — a última fala fora direcionada olhando para mim, no entanto, tento não dar importância.

Afasto-me dos dois, aproximando-me novamente do aparelho de Karaokê, organizando-o para mais à noite. Depois vou para onde estão meus funcionários, observo de longe a interação dos dois homens da minha vida e só esse pensamento me entristece.

Não existem dois homens da minha vida e, sim, um. Somente um. Um bem pequeno e doente, mas um único.

— Se você está tentando ignorá-lo, está falhando miseravelmente. Afinal, não tira os olhos dele — Lili me tira dos meus devaneios...

Encaro-a sem acreditar que estou sendo tão óbvia, então, decido mudar de assunto.

— O que aconteceu aqui naquele dia em que a Meredith disse que você estava com problemas com um cliente? — Ela sorri, mas posso ver tristeza em seu olhar.

— Vou aceitar sua mudança de assunto. — Depois de um suspiro, continua. — Foi um homem que nunca tinha aparecido aqui, disse que me pagaria muito dinheiro se eu fosse para cama com ele. Claro que não aceitei e foi aí que ele ultrapassou os limites do permitido. Quando Meredith viu, você sabe, foi para cima dele.

Olho para Lili, com seu corpo pequeno, mas ao mesmo tempo lindo, seus cabelos cacheados, sua pele morena clara. Realmente uma linda mulher, que não deveria ser tratada como um nada.

— Infelizmente alguns homens acham que só por serem homens podem nos desvalorizar e nos humilhar, eu sinto muito por isso — murmuro.

— Não se preocupe, estou bem. — Seus olhos castanhos refletem ainda mais tristeza, mas percebo que não é pelo ocorrido.

— O que aconteceu, Lili?

— A minha avó não está bem, Amélia. Não quis dizer a vocês, pois já têm o problema do Jack, mas ela está com falência dos órgãos. Os médicos estão tentando reverter, mas há três semanas ela está na UTI. — Lili olha para baixo e depois volta a me encarar. — Será que nesses últimos dias de vida, eu poderia pedir uma folga para passar com ela?

Sinto a tristeza apossar meu coração. Fiquei tão enfurnada dentro do meu problema que esqueci completamente dos de Lili. Abraço-a e sinto quando começa a chorar. Ela, assim como Meredith e eu, estará sozinha no mundo quando sua avó a deixar, então, preciso dar todo apoio a essa garota de apenas vinte e um anos.

— Você pode tirar todo o tempo possível, o Jack está bem agora, precisa da doação de medula, mas nada se compara àqueles primeiros meses.

— Obrigada, Amélia! — Vejo seu rosto banhado por lágrimas e continuo.

— Pode ir embora, você está dispensada. Qualquer coisa me liga, não vou te abandonar nesse momento, tudo bem?

Então ela se despede e caminha até Jack, dando um beijo em sua cabeça. Lili vai embora, e meu coração se parte. Ela não merecia perder a avó dessa forma. No entanto, acredito em milagres e sei que Deus está reservando algo muito bom para ela.

— Você não é uma pessoa ruim, como tenta passar para meu irmão. — Olho para Thomas, e ele está encostado no balcão do bar.

— Credo, parece um fantasma, nem te vi aí — digo, começando a organizar o caixa. Com Lili fora terei que assumir o meu posto, novamente.

— Quando se está com pensamentos flutuantes não se consegue observar à sua volta — Thomas diz, encarando-me. Olho por todo o pub e percebo que Oliver e Jack continuam conversando sobre amenidades.

— Desde quando você se tornou tão inteligente? — questiono, com a sobrancelha erguida, tirando sarro dele.

— Digamos que foi quando parei de ser capacho da minha família.

Observo-o e percebo que, realmente, não o vejo mais como aquele garoto mimado que fazia tudo que a mãe mandava.

— Ainda bem que você cresceu mentalmente. — Ele se aproxima de onde estou, sussurrando para que ninguém além de mim escute.

— Fui um idiota no passado, mas a vida me mudou. Na verdade minha mãe a destruiu, como destruiu a de Oliver obrigando que ele se afastasse de você. — Cada vez mais enigmas soltados por esses irmãos. Tudo

isso me deixa confusa; sempre a mesma coisa de Oliver ser obrigado a me deixar, mas eu sei que só fazemos a vontade dos outros quando queremos.

— Você sabe que não acredito em nada do que vocês me falam — tento soar firme, mas de tanto eles repetirem a mesma coisa, estou começando a acreditar.

— Só que deveria, Amélia, meu irmão te magoou, e eu entendo, porém, desta forma, terei que começar a acreditar que quem não é mais tão inteligente é você.

Suas palavras me deixam irritada. Quem ele pensa que é para falar comigo desta maneira? Quando vou questioná-lo, Oliver diz, quase na saída para a porta da rua do Pub.

— Vamos, Thomas. — Ele me encara, como se tivesse muito a falar, e eu até entendo, pois depois de tudo o que aconteceu hoje temos muito o que conversar, porém, só acena e sai.

— Deixa seu coração perdoá-lo o resto você descobre se vale a pena — Thomas diz antes de partir na mesma direção que seu irmão. Joga um beijo para Jack e some das minhas vistas.

No meu pensamento só ficam as palavras não ditas: *não valeu uma vez não será agora que valerá.*



— Amélia, acorda. — Ouço Meredith pedir com o desespero evidente em sua voz. Não acredito que eu dormi pesado como não dormia nos últimos meses.

Sento-me desesperada na cama, pensando que algo aconteceu com Jack, mas logo minha amiga trata de acalmar meu mini-infarto.

— Não é nada com o Jack, mas você precisa ver isso, está em todos os noticiários. Vem logo.

Ela sai, e eu pulo da cama para ver o que está dizendo. Assim que chego à sala, tudo se petrifica. No noticiário vejo algo que nunca poderia acreditar, não vindo de quem pensei que seria a pessoa mais correta, afinal, sempre bostejava pela boca sobre escolher pessoas de classes sociais nobres, pois pobres nunca poderiam fazer parte da sua família.

Nesse momento entendo, ela não poderia ter pessoas *honestas* na sua família.

Toda Inglaterra acordou com um grande susto, devido a denúncias feitas por Oliver Williams e Thomas Williams. Foram descobertos vários crimes entre as famílias Williams e Smart. Pelas informações passadas, Anna Williams, Patryck Williams e Roger Smart eram sócios de uma organização criminosa que traficava joias e quadros famosos, além de estarem envolvidos em vários assassinatos. Não foi informado ainda se as filhas de Roger Smart, que são esposas dos denunciante, estavam envolvidas com a organização criminosa, mas descobrimos por fontes seguras que uma antiga namorada de Thomas Williams foi assassinada a mando de sua mãe.

Não consigo acreditar no que vejo sendo noticiado pelo jornalista do plantão urgente, é meio que difícil engolir tudo isso. Meu Deus, era disso que eles me falaram para esperar, o que me faria ver a real face dos Williams. Eles mancharam o nome da própria família para provarem que eram bons. Pior ainda é saber que viviam no mesmo lugar onde uma assassina morava. Coitado de Thomas!

Várias fotos dos dois passam, informando que estão no departamento de polícia de Londres. Os repórteres tentam arrancar alguma entrevista, mas nenhum responde.

Não sei bem o que estou fazendo, mas pego meu celular. Há alguns dias Oliver me obrigou a pegar seu telefone para caso acontecesse algo com Jack. Sei que não devia ligar, mas preciso ao menos demonstrar algum apoio depois desse baque todo que vi e reví na TV.

— Você vai ligar para ele? — Meredith questiona. Olho para ela, que não expressa nada nos olhos. Não consigo me decidir depois de sua pergunta.

— Não sei o que faço. — Caso ela não apoie minha decisão, irei desistir. Ela pensa melhor do que eu, então, farei o que ela disser.

— Então liga logo, sei que ele foi um filho da puta, literalmente, afinal, que mãe endemoniada a dele, mas acho que depois de provar ao menos ser um bom pai é o mínimo que devemos fazer. — Não esperava esse raciocínio vindo de Meredith, ela é toda estourada, quer matar todo mundo, mas às vezes seus pensamentos coerentes me assustam.

Disco o número e espero completar. Chama várias vezes, e quando penso que irá para caixa de mensagem, a voz que faz meu coração se sentir vivo novamente atende. Com essa ligação eu posso mudar toda a nossa

história; sinto que posso mudar todo o nosso futuro.

— Alô — ele continua dizendo.

— Oliver — chamo, tomando coragem de abrir a minha boca. Meredith encara meus olhos e, quando enxergo um leve sorriso de aprovação, continuo a dizer: — Eu vi a matéria.

— Amélia — não é uma pergunta, nem uma prova de que reconheceu a minha voz, mas é como se ele cantasse meu nome, como se essa simples palavra fosse algo divino para ele. — Posso me encontrar com você para te explicar tudo?

Não sei o que responder. Ele não precisa me explicar nada, pois já me mostrou que ainda lhe resta um pouco de caráter. No entanto, pego-me respondendo:

— Pode.

É com um simples afirmar que eu sei que realmente algo muito estranho está prestes a acontecer; algo que não sei se estou preparada para receber, mas, ao mesmo tempo, quero saber o que é esse sentimento estranho que tem se apossado de meu corpo.

— Em duas horas estou aí. — Com essas simples palavras ele desliga. Acho que está na hora de colocarmos tudo em águas claras e ao menos eu sair do poço de escuridão onde me encontro desde que fui abandonada. Acho que está na hora do perdão.

Capítulo 27



Capítulo 27

As horas parecem se arrastar como lesmas. Nunca demorou tanto para chegar uma hora marcada, e a do almoço já havia passado há tempos. A chuva cai forte lá fora, fazendo-me ficar preocupada. Ok, não vai acontecer nada, mas só de ele querer me explicar o que aconteceu e o meu coração idiota palpitar mais forte do que o normal, faz com que a ansiedade e o nervosismo tomem conta de todo o meu corpo.

Ouçó a batida na porta. Meredith a abre e, com um olhar em minha direção, confirma que é quem estou ansiosamente esperando. Ele entra, e

seus olhos encontram os meus. Jack corre em sua direção e o abraça.

— Papai, você disse que viria só no final de semana.

— Eu disse, mas tenho que resolver um problema com sua mãe — Oliver responde, abraçando *nosso* pequeno. Paro por um momento percebendo que, pela primeira vez, não digo que ele é o *meu* pequeno.

— Vocês vão brigar? — Ouço meu filho perguntar para seu pai.

— Claro que não. — Oliver sorri para ele e continua: — Então, vou conversar com ela para poder, depois, passar um tempo com você, tudo bem?

— Tudo bem, papai. — Jack desvia sua atenção para mim e me dá uma leve piscada. De onde esse garoto tirou isso?

— Posso ir à casa de Charles e levar o Jack, se você quiser. Depois que tiverem acabado aqui, você me liga — Meredith sugere ao se aproximar de mim.

— Faça isso, eu acho que preciso desse momento a sós com ele. — Olho nos olhos da minha amiga, que consente.

— Qualquer coisa estou com o celular à espera da sua ligação para partir a cara dele ao meio, só não fiz isso ainda pelo Jack.

— Minha *Rambo*, fica tranquila. Caso dê tudo errado te ligo para você metralhá-lo — digo sorrindo, pois sei que se pedisse isso ela com toda certeza cometeria um assassinato.

Assim que os dois saem, sinto que o silêncio pode explodir em minha casa. Oliver está parado no centro da sala, e não sei como começar essa conversa, por isso, decido ser como toda pessoa normal.

— Aceita alguma coisa?

— Amélia, você nunca me ofereceu nada, não precisa oferecer agora. — Ele sorri para mim e se senta no sofá mais próximo a ele.

Aproximo-me e me sento na parte mais distante, enquanto espero que comece. Sei que não tem muito o que contar – ele me abandonou por eu não ser o que sua mãe queria e se casou com a garota que ela apoiava.

— Posso começar? — ele pergunta.

— Já deveria estar terminando, para ir embora. — soo grosseira, eu sei, mas não posso controlar.

Ele é Oliver Williams, o príncipe que se tornou sapo em questão de meses me enganando.

— Primeiramente, só irei embora depois que passar um tempo com meu filho. — Evito olhá-lo, como se a janela que fica à minha frente fosse

muito mais interessante.

Quando percebo que está calado e não começou a explicar nada, volto minha atenção a ele. Pego-me observando, olhando como fazia antigamente, desvendando minha alma. *Que merda de amor doentio é esse que me faz querer que tudo volte a ser como era antes de ser totalmente destruído?*

— Eu te amo — ele solta mais uma vez essas palavras nas quais não consigo acreditar, no entanto, elas aquecem o meu coração.

— Se foi para isso que você veio aqui, realmente terei que te mandar embora. — Seus olhos continuam a me investigar.

— Não foi só para isso que eu vim. Vou te contar tudo o que aconteceu naquele dia, e quando você souber, acho que poderá me perdoar. — Depois de um longo suspiro, ele solta tudo que está entalado em sua garganta. Percebo que há anos quer dizer isso, pois sinto até um leve peso sair dos seus ombros quando começa a relatar tudo.

— Estava disposto a largar tudo por você. Quando cheguei naquela casa e vi que eles queriam me obrigar a me casar com Malorie, subi para o meu quarto, para abandonar aquela família, mas a minha mãe já tinha tudo planejado. Ela te observava vinte e quatro horas por dia. Colocava seus capangas para te seguir e quando descobri que quem mandou te espancar foi ela, meu mundo desabou. Não poderia deixar que nada te acontecesse...

Ele continua relatando tudo, nos mínimos detalhes, e a cada revelação vou ficando ainda com mais ódio daquela mulher. Como pôde fazer isso com Oliver? Comigo? Mas fico ainda mais triste quando escuto a história da namorada de Thomas, Beatrice. Ela parecia ser uma mulher incrível, e agora entendo o motivo de Thomas ter mudado tanto.

Não quero acreditar tão rapidamente em Oliver, mas existe tanta verdade em suas palavras, além de lágrimas, que a vontade que tenho é de me aproximar dele e abraçá-lo, mas não o faço, ainda não o perdoei o suficiente para esse contato. Tudo bem, talvez eu esteja mentindo, pois até o meu corpo já havia sido entregue novamente a ele, só que tento ser forte para não me jogar novamente em seus braços.

— Eu sei que te fiz sofrer, Amélia, mas entenda que fiz isso pensando somente em você, pensando que ao te deixar você ficaria a salvo para viver uma vida feliz. Nunca imaginei que perderia seu brilho, nunca imaginei que passaria por tudo isso com Jack. Sei que minhas desculpas não parecem ser verdadeiras, que eu pareço ser o carrasco que abandonou a garota sonhadora e grávida anos atrás, mas se eu soubesse de nosso filho, faria de tudo para

mantê-la em segurança. Você sempre foi e será o meu amor, Amélia. A minha luz, a garota que sempre precisará do carinho que sempre quis dar. Só imagina quando eu te deixei, que preferi viver à distância do que em um mundo onde você não existisse. — Oliver respira, enquanto meus olhos se enchem de lágrimas. — Eu não daria conta de ter a força de Thomas, não viveria em um mundo onde você não respirasse o mesmo ar que o meu. Só quis te manter a salvo.

Ele não consegue ficar parado; sai do sofá e vem em minha direção. Ajoelha em minha frente e continua a falar.

— Sei que “eu te amo” não é o que você quer ouvir, mas eu não dou conta de expressar meus sentimentos com outras palavras. Eu te amo, tanto que preferi te deixar. Jurei que se um dia nos reencontrássemos, você entenderia o motivo de nosso término e me perdoaria. Sei que parti o seu coração, fui o motivo de muita desgraça em sua vida, mas só quis te proteger. — Oliver encosta sua cabeça em meu joelho e vejo seus ombros balançarem, pois seu choro é convulsionado, de uma forma que me leva também às lágrimas. Com a cabeça em meus joelhos ele sussurra entre as lágrimas. — Eu não conseguia ficar sem você, por isso, criei minha empresa de utensílios pessoais, onde a fragrância – que é a marca registrada da empresa –, carrega o seu perfume, pois ao menos isso eu poderia sentir de você nesses últimos anos.

Sinto suas palavras tocarem o fundo dos meus sentimentos, nunca poderia acreditar que Oliver seria capaz de tantas coisas por mim. Permito que toda indiferença saia do meu corpo. Não posso acreditar que ele foi ameaçado de tal maneira. Não posso acreditar que me deixou só para me salvar. Fez tudo o que sua mãe queria para me deixar viver. Montou uma empresa de utensílios pessoais que contém a fragrância do meu perfume só para ele se sentir mais próximo de mim.

Eu não devo, mas acredito. Não devo me deixar levar tão fácil por suas palavras, só que não tem como; não depois de ouvir todas essas declarações. Oliver só demonstra que me ama.

Ele levanta sua cabeça das minhas pernas e me olha com os olhos vermelhos do choro e o rosto banhado em lágrimas. O olhar cheio de dor que me lança acaba comigo, a expressão que necessita de carinho, afinal, quem precisa ser consertado ainda mais é ele. Eu sofri, mas vivi ao lado da minha irmã que me ama. Oliver ficou rodeado de cobras que a qualquer movimento o ameaçavam. O sentimento de carinho, amor e confiança se apossa do meu

corpo, fazendo-me levar minha mão até sua bochecha e afagá-la. Os pelos de sua barba fazem cócegas em minha mão, mas não me importo, só quero mostrar que não está mais sozinho.

Oliver fecha seus olhos, e isso parte ainda mais o meu coração, pois acredito demais nele, acredito de uma forma que não consigo mais esconder.

— Eu acredito em você. — As palavras saem da minha boca, enquanto observo o dedo que carregava a aliança dourada, que agora só está com a marca do sol em sua pele — Sei muito bem que sua mãe sempre foi uma bruxa, ela te obrigaria a coisas que eu não poderia adivinhar se você não tivesse me revelado agora.

Oliver abre seus olhos brilhantes para mim e me encara. Acho que ele estava esperando só a minha confirmação de que acreditava nele, pois em questão de segundos me puxa para ele, fazendo com que eu caia em cima do seu corpo, no chão.

Meu coração dispara, mas o dele está disparado também. Posso sentir sob minha mão, que está em seu peito, que ele bate freneticamente. Oliver segura a minha nuca e puxa meu rosto em direção ao seu. O tempo para, sinto que tudo congelou, nem a chuva torrencial lá fora ouço mais. Só consigo sentir esse momento.

Nossos lábios se encontram, e é como se tudo se encaixasse novamente. O beijo é carinhoso, de recomeço, de espera. Eu posso beijá-lo para sempre, pois os beijos que demos dias atrás não conseguiram aplacar todo o nosso desejo.

O amor machuca, o amor fere a nossa alma de uma forma que é inexplicável, o amor pode deixar cicatrizes de uma maneira incurável, o amor é algo arriscado a se entregar. Eu fui partida em milhões de pedaços por causa de um amor e, mesmo assim, depois de anos, esse mesmo amor acabou de colar os meus pedaços, acabou de curar todas as minhas feridas. Sinto que eu poderia enfrentar tudo por mais um beijo desse curador de alma.

Assim que nossos lábios se afastam, fazendo o nosso corpo ansiar por ar nos pulmões, vejo que Oliver sorri para mim. Quero corresponder ao seu sorriso encantador, porém o medo me trava, o medo do abandono ainda está aqui. É como se ainda fôssemos dois jovens apaixonados. Oliver responde o que meu pensamento grita em minha mente.

— Eu também tenho medo de estragar tudo de novo, de não te fazer feliz o suficiente, de não ser o que você espera que eu seja agora, depois de adulto. Mas eu nunca deixei de te amar, Amélia. Ansiava pelo dia em que te

veria de novo, e quando te vi no hospital soube que não ficaria em paz se não me desvencilhasse da praga que minha mãe era. — Dessa vez quem retribui o afago em meu rosto é ele. — Te ver foi o que me motivou a ir mais rápido nas investigações, para ter provas e impedir que aquelas duas famílias continuassem a ter o poder sobre mim. Me dá uma chance, só uma para provar que eu posso ser melhor que o Oliver de antigamente.

Mesmo que o medo ainda prevaleça em minha realidade, sei que eu posso começar a trilhar um caminho com Oliver. Sei que posso dar alguns passos ao seu lado para tentarmos ser felizes desta vez.

— Vamos tentar, Oliver. Estou cheia de medo, mas vamos tentar — digo sem muita certeza, porém sei que essa seria minha única resposta.

— Você acaba de me fazer o homem mais feliz do mundo. — Ele pega um impulso levantando o seu corpo que estava deitado no chão, senta-se e me mantém sentada com as pernas entrelaçadas em sua cintura.

— Espero que sejamos felizes desta vez.

Oliver assente, mas se aproxima de mim pedindo permissão para mais um beijo. Claro que dou, porque meu corpo necessita desse beijo. E, como se fosse a primeira vez, o mundo entra em outro turbilhão de emoções. Beijar Oliver é único, agora sei que nunca seria a mesma coisa se eu beijasse outra pessoa. Puxo-o ainda mais para mim, pois quero, necessito, ele é o ar puro que eu respiro.

Passo minha mão por seu corpo e deixo o desejo falar mais alto. Arrancando sua jaqueta de couro, logo a camisa de linho é jogada para o lado. Arranho as costas de Oliver com minhas unhas e deixo um gemido escapar da minha boca assim que ele chupa meu pescoço. Porra! Isso é maravilhoso.

— Não quero passar dos limites, Amélia — sussurra, assim que começo a desabotoar sua calça. — Acho que já passei muito deles com você esta semana. Não quero que pense que estou pedindo mais uma chance só por sexo.

— Oliver, eu nem estava pensando nisso. Eu te quero. E quero agora.

Acho que minhas palavras acendem o fogo do mesmo homem de três dias atrás, pois ele arranca minha roupa com brusquidão e não nos importamos de estarmos na sala. Assim que Oliver começa a chupar um dos meus mamilos, deixo o gemido gutural sair de minha garganta. É uma libertação necessária para o momento. Neste momento me entrego por completo para ele novamente, pois, querendo ou não, posso afirmar que

Oliver é meu. Sempre foi meu!

Sentir seus dedos tocando-me onde eu mais desejo é mais que maravilhoso, é necessário. Solto mais um gemido, ou melhor, está mais para um grito, e ainda bem que o pub ainda está fechado, senão todos os meus funcionários saberiam o que está acontecendo aqui, no chão da sala da minha casa.

O quão sujo e maravilhoso isso soava?

— Eu preciso de você dentro de mim, agora — murmurei entredentes.

Abrindo um sorriso de pura safadeza, Oliver sussurra.

— Seu desejo é uma ordem, amor da minha vida.

Ele arranca o restante de sua roupa, mas antes pega um preservativo de dentro da sua carteira, que estava no bolso da calça, e me faz sua novamente. Percebo que tentou novamente ser mais amoroso, mas acho que os anos separados nos impedem de sermos mais românticos. Queremos tudo em explosão, em brutalidade. Ah! E como é boa essa violência.

Com meus pulsos presos acima da minha cabeça por uma de suas mãos, Oliver estoca com mais força, fazendo-nos gemer em uníssono. Estamos perto o suficiente de gozarmos. Quando um trovão ressoa no céu, faz com que paremos por um momento leve de susto.

— Até a chuva sabe que o que está acontecendo aqui é único — o homem da minha vida, disse. — Você é única, Amélia, perfeita para mim, tudo do que senti falta em todos esses anos.

Mudando a expressão amorosa para uma mais maliciosa, aproxima a boca do meu ouvido:

— Você não sabe como senti vontade de te foder assim todos os anos que passei longe de você. — Chupa o lóbulo da minha orelha e continua. — Eu sonhava com o dia que eu poderia te apertar em meus braços e falar que você é minha. Eu te amo!

— Eu também te amo!

Ao dizer isso, Oliver volta a estocar com mais força fazendo-me perder o controle. Grito assim que gozo, e Oliver solta um gemido assim que se liberta dentro de mim. Selamos o nosso momento com um beijo ardente, enquanto acalmamos os nossos corpos.

Oliver me puxa para deitar sobre seu peito, e agora mais calma eu sei que o perdoei o homem que eu sempre amei, com todo o meu coração e alma, mas só voltaríamos a ser um casal novamente quando meu filho estivesse

bem. Pois só depois disso eu poderia dedicar-me ao amor que sentia por ele.

Capítulo 28



Capítulo 28

— Mamãe, você vai ao parque comigo e o papai? — Os olhos de Jack brilham de emoção, mas infelizmente terei que estragar a sua felicidade.

Da porta Oliver, olha-me com expectativa. Acho que até ele queria que eu fosse, só que preciso fazer algo que nenhum dos dois imaginam, somente Meredith, que vai comigo, está a par da situação.

— Infelizmente a mamãe terá que resolver uns problemas do bar, com a tia Mer. Mas prometo que qualquer dia desses eu vou. — Morro ao ver a alegria sumir do olhar de Jack.

Acho que ele percebeu que nesses últimos dias seu pai e eu temos nos falado mais, estamos mais próximos. Só que para voltar à normalidade de um casal com Oliver, sabia que seria só depois que a saúde do meu filho voltasse à normalidade, então, tínhamos que esperar para ver o que o tempo iria nos dizer.

Não posso negar que os beijos que são roubados ou permitidos por mim são maravilhosos, fora os momentos mais insanos que já cometemos quando tivemos um tempo sozinhos. Até o beco atrás do pub já presenciou coisas inimagináveis.

E eu conseguia me entregar facilmente para ele, ainda mais depois de saber que ele se divorciou no mesmo dia da revelação sobre sua família. As irmãs Smart não foram presas, pois nenhuma delas estava ligada diretamente aos crimes cometidos por suas famílias, igual aos meninos, no entanto, Oliver afirma que Malorie sabia sobre a ameaça de assassinato à minha pessoa, só que, sem provas, não pôde acusar ninguém, mas Oliver e Thomas as fizeram ficar com tanto medo que quando descobriram que os meninos denunciaram as suas famílias, elas fizeram tudo o que eles pediram, e isso incluía o divórcio.

Meredith não gosta muito de saber que estou me deixando novamente levar por Oliver, mas ela entende, pois está mais apaixonada por Charles a cada dia, então sabe como é difícil afastar-se de quem se ama. Thomas ainda a olha de um jeito estranho, porém, ele também já percebeu que não tem chance alguma contra o namorado da minha amiga.

Depois da mudança drástica do tio do meu filho, até passei a gostar um pouco dele, mas nada muda o quanto ele nos humilhou na nossa infância e adolescência. Charles percebeu as maravilhas de Meredith logo quando a conheceu, e isso prova que ele é um cara de caráter que não julga ninguém pela conta bancária.

Minha irmã já perdoou Thomas e Oliver. Mesmo ela não dizendo, eu sei. Ela pode parecer um monstro de ser humano, mas por dentro é a melhor pessoa do mundo. Depois que Oliver me explicou como aconteceu nossa separação, ele também explicou a ela e pediu desculpas por tudo. Mesmo que ele não a tenha ferido diretamente, feriu a mim e, para ela, era quase a mesma coisa.

— Então já estamos indo — Oliver diz tirando-me dos meus devaneios.

— Tudo bem, até mais tarde — respondo, dando um leve sorriso para

ele. Jack me joga um beijo, que retribuo da mesma forma. Logo eles saem e me deixam com Meredith.

— Você tá pronta para ver o que ela quer com você? — minha amiga diz, antes mesmo de ouvirmos o carro dar a partida lá fora.

— Claro, sempre fui insignificante para essa mulher, se ela se deu ao trabalho de me ligar, irei ver o que quer.

— Então vamos antes que eles voltem. Eu dirijo.

Depois de pegarmos nossas coisas, partimos em direção à rodovia que nos levará ao presídio onde Anna está aguardando julgamento.

∞∞∞∞∞

A sala de visita é meio escura. Com muito custo deixaram Meredith entrar comigo. Não sei se conseguiria encarar Anna com altivez depois de descobrir como ela é um monstro.

Uma das guardas abre a porta da sala e entra com Anna, vestida com o uniforme de presidiária, com as mãos e pés algemados. Ela se senta na cadeira à nossa frente e me encara, o ódio está estampado em seu rosto. Não entendi o motivo de gastar sua ligação da semana para pedir para eu vir aqui, muito menos sei como conseguiu o meu número.

— Você nos chamou aqui para encarar a Amélia? — Meredith diz com sua impaciência costumeira.

— Você veio de enxerida, chamei somente essa aqui. — Anna, mesmo sem seu semblante superior, ainda consegue ter mais classe do que Meredith e eu juntas. — Mas vou ser breve, tenho a intenção de ver se sou compatível com seu filho na doação de medula.

— Como? — pergunto, sem acreditar.

Anna nunca faria isso sem uma segunda intenção. Por isso, quando vejo seu olhar com um sorriso cínico que não chega nem perto dos seus olhos, sei que ela quer algo em troca.

— Isso mesmo que você ouviu, já que tenho um *neto*, quero ver se sou compatível com ele.

Ela repete, frisando a palavra *neto*. Acho que essa é a parte que ela mais abomina, ser avó de quem ela nem conhecia, mas já odiava.

— Olha aqui, sua bruxa, você nunca dá um ponto sem nó. Então,

desembucha tudo de uma vez — Meredith diz com os dentes cerrados.

— Você é muito insolente mesmo — suspirando, Anna continua. — Só quero algo em troca disso. Quero que você, Amélia, peça aos meus filhos que venham me visitar. Sei que serei condenada no dia do meu julgamento. Posso ter o melhor advogado do mundo, mas ele não conseguirá me safar; Oliver e Thomas fizeram um ótimo trabalho me prejudicando em todos os sentidos.

Vejo a expressão dela mudar de cínica para magoada. Continuo olhando-a. Quero muito ter todas as opções que posso para salvar meu filho; quanto mais gente tentando ser doador de medula é ótimo, mas não sei se suporto saber que essa mulher está meio que me chantageando para isso.

— Não posso obrigar seus filhos a virem te ver.

— Bom — ela diz se levantando. — Espero que encontre o doador. Percebo que você ama o seu filho tanto quanto amo os meus. Faria tudo por eles, como fiz desde sempre. — Antes que ela saia, eu digo:

— Você não amava seus filhos, quem ama não os priva de ser feliz. — E com toda maldade que pode soltar pela sua boca, Anna acaba fincando uma estaca em meu peito:

— E pelo visto você também não ama seu filho, pois só pedi para os meus virem me ver. Caso faça isso, posso testar a medula para saber se é compatível. Não é algo tão complicado.

Fico estática e sinto quando Meredith se levanta ao meu lado, como um cão raivoso. Acho que se a guarda que estava na porta da sala de visitas não tivesse aparecido ela teria realizado o sonho de quebrar a cara de Anna.

Odeio pensar que fui comparada com ela, com as atitudes absurdas que tomou para me afastar de Oliver; odeio pensar que me comparou a uma assassina, afinal, Anna matou a esposa de Thomas sem nem ao menos se importar com o sofrimento do seu filho.

Meredith me olha, e tenho certeza de que, pela minha expressão, ela percebe que meus pensamentos estão exatamente onde Anna queria.

— Nem pense nisso, ela não pode falar qualquer asneira e você começar a se sentir péssima. — Olho sem confiança alguma para Meredith. — Não começa, Amélia, vamos embora. Agora sei que foi uma péssima ideia termos vindo aqui. Vamos arrumar outro doador para o Jack, afinal, a gente nem sabe se ela seria compatível.

— Não. Ela é uma opção, então, eles terão que vir vê-la.

— Provavelmente mesmo a odiando eles virão, mas agora temos que

ir.

— Não sei o que fazer.

— A gente nunca sabe o que fazer, por isso temos que deixar o tempo nos mostrar o caminho certo — ela diz, aproximando-se e estendendo a mão para mim. Meredith sabe que não estou bem, por isso o seu apoio é sempre essencial.

— E se o tempo matar o Jack? — digo, tristemente, aceitando sua mão e deixando que ela me guie para fora do presídio.

— Isso não vai acontecer, meu sobrinho vai sair bem dessa. Eu confio. E já que você disse que fará os rapazes virem vê-la, então temos mais uma chance para salvá-lo.

Chegamos em casa após o almoço. Jack está jogando videogame, enquanto seu pai mexe no celular. Assim que Meredith abre a porta, eles nos encaram. Vejo Oliver me olhar, mas não dou muita bola para isso, ou pelo menos tento, afinal, toda vez que os seus olhos pousam em mim, sinto um fogo inexplicável aquecer meu corpo.

— Oi, meu amor, como você está se sentindo? — pergunto, assim que atrapalho mais uma vez o seu jogo e o seu recorde a ser batido.

— Mamãe, eu tava muito bem. Até a senhora me fazer perder. — Ele sorri para mim, e eu para ele.

— Desculpa, sou uma péssima mãe mesmo. — Continuo sorrindo para Jack, que nega com a cabeça.

— Não é não, eu te amo, mesmo que toda vez a senhora se enfie na frente da TV. — Assim que ele termina de falar, me abraça.

Nada no mundo pode ser tão perfeito do que um filho te abraçar. Sério, sentir amor por alguém é único e ser correspondido é mais que especial. Mas o amor de um filho é simplesmente algo perfeito.

Assim que nos separamos, deixo que Jack volte para o seu jogo e vou para a cozinha. Sei que logo Oliver estará aqui, em questão de segundos, pois aproveita todos os momentos que tenho sozinha para vir saber se eu já decidi voltar para ele.

— Você chegou meio diferente. Aconteceu algo? — só o som de sua voz faz com que meu corpo se arrepie.

— Aconteceu... — Penso por um momento e, mesmo não querendo, revelo. — Fui ver sua mãe. — Não olho em seus olhos, mas tenho a certeza de que se fizesse eu veria sua expressão de revolta.

— Você foi o quê? — sua voz demonstra ódio, e é aí que encaro seus

olhos.

— Isso mesmo que você ouviu, ela ligou e pediu para que fosse vê-la. — Paro por um momento e percebo que ele espera que eu continue. — Ela queria dizer para mim que doará a medula para ver se é compatível com o Jack.

— Ao menos algo sensato minha mãe fez em toda sua existência. — O ódio continua em sua face, mas vejo um fio de esperança refletido. Ao perceber que eu o encaro com uma cara de poucos amigos, ele continua. — Espera, claro, agora entendi. Com toda certeza ela não fará se não ganhar algoem troca, não é mesmo?

Assenti.

— Merda. O que ela quer? — Tomando coragem, aproximo-me dele. Deixo que minha mão direita acaricie sua face, fazendo seus olhos se fecharem aprovando o contato.

— Ela quer que você e Thomas vão visitá-la, pois sabe que será condenada.

A expressão relaxada com o meu toque some de seu rosto. Seus olhos se abrem, e a raiva está presente naqueles olhos que parecem mais um céu completamente azul em um dia ensolarado. Ele nega com a cabeça, mas para ao me olhar.

— Você sabe que será difícil fazer isso — por fim, diz.

— Eu sei, mas sei também que o *nosso* filho precisa da maior quantidade de doadores possíveis para que, assim, achemos um compatível.

Oliver tira minha mão do seu rosto. Por um momento acho que o magoei, pois usá-lo dessa forma para conseguir algo é errado, eu sei, mas estou desesperada atrás da cura do meu filho, e se para isso ele tiver que aguentar a mãe, aí o problema já não é meu.

No entanto, quando ele segura minha cintura com suas mãos fortes e cola seu corpo no meu, percebo que não foi por isso que tirou minha mão de sua pele. Logo nossas bocas estão grudadas como se parecêssemos famintos um pelo outro. O que não é mentira, pois eu preciso dele, tanto, que às vezes esconder fica difícil.

Seus lábios tomam os meus de uma forma dolorida e ao mesmo tempo tão cheia de paixão, suas mãos apertam minha cintura, o que me faz soltar um leve gemido que é engolido por sua boca que não solta a minha. Meu Deus, se isso não parar agora, acho que sou capaz de fazer sexo com Oliver aqui mesmo.

Por um milagre divino, ou não, ouço um pigarrear, o que me faz me afastar de Oliver, ofegante. Olho para uma Meredith carrancuda e com uma sobancelha erguida. Sei que ela não está realmente zangada, mas isso é só ela tentando passar para Oliver que ainda se lembra do que ele fez.

Oliver olha de Meredith para mim e assim sucessivamente, meio que constrangido, então, dá um passo em direção à sala, mas, antes de ir, me olha e diz:

— Thomas e eu vamos lá visitá-la, e assim poderemos saber se nosso filho é compatível. — Depois de desviar seu olhar e meio que encarar Meredith, que continua com a mesma expressão, ele volta para a sala.

Afasto meus olhos de onde vi as costas de Oliver sumirem e volto a encarar Meredith, que mal segura o sorriso disfarçado.

— Você é uma ótima atriz — acuso, indo preparar um chá para mim.

— Eu sei que sou. — E depois cai na gargalhada, cessando em seguida e dizendo: — Mas é só para lembrá-lo de que arrancarei o pênis dele se dessa vez fizer alguma merda.

Olho para minha amiga. Ela me dá uma piscadinha cúmplice e se aproxima, abraça meus ombros e mais uma vez sei que não estou desamparada. Caso eu não consiga seguir em frente com o tanto de problemas que estou tendo nos últimos meses, sei que ela vai estar ali e me ajudar até quando não precisar.



Capítulo 29

— Alô! — digo, meio grogue pelo meu sono ter sido interrompido com a ligação em meu telefone.

— Olá, bom dia! Gostaria de falar com a senhora Amélia — responde uma voz extremamente educada do outro lado.

— Bom dia! — tento melhorar a minha voz. — Sou eu.

— Aqui é do Mediclinic Oxford, o seu filho está cadastrado em nossa central de doação de medula óssea, e informo que achamos um doador compatível. Por isso, estou entrando em contato, pois precisamos que vocês venham o mais rápido possível ao hospital, para que possamos começar a

prepará-lo para receber o transplante.

Sabe quando sua vida para, tudo gira em câmera lenta e parece que nada mais faz sentido, somente aquela emoção que toma conta do seu coração? É exatamente isso que acontece comigo, sei que estou chorando, mas não paro de sorrir. Foi um ano, um maldito ano de sofrimento, para que um fio de esperança me fizesse sorrir tanto que eu nem conseguia responder à atendente do outro lado da linha.

— Senhora Amélia? — Saio do meu transe e respondo:

— Sim, estou ouvindo, irei o mais rápido que eu puder. Preciso fazer alguma coisa antes ou somente quando chegarmos aí?

— Fique tranquila, provavelmente o paciente ficará internado a partir de hoje, então só venha preparada para ser a acompanhante.

— Muito obrigada — sussurro, sem conter o choro.

Assim que ela desliga, saio correndo do quarto em direção ao do meu filho e me ajoelho no chão. Não precisou que os meninos fossem ao presídio visitar Anna, não precisou de nada, pois um doador surgiu dos céus. Sei muito bem que o corpo do meu filho pode recusar a medula e que tem muita coisa pela frente, mas só de termos encontrado alguém já faz com que meu coração não caiba de alegria dentro do meu peito.

Ainda encaro meu filho como se ele fosse um boneco de porcelana, com medo de tocá-lo e acordá-lo, mas estou tão feliz que não consigo ficar parada vendo-o dormir tão tranquilamente. Ele precisa pular de alegria junto comigo. Por isso, dou um pequeno cutucão em seu nariz.

Ele não se move, e eu não consigo ficar mais tão calma, por isso, começo a cutucá-lo e a sussurrar:

— Jack, meu amor, acorda. — Assim que abre os olhos sonolentos e foca nos meus, ele se assusta.

— O que foi, mamãe, por que a senhora tá chorando? — ele pergunta, assustado.

— Meu amor, se acalme, estou chorando de felicidade — digo, sorrindo e deixando mais lágrimas caírem. Jack vira a cabeça de lado e me encara.

— Por quê?

— Apareceu um doador.

Assim que as palavras escapam da minha boca, ele sorri. Não o sorriso dos últimos meses, que era somente disfarçado para não me assustar ainda mais, mas um sorriso verdadeiro, que mostra todos os dentes; um que

alegra ainda mais o meu coração bobo de amores por esse ser tão pequeno.

— Então quer dizer que eu posso continuar vivo? — ele pergunta, começando a chorar também.

E é aí que as comportas das minhas lágrimas são abertas e não cessam.

— Sim, meu amor. — Abraço meu filho e deixo o choro me inundar, sem disfarçá-lo. — Eu tenho fé que essa doação será a sua salvação.

Assim que Jack se levanta para tomar um banho, para partirmos para o hospital, vou ao quarto de Meredith. Bato na porta antes, pois sei muito bem que Charles passou a noite aqui. Quando a porta se abre com uma Meredith seminua, ela se assusta, provavelmente por causa dos meus olhos totalmente vermelhos.

— O que aconteceu? — diz, assustada.

— Conseguimos o doador. — Assim que meu sorriso toca meus lábios, ela entende tudo, e o sorriso do gato da Alice no país das maravilhas não chegaria nem perto do dela, nem o Coringa ganharia de Meredith.

A louca da minha amiga me abraça e grita, fazendo com que Charles corra para onde estamos sem entender nada. Ainda bem que este teve a decência de se enrolar em um cobertor. Ele continua a nos encarar, sem saber o que está acontecendo, e a gente só continua a pular, gritar, chorar e gargalhar.

— Agora vista algo, cansei de sentir seus peitos em mim — falo, quando nos acalmamos mais.

— Só se for agora, vamos salvar nosso pequeno — diz uma louca de cabelos ruivos, entrando para dentro e puxando Charles com ela.

∞∞∞∞

Jack já está internado e tomando a medicação necessária para que possa receber o transplante. Ele ficará por dez dias recebendo este tratamento para preparar seu corpo para o recebimento da nova medula.

Doutor Eric me explicou que o mais indicado nos casos do Jack é que o procedimento feito em seu doador seja por meio de punção no quadril, com isso, depois que o corpo de Jack estiver preparado, ele irá receber, por meio de uma infusão na veia, a medula óssea coletada do doador.

Quis muito saber quem tinha sido compatível, mas, por meios legais, o nome não pôde ser revelado.

Olho para meu filho, que dorme neste momento. Nunca pensei que vê-lo em uma cama, tomando mais drogas para preparar o seu corpo fosse me deixar feliz, mas pelo menos eu sei que agora é para uma jogada final. É para o tudo ou nada.

— Vim o mais rápido que pude — Oliver diz, entrando no quarto com Thomas ao seu lado. Esses dois agora não se separam.

Fico um pouco constrangida, pois nem me lembrei de avisá-lo. Olho para Meredith, que está folheando uma revista, e ela dá de ombros.

— Como ele está? — sua pergunta me deixa um pouco mais culpada. Vejo quando ele se aproxima de Jack, mas percebe que está desacordado.

— Desculpa, fiquei tão feliz de ter recebido a ligação sobre o doador, que acabei me esquecendo de avisá-lo. — Oliver me olha, mas não consigo decifrar se está com raiva ou se apenas aceita a minha versão do esquecimento.

— Tudo bem, mas, por favor, me diga o que vai acontecer agora — sua voz sussurrada me deixa constrangida.

— Meredith, você fica aqui para eu conversar com o Oliver? — pergunto.

— Claro.

— Também, ficarei, não quero me intrometer — diz Thomas. Acho que mesmo sabendo que não tem chance com a ruiva, ele ainda tenta, de alguma forma, chamar a sua atenção.

Saio do quarto com Oliver atrás de mim. Vamos para a área de alimentação do hospital e logo nos sentamos a uma mesa. Oliver segura minha mão, e eu começo a falar com ele.

Depois de contar tudo o que aconteceu desde a ligação, vejo seus olhos brilharem tanto quanto os meus. Ele sabe que esse é o fio de esperança que precisávamos.

— Nosso filho ficará bem, não é mesmo? — ele diz, assim que termino de dizer tudo.

— Espero que sim. Não sei se tenho mais forças para suportar vê-lo sofrer.

— Ele não vai sofrer mais, acho que tudo vai correr bem. — Quando Oliver começa a acariciar minha mão, sei que terei seu apoio para tudo o que irá acontecer.



Oliver e eu estamos diante do Doutor Eric. Quatro semanas se passaram desde o dia da tão esperada ligação para uma doação. Estamos aguardando seu parecer sobre todos os exames de Jack, após ele receber o transplante de medula. A mão de Oliver não deixa a minha em nenhum momento.

— Bom, com base em todos os exames, posso dizer que a medula “pegou”. — Ele sorri, cordial. — Mas devo dizer que nesses primeiros cem dias após o transplante, devemos ter alguns cuidados, afinal, é quando ocorre o maior risco de contrair infecções.

Doutor Eric nos explica que devemos sempre estar alertas, e todo cuidado é pouco, além de termos que tomar certas precauções para que tudo dê certo. Durante o primeiro ano após o transplante, as defesas contra infecções ainda não estão recuperadas. Então eu já imaginava que a Amélia bitolada iria voltar à tona.

— Doutor, entendi tudo que o senhor disse, mas o que mais quero saber é: meu filho está bem? — pergunto com a voz embargada.

— Amélia, ele está, sim. Jack, aceitou bem o procedimento, mas, como eu disse, a partir de hoje devemos acompanhá-lo, principalmente nos primeiros cem dias para que nada saia do nosso planejado.

— Meu filho está bem mesmo? — Oliver repete o questionamento.

— Sim. — Doutor Eric sorri para nós, pois percebe que não estamos acreditando. — Vamos monitorá-lo, mas, a priori, ele está bem. Não posso dizer ainda que está curado, pois precisamos continuar com o tratamento, para ver se tudo correrá bem, mas neste momento o Jack não poderia estar melhor.

Não sei quando as lágrimas começaram, mas elas vieram de uma vez e, quando percebo, estou abraçando Oliver; aquele abraço companheiro, de felicidade, de dever cumprido. O abraço que sela o bem estar do nosso filho.

Não me contenho de felicidade. Saio dos braços de Oliver e corro para os de Doutor Eric, agradecendo muito por tudo. Eu o agradeceria para sempre. Assim que o solto, não consigo manter mais as forças em minhas pernas, então, ajoelho e, com lágrimas nos olhos, agradeço a Deus, pois sei

que foi ele que salvou meu filho.

Oliver se junta a mim e me abraça novamente. Choramos juntos no chão, como duas pessoas que agora, sim, estão vivas e completas de novo. Ele, por fim, segura meu rosto em suas mãos e me beija. Não reluto, apenas me joguei com tudo em seu carinho. Eu preciso desse contato para saber que é real, que o meu filho está bem, que meu filho precisa ser monitorado, mas que está ótimo.

Retribuo o beijo de Oliver, sentindo como ele está eufórico. Pode ter conhecido Jack há poucos meses, mas já o ama tanto quanto eu e, por isso, eu o entendo. Entendo como ele está feliz e se sentindo realizado. O nosso pequeno está bem.

Quando nos recuperamos, vamos em direção à sala de espera onde se encontra a nossa pequena turma de torcedores. Assim que Meredith me vê abraçada a Oliver, ela sabe. Não preciso dizer nada, ela sempre soube ler minha mente, sempre esteve conectada a mim. Oliver podia ser o amor da minha vida que nunca esqueci, mas Meredith é o meu porto seguro, meu tudo, minha amiga, irmã, minha companheira para todas as horas.

Solto-me de Oliver e corro para seus braços, que já me esperam no meio do caminho. Quando encontro seu corpo e seu abraço aconchegante, caímos em um choro de alegria.

Só Meredith e eu sabemos o que passamos em todo esse tempo, não só com a doença de Jack, mas com tudo. Ela se vendeu para cuidar de mim, ela me ajudou a criar um filho sendo que a gente nunca soube como cuidar de uma criança, nunca tivemos o apoio necessário de ninguém, mas nós éramos uma família.

Uma família não convencional, uma família que a sociedade não olhava com bons olhos, mas soubemos passar por todas as dificuldades. A doença de Jack veio para nos fortalecer ainda mais e mostrar que contanto estivéssemos juntas, sempre estaríamos ainda mais fortes e passaríamos por tudo, mesmo que a vida tentasse nos bater todos os dias.

— Eu te disse que ele ia conseguir — minha irmã sussurra enquanto chora.

— Você me disse e como sempre eu não te ouvi — digo, também sussurrando.

— Agora vamos para a próxima fase — Meredith diz, encarando meus olhos vermelhos, e os dela não estão diferentes.

— Vamos fazer com que esse transplante dê certo, para termos o

nosso menino em casa logo. — Sorrio e continuo. — Eu te amo, Mer.

— Aceitei numa boa você me chamar de Mer enquanto estávamos tratando o Jack. — Ela direciona seu sorriso diabólico para mim e diz. — Mas se você continuar fazendo isso, vai levar um soco.

Não aguento e caio na gargalhada, esquecendo onde estamos e fazendo barulho demais para um hospital que não permite nem um espirro muito alto. Todos nos encaram, mas nossos amigos que estão perto entendem tudo e gargalham junto comigo. Afinal, essa era a Meredith que ficou reclusa por longos meses e agora está de volta; a Meredith que eu amo e sempre vou amar. Meu ser de luz.

Tudo está voltando à normalidade, agora só preciso que meu Jack esteja cem por cento para tudo ficar ainda melhor. No entanto, só de saber que o transplante deu certo e que ele está bem, já fico inteiramente feliz.

Oliver me olha. Retribuo o olhar, e sei que chegou a hora de dar a resposta para ele; espero que eu não tenha feito a escolha errada, que dessa vez dê tudo certo e eu não seja abandonada de novo, mas acredito que todos merecemos segundas chances, e ele irá receber a dele.

— Aceito — digo, murmurando, sem deixar nenhum som sair dos meus lábios, mas percebo que ele entendeu bem.

Se seu sorriso já era contagiante pela notícia de que Jack estava bem, agora fica ainda mais, o sorriso que me encantou desde a primeira vez em que o vi; o sorriso e o olhar que me conquistaram antes de eu conhecê-lo de verdade. Acho que agora, sim, tudo ficará ainda mais perfeito.

A vida é trilhada por histórias, às vezes algumas têm mais sofrimento que as outras, algumas são alegres do começo ao fim e outras não vivem nem até a sua fase adulta, pois cada um tem uma forma de cumprir o seu propósito na terra.

Fui uma garota órfã, ridicularizada por todos, que podia muito bem ter me tornado uma peça ruim na sociedade, mas não é uma vida abarrotada de coisas desagradáveis que molda o seu caráter e, sim você, que decide seguir o caminho do certo e errado.

— Eu te amo — Oliver diz, enlaçando minha cintura e encarando meu rosto.

— Eu te amo muito mais do que você possa imaginar — digo, com o coração pronto para aceitá-lo.

— Vamos ver o nosso filho e contar as novidades para ele? — Seu sorriso me fascina.

— Só se for agora.

Assim que entramos no quarto de Jack, com máscaras tampando nosso rosto para não passarmos nenhum tipo de infecção para ele, seus olhos se alegram. Por enquanto até mesmo abraços estão sendo proibidos, mas assim que ele vê nossas mãos unidas, sorri.

— Por favor, me diz que vocês se acertaram e que agora eu terei um papai e uma mamãe juntos? — Ele perde o completo interesse no filme que estava assistindo, que posso ver ser O Rei Leão.

— Mais que isso, garotão. — Oliver se aproxima da cama, evitando tocar em Jack, mesmo que esteja morrendo de vontade tanto quanto eu. — Sabe o que viemos dizer além de que sua mãe e eu nos entendemos?

Jack nega com a cabeça, Oliver olha para mim e diz:

— Conta para ele, Amélia.

— Deu tudo certo, meu amor, seu transplante foi um sucesso e agora é só cuidarmos certinho de você, para tudo ficar perfeito novamente. — Os olhos de Jack se enchem de lágrimas, e ele diz.

— Sério, mamãe? Eu ganhei dois presentes de uma vez? — Uma lágrima cai de seus olhos, e outras a acompanham.

Queria tanto abraçá-lo, só que isso está fora de cogitação.

— Ganhou, meu anjo. Amo seu pai e decidi dar mais uma chance para ele. E, sim, o Doutor Eric nos confirmou que está tudo indo muito bem com você.

— Eu tô tão feliz. Amo vocês dois — Jack diz, chorando.

— E a gente te ama, campeão — Oliver diz.

Eu sabia que tudo estava no seu devido lugar e foi justo a uma aposta besta que chegamos nesse momento. Foi uma aposta de sorte, uma grande aposta do destino, uma aposta que me fez sofrer, mas que agora me tornou a mulher mais feliz do mundo.

Neste momento o filme que Jack assiste na televisão disposta no quarto resolve nos embalar com uma canção que diz tudo sobre o nosso momento. Só consigo pensar que, sim, “eu posso sentir o amor esta noite, ele está onde estamos”.

Can you feel the love tonight? - Elton John

Fim!

Epílogo



Epílogo

— Ainda não sei se vou conseguir viver sem você por perto — Meredith diz. — Já não me sentia bem, nem com as noites que passava fora.

Viro-me delicadamente para olhar a minha irmã. Vejo que não existe nem um traço de mágoa em sua voz, afinal, ela sorri lindamente para mim, toda perfeita, pronta para ser a minha madrinha, com seu vestido vermelho reluzente.

Só Meredith para vestir um vestido tão vermelho, como seus cabelos, e ficar tão perfeita.

— Você sabe que estou a dois quarteirões de distância, não é mesmo? — pergunto, sorrindo para ela, que ama fazer uma tempestade em copo d'água.

— Claro que sei, mas antes era só você, eu e Jack no mesmo lugar, então qualquer distância já é grande. — Meredith segura a minha mão, tomando cuidado para não pisar em meu vestido. — Eu te amo, Amélia, só quero que seja ainda mais feliz e claro que irei sentir saudade.

— Se você me fizer chorar antes de ver o meu futuro marido, juro que quem te ameaçará com um soco serei eu — digo, sorrindo carinhosamente para ela. — Eu te amo mais, e nós duas seremos ainda mais felizes. Além de você poder ir me visitar até de madrugada, caso queira.

— Acho que eu não seria tão estraga prazeres. — Depois de me olhar mais uma vez, ela continua. — Você sabe que se quiser voltar para casa eu te aceitarei de volta, né? Não se sinta pregada a um homem, caso você não o queira mais em um futuro incerto.

— Sabe que eu voltaria mesmo que você não me aceitasse de volta. Você é meu refúgio, e caso meu futuro incerto seja algo muito ruim, eu voltarei o mais depressa possível para casa. — Paro por um momento, analisando seu rosto. — No entanto, acho que dessa vez será o meu "felizes para sempre".

O sorriso radiante de Meredith só confirma o que eu disse: ela sabe que depois de tanto sofrimento eu mereço ser feliz. E não é como se tivesse mal esperado para reatar com Oliver e já estivesse me casando.

Foram três anos juntos, três anos de felicidade por nosso filho ter se curado, três anos onde Oliver deixou Londres e veio para Oxford, abrindo uma filial da sua empresa aqui. Ele comprou um apartamento gigantesco a duas quadras, pois sabia que eu não conseguiria ficar muito distante de Meredith. E hoje é o grande dia, onde marcamos uma pequena reunião para selarmos o nosso amor.

A cerimônia não será nada escandalosa, no entanto, mesmo assim, sei que alguns paparazzi estarão presentes para clicar qualquer movimento nosso.

Alugamos um espaço reservado, onde nossos convidados se resumem aos meus fiéis funcionários, Meredith, Charles, Thomas e, por fim, meu pequeno grande homem, Jack. Que ficou curado, há três anos, e vive bem. Claro que nos mantemos sempre acompanhando para ver se nada acontece, mas graças a Deus tudo corre do jeito que tem que ser: perfeito.

Olho uma última vez para o meu antigo quarto, na minha antiga casa e só vejo a cama e alguns móveis que preferi deixar aqui, pois não eram necessários na outra casa. Sei que sentirei saudade deste lugar, principalmente desta cama que guardou tantas lágrimas minhas, tantas dores, mas também teve minhas grandes felicidades. Afinal, quando Jack nasceu era nela que ele dormia inicialmente. Quando tinha seus pequenos medos à noite era nela que se refugiava e foi nela que Oliver e eu fizemos amor pela terceira vez, depois não paramos mais, pois agora já perdi a conta.

Lembro que todos tinham saído. Jack foi dar a caminhada necessária para o seu tratamento com Meredith. Oliver e eu ficamos a sós e quando vim ao meu quarto pegar meu celular, assim que virei para voltar à sala, encontrei-o na porta me encarando.

Sabia muito bem o que aquela expressão passava: era o desejo puro e cru que estávamos sentindo um pelo outro há algum tempo.

Oliver se aproximou rapidamente de mim, atacando minha boca, fazendo-me gemer quase que no mesmo instante por sentir tamanho prazer por somente seus lábios estarem grudados aos meus. Quando sua mão desceu para minha bunda e a apertou por cima do vestido, soube que aquele era um caminho sem volta. Foi uma das melhores sensações que tive, um prazer que eu necessitava e que só ele sabia dar ao meu corpo.

Sorrio com os olhos marejados, olhando para o quarto com as lembranças revividas e saio assim que vejo Meredith falar que vamos nos atrasar. Levanto meu vestido de noiva, que não tem nada de bufante – nunca gostei de ser o centro das atenções, não é agora que ia querer ser, mesmo sendo a noiva. Ele é liso, na sua cor branco gelo, com um pequeno detalhe de renda na manga curta que pega na metade do meu braço.

Desço as escadas com cuidado e encontro Jack, dentro do nosso carro. Ele está muito lindo, um pequeno príncipe, em seu terno cinza escolhido a dedo por seu pai, pois sei que usará um igual.

Assim que piso no espaço escolhido para realizarmos o casamento, meu coração começa a saltitar de emoção, e a partir deste momento tudo parece sonho. Vejo quando os padrinhos entram, que no caso eram Thomas com Lili, afinal, ela se tornou constante em nossas vidas, mais do que já era. Thomas percebeu algo nela que todos já viam, mas ele não perdeu a oportunidade e se apaixonou por uma pessoa incrível. E claro que os meus

padrinhos não podiam ser ninguém menos que Meredith e Charles.

Quando Jack segura a minha mão, indicando que é a nossa vez de entrar, partimos em direção ao amor. E esse amor está me esperando lindamente no altar. No momento em que os seus olhos encontraram com os meus, simplesmente não consigo mais desviar.

Ele está ainda mais lindo, seus cabelos claros totalmente arrumados de um jeito que lhe caem perfeitamente bem. Seus olhos azuis me encaram com tanta intensidade que penso que minhas pernas não conseguirão me levar até ele do tanto que perdi minhas forças com um único olhar.

Assim que Jack me entrega para ele, Oliver faz questão de se abaixar, beijar o rosto do nosso filho e bagunçar seus cabelos levemente. Tudo passa como um borrão – o juiz de paz continua a falar as palavras necessárias, mas eu só consigo encarar o meu amor. Ele está me direcionando o olhar da mesma forma.

Passamos por tantas coisas no decorrer da nossa vida que eu nunca acreditei que chegaríamos a oficializar o nosso matrimônio. Mas agora, vendo tudo pelo que passei, sei que foi necessário, para mostrar que nos amamos de verdade e que dará certo dessa vez.

Depois de colocarmos nossas alianças que estavam prontamente nas mãos de Jack, simplesmente selamos o nosso casamento com um beijo. Tenho certeza de que muitas coisas perfeitas tinham acontecido em minha vida nos últimos tempos. Eu gostava de denominá-las como: *minhas maravilhas do mundo*. Uma delas era a cura do meu filho, depois meu entendimento com Oliver. Saber que Anna, Patryck e Roger foram condenados à prisão perpétua era uma das minhas maravilhas também. E, agora, o dia do meu casamento, com o homem que amo desde a adolescência.

Minha vida realmente se tornou perfeita. Jack abraça-nos, demonstrando toda sua felicidade, meu menino já está um homem formado. Oliver e eu correspondemos o abraço triplo da melhor forma que conseguimos. Nossa pequena plateia bate palmas, e Jack aproveita para beijar nossas bochechas várias vezes.

Olho para Meredith, que está emocionada, o que acaba derramando algumas lágrimas dos meus olhos. Realmente, minha vida se tornou maravilhosa, claro que tudo tem suas imperfeições, mas até mesmo essas imperfeições são perfeitas para mim.

— Vocês são as melhores partes da minha vida — Oliver declara,

perto o suficiente para somente Jack e eu ouvirmos. Sorrio para eles e declaro também:

— E vocês são o ar que respiro, não consigo viver nem um único dia sem vocês. — Meu filho faz uma expressão engraçada, mas entra na nossa.

— E eu amo vocês, amo ter uma família — diz, olhando para mim e seu pai.

Nosso contato se intensifica e agora posso acrescentar mais uma maravilha em minha lista: o abraço triplo também merece um lugar nessa colocação. E, sorrindo como nunca, comemoramos o nosso casamento, com as pessoas mais importantes para nós.

De uma vida incerta cheia de infelicidade, tornei-me Amélia Williams, esposa, mãe, empreendedora, cheia de alegria e agradecimentos pela vida perfeita na qual o destino apostou e deu certo.

Nota da Autora

Oi, amores!

Muito obrigada por chegarem até o final desta história que me deu um pouquinho de dor de cabeça (como sempre hahaha). Espero que tenham gostado, pois este livro é muito especial para mim.

Gostaria de pedir que se pudessem avaliar o livro na Amazon eu ficaria muito feliz. Beijinhos e até mais.